

ÁLEX SOUSA PEREIRA  
ELAINE PRODOCIMO



**LUTAS / ARTES MARCIAIS** EM UMA  
**EDUCAÇÃO FÍSICA DA PERGUNTA**

ÁLEX SOUSA PEREIRA  
ELAINE PRODOCIMO

---

**LUTAS/ARTES MARCIAIS  
EM UMA EDUCAÇÃO FÍSICA  
DA PERGUNTA**

---

  
EDITORA  
SCHREIBEN

2024

© Dos autores - 2024

Editoração e capa: Schreiben

Imagem da capa: Alex Sousa Pereira

Ilustradores: Décio Antônio Mendonça | Gabriel Junior de Andrade Luz

Diego Ramires Silva Santos | Alex Sousa Pereira

Revisão: os autores

Livro publicado em: 19/06/2024

Termo de publicação: TP0392024

**Conselho Editorial (Editora Schreiben):**

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)

Dr. Airton Spies (EPAGRI)

Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)

Dr. Cleber Duarte Coelho (UFSC)

Dr. Deivid Alex dos Santos (UEL)

Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)

Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)

Dr. Fábio Antônio Gabriel (SEED/PR)

Dra. Geuciane Felipe Guerim Fernandes (UENP)

Dra. Ivânia Campigotto Aquino (UPF)

Dr. João Carlos Tedesco (UPF)

Dr. Joel Cardoso da Silva (UFPA)

Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)

Dr. José Raimundo Rodrigues (UFES)

Dr. Klebson Souza Santos (UEFS)

Dr. Leandro Hahn (UNIARP)

Dr. Leandro Mayer (SED-SC)

Dra. Marcela Mary José da Silva (UFRB)

Dra. Marciane Kessler (URI)

Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)

Dr. Odair Neitzel (UFFS)

Dr. Wanilton Dudek (UNESPAR)

*Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).*

Editora Schreiben

Linha Cordilheira - SC-163

89896-000 Itapiranga/SC

Tel: (49) 3678 7254

editoraschreiben@gmail.com

www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P414p Pereira, Alex Sousa  
Lutas/Artes Marciais em uma Educação Física da pergunta / Alex Pereira Sousa ;  
Elaine Prodócimo. --Itapiranga : Schreiben, 2024.  
122 p. ; il. ; 16 x 23 cm.  
Bibliografia  
E-book no formato PDF.  
ISBN: 978-65-5440-278-1  
DOI: 10.29327/5406776  
1. Luta corporal. 2. Artes marciais. 3. Educação libertadora. 4. Formação profissio-  
sional. 5. Linguagem corporal. I. Título. II. Prodócimo, Elaine.

CDD 796.8

Bibliotecária responsável Juliane Steffen CRB14/1736

# SUMÁRIO

## Capítulo 1

A CIÊNCIA QUE SONHA E O VERSO QUE INVESTIGA.....	7
1.1. Notas introdutórias.....	12
1.2. Reflexões introdutórias.....	16

## Capítulo 2

PEDAGOGIA FREIREANA É A PEDAGOGIA DO CAOS? DIÁLOGO EM BUSCA DE SENTIDO PARA A ESCOLA.....	19
2.1. A Teoria do Caos.....	23
2.2. Uma Pedagogia do Caos?.....	27
2.2.1. <i>Qual o sentido de ir à escola?</i> .....	30
2.2.2. <i>Podemos buscar no caos, nossa liberdade?</i> .....	34

## Capítulo 3

O CORPO DE QUEM LUTA “FALA”? REFLEXÕES SOBRE AS LINGUAGENS DAS LUTAS/ARTES MARCIAIS.....	39
3.1. Educação Física na área das Linguagens?.....	41
3.2. Existe educação libertadora na expressão da linguagem corporal?.....	45
3.3. O corpo de quem luta fala?.....	49
3.3.1. <i>Como podemos ler as Lutas/ Artes Marciais?</i> .....	63

## Capítulo 4

POR OLHARES DEMORADOS EM UMA EDUCAÇÃO FÍSICA DA PERGUNTA.....	71
4.1. Fessor, a aula é teórica ou prática? É aula práxis!.....	76
4.2. E se tivermos a audácia de problematizar a Educação Física?.....	82
4.3. Por um ensino de Lutas/Artes Marciais em práxis problematizadora.....	89
4.3.1. <i>Jogos de Oposição e Técnicas Sistematizadas,             até onde a Luta pode ir?</i> .....	97

## **Capítulo 5**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ESSA JORNADA TERMINA AQUI?.....107

REFERÊNCIAS.....114

### **Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.**

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves



Nando  
Motta

- CAPÍTULO 1 -

# A CIÊNCIA QUE SONHA E O VERSO QUE INVESTIGA



**Ninguém nasce feito, é experimentando-nos  
no mundo que nós nos fazemos.  
Paulo Freire**

**Vamos virar a mesa, começar pelo fim**, como é de praxe nesta sociedade invertida onde habitamos, onde o desfecho guia nossos passos antes mesmo de darmos o primeiro. Então, permita-nos poupar-lhe o árduo caminho através das páginas deste livro, caso o objetivo final não lhe seduza. Este livro, ah, este livro! Ele não se presta a ser mapa que aponta direções claras, conforme o título sugere, é um convite ao atrevimento. **Em suas páginas, o que floresce não são respostas prontas, mas um jardim exuberante de indagações, de reflexões que se entrelaçam, que provocam e, acima de tudo, que questionam.** Portanto, se são respostas que busca, devo alertá-lo: é possível que termine esta jornada com um punhado maior de perguntas do que tinha ao iniciar. Estaria você, então, disposto(a) a embarcar nesta aventura, a aceitar o desafio de mergulhar nas profundezas de um oceano de interrogações sem garantia de encontrar terra firme?



Ousamos desafiar o convencional, o estabelecido, já nas próprias linhas e entrelinhas desta obra que emerge **contra a ideia de ser um mero manual**. Ah, os manuais! Esses livros de certezas, que se atribuem o direito de ditar verdades incontestáveis sobre os mistérios do universo e da existência, pretendendo uma objetividade e uma precisão quase matemáticas. **Aqui, nós nos afastamos deliberadamente desse conceito de manual, um “livro-bancário”,** que busca, de maneira quase tirânica, **domesticar o leitor**, impor uma ordem ao caos de seu pensamento, ditar o que é digno de nota e o que deve ser relegado ao esquecimento (Freire, 2005). É um livro que não se contenta em ser guia, ao contrário, ele quer ser um convite ao debate, à dúvida, ao questionamento. Pretende, em vez de

**Aqui, nós nos afastamos deliberadamente desse conceito de manual, um “livro-bancário”, que busca, de maneira quase tirânica, domesticar o leitor**

fornecer mapas, incentivar a exploração de territórios desconhecidos. O “livro-bancário”, em sua essência, ambiciona moldar o pensamento, cercear a liberdade de interpretar e restringir as possibilidades de compreensão a um único caminho previamente delimitado. **Mas nós, aqui, escolhemos outro caminho.** Um caminho que celebra a indagação, que acolhe a pluralidade de interpretações, que encoraja o leitor a não apenas seguir, mas a dançar ao ritmo de suas próprias reflexões.

Em uma trilha inteiramente distinta, emergimos na esfera do que chamamos de **“livro-problematizador”,** inspirado no “livro-experiência” constituído

pelos professores Álex Pereira, Fábio Reis, Kleber Carneiro e Alcides Scaglia (2021)<sup>1</sup>. Sua essência não é a de ditar verdades ou caminhos, mas sim de provocar, de instigar o leitor(a) a embarcar numa jornada rumo ao desconhecido de si mesmo e do seu fazer educativo. **Imagem, caros amigos e amigas, um convite não para seguir um roteiro pré-estabelecido, mas para cultivar uma postura crítica, uma atitude que desafia, que questiona, que não se conforma com o dado, com o pronto.**

**um  
livro-problematizador  
que convida não para  
seguir um roteiro  
pré-estabelecido, mas  
para cultivar uma  
postura crítica, uma  
atitude que desafia,  
que questiona...**

É um convocar para a dança dos que criam seus passos na arte de ensinar, na construção de uma prática pedagógica que se alimenta das inquietações, das dúvidas, das perguntas que a obra, em sua generosidade, nos oferta.

Assim sendo, este não é um livro que ilumina um caminho seguro e único. Longe disso, é uma obra que nos propõe a ousadia de desmontar os trilhos conhecidos, de subverter as expectativas de um trajeto sem sobressaltos. O que se oferece, na verdade, é um labirinto, um entrelaçado de caminhos possíveis, uma travessia por uma floresta densa, repleta de sombras e luzes, de árvores altivas e riachos murmurantes, uma aventura pedagógica que é, em sua essência, uma peregrinação. Uma peregrinação que não promete destinos, mas desvela horizontes, que não tranquiliza, mas sim, agita e convoca à ação. E assim, neste percurso, talvez não encontremos respostas definitivas, mas certamente nos **encontraremos com a riqueza do questionar, do problematizar, do tecer, com nossas próprias mãos, o tecido de nossa prática pedagógica.**

Eu posso criar  
a aula com  
o professor?!



E então, meus caros e minhas caras, **lançamos-lhes um desafio**, um convite à dança das ideias, à revolução do pensar. A vocês, mestres e mestras do saber, propomos um salto para além dos muros da certeza, para adentrar o território do questionamento, **onde os desafios e o caos não são barreiras**, mas sim ferramentas que nos constroem, que nos transformam em professores(as)-problematizadores(as). Ah, que bela jornada nos espera! Uma jornada inesperada, onde não caminhamos sob a ilusão de que o conhecimento é

<sup>1</sup> A ideia em que nos baseamos para construção desse livro-problematizador e da utilização das imagens e personagens se constitui inspirado no livro-experiência criado na dissertação de mestrado de Álex Pereira (2018) e no livro “Pedagogia das Lutas/Artes Marciais: do ambiente de jogo a sistematização do ensino” dos autores Álex Pereira, Fábio Reis, Kleber Carneiro e Alcides Scaglia (2021).

um território conquistado, uma terra já mapeada. Não, caríssimos! O conhecimento é um ser vivo, pulsante, em constante metamorfose. E não pensem que os caminhos antes trilhados serão abandonados ou relegados ao esquecimento. Ao contrário! Eles são o solo fértil sobre o qual plantaremos as sementes da curiosidade e da dúvida. Cada passo dado, cada trilha percorrida é um convite à reflexão, à reinterpretção, à reinvenção e ressignificação. Assim, caminharemos juntos, professores, professoras, educandos e educandas, em uma relação pedagógica dinâmica, em que o saber se constrói na interação, no diálogo, na partilha de experiências. **Que estejamos sempre prontos para questionar o já sabido, para desafiar o estabelecido**, e assim, juntos, tecer uma tapeçaria rica de conhecimento que se renova, que se reinventa, que se revela a cada novo olhar. **Vamos, então, embarcar nessa jornada?**

Talvez, neste exato momento, uma pergunta se insinue em sua mente, curiosa e persistente: por que razão nós, autor e autora, decidimos dar vida a um **livro-problematizador que se recusa a fechar questões e, ao contrário, escolhe provocar**, de maneira quase rebelde, questionamentos sobre a Educação Física, o ensino das **Lutas/Artes Marciais**<sup>2</sup> e até mesmo sobre a essência de um livro? A resposta reside na simples, porém profunda convicção de que nenhum livro, por mais repleto de informações que seja, ou por mais brilhantemente redigido que esteja, consegue encapsular a totalidade do saber necessário ao processo de ensino-aprendizagem (Pereira, Reis, Carneiro, Scaglia, 2021). Existe, na prática docente, uma imprevisibilidade intrínseca, um elemento de surpresa que faz com que cada aula seja um salto no escuro, uma aventura única. Este material, então, não é mero texto, é um convite audacioso para subir ao ringue frente a um adversário ainda não revelado, para **dançar ao som de uma música que ainda será composta**.

**Nenhum livro, por mais repleto de informações que seja, ou por mais brilhantemente redigido que esteja, consegue encapsular a totalidade do saber necessário ao processo de ensino-aprendizagem.**

Da mesma forma que seria um equívoco acreditar na existência de uma fórmula mágica, de uma metodologia fechada e um manual imutável para

2 Conforme Pereira, Reis e Carneiro (2020), observa-se que tanto na concepção de Lutas quanto no entendimento de Artes Marciais existe certa complementaridade, seja no plano da evolução histórica, na conformação das práticas corporais, afora a evolução dos seus saberes e artefatos. Em que pesem os riscos (tradições, histórias e elementos contextuais) que existem ao aproximá-las, ainda assim, independentemente da ousadia epistemológica e de suas implicações, coaduná-las nos parece indicar um caminho interessante na tentativa de ampliar a presença de seus conhecimentos no espaço escolar, razão pela qual optamos pelo binômio: Lutas/Artes Marciais.

navegar os mares revoltos da educação, seria um desatino ignorar as vozes daqueles por quem, de fato, navegamos: as crianças e os jovens, os educandos e educandas. Eles(as), os(as) verdadeiros(as) protagonistas(as) da jornada escolar, **não devem ser apenas figurantes ou espectadores(as) passivos(as) desse espetáculo chamado aprendizado**. Pelo contrário, é fundamental que sejam ouvidos e ouvidas, que seus saberes e visões de mundo sejam o ponto de partida para a construção de uma prática pedagógica que seja verdadeiramente sua, que dialogue com suas experiências, suas curiosidades, suas inquietações.



Nessa perspectiva dialógica, nesse encontro de vozes, reside a possibilidade sublime de ampliar horizontes, de expandir a compreensão sobre si mesmo e sobre o mundo. Ao **valorizar o conhecimento prévio dos educandos e educandas**, ao tecer juntos o tecido da aprendizagem, estamos não apenas reconhecendo seu direito inalienável ao conhecimento, mas estamos pavimentando caminhos para sua emancipação. **Afinal, educar é muito mais do que transmitir informações, é criar condições para que cada ser possa se tornar autor e autora de sua própria história**, é permitir que cada um(a) possa se ler e reescrever-se no livro da vida. Portanto, que a nossa prática pedagógica seja um convite aberto à participação, um espaço onde cada voz conta, onde cada história importa, e onde, juntos e juntas, possamos descobrir, redescobrir e (re)inventar o mundo em sua plenitude.

## 1.1.

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

Em uma sinfonia de vozes e visões, **esse livro se constituiu da realização de um curso de formação de professores e professoras**. Nosso curso desdobrou-se, abraçando a magia da dialogicidade com os professores e professoras que a ele se juntaram. Cada encontro, embora esboçado com a delicadeza

**Cada encontro, embora esboçado com a delicadeza da antecipação, ganhou novas cores, formas, e sentidos, construídos pelas necessidades vibrantes e pelas potencialidades ricas do coletivo**

da antecipação, ganhou novas cores, formas e sentidos, construídos pelas necessidades vibrantes e pelas potencialidades ricas do coletivo. Desde o alvorecer de nossa jornada, mergulhamos no vasto oceano temático que liga a pedagogia freireana e a Educação Física escolar ao artefato vivo do ensino das Lutas/Artes Marciais. **Entre os participantes, havia almas já navegadas pelas águas tanto de Paulo Freire quanto das Lutas/Artes Marciais**, algumas até já haviam dançado ao ritmo de seminários que um dos autores dessa obra e outros colegas orquestramos em tempos anteriores. Esses ricos antecedentes, colhidos com o zelo de um jardineiro que cuida de suas flores mais raras, através do formulário digital da inscrição e nas conversas iniciais, tornaram-se o solo fértil para que brotassem questionamentos, reflexões e insights alvissareiros.

**E que espetáculo foi!** À medida que cada participante, com sua voz única, lançava luz sobre suas experiências, percepções e questionamentos acerca do vasto universo da educação e das artes marciais, o tecido de nossa conversa foi se tornando cada vez mais rico, mais colorido, mais profundo. Assim, as discussões que se seguiram não foram meras trocas de palavras, **mas verdadeiras celebrações do conhecimento, marcadas e enriquecidas pelas contribuições preciosas de cada educador e educadora que conosco compartilharam o palco dessa maravilhosa aventura pedagógica.**

Em uma jornada de descobertas e trocas, o curso desdobrou-se, verdadeiramente, como um teatro de diálogos, em que cada ato convidava à voz, à escuta e à reflexão conjunta. Não foi uma viagem solitária de exposições monológicas, mas sim, **um convite aberto ao diálogo, em que educadores e educadoras, mais do que espectadores(as), eram atores e atrizes principais,**

**encorajados(as) a tecer conversas com todos e todas presentes.** E assim, os encontros se transformavam em arenas vibrantes de problematização, refletindo não apenas sobre os temas propostos, mas mergulhando nas águas profundas da realidade vivenciada por cada um(a) dos(as) participantes. Cada sessão, cuidadosamente esboçada na lousa do planejamento, ganhava vida e forma próprias, movendo-se e moldando-se ao ritmo das discussões, das dúvidas que brotavam, das angústias compartilhadas. Esse planejamento, longe de ser uma estrutura rígida, mostrava-se uma tapeçaria flexível, pronta para ser refeita, reorganizada, em resposta às necessidades do momento, às vozes do coletivo.

**Os encontros se transformavam em arenas vibrantes de problematizações dos temas e das realidades vividas**

Os temas dialogados, **sementes lançadas nesse solo fértil de encontros**, desdobravam-se em uma sequência de reflexões, **cada uma abrindo portas para novas salas de pensamento, novos corredores de questionamentos.** E assim, passo a passo, o curso tecia uma rede rica de aprendizados, em que cada fio era uma pergunta, cada nó, uma descoberta, mostrando que, na verdadeira educação dialógica, o caminho se faz no caminhar, na coragem de enfrentar o desconhecido, na disposição para recriar o roteiro a cada novo amanhecer.

**Quadro 1:** Descrição dos temas de cada encontro.



TEMAS QUE FORAM DESENVOLVIDOS NO CURSO DE FORMAÇÃO	
<b>Primeiro Encontro</b>	Paulo Freire e sua obra, qual sua importância para a Educação e para Educação Física?
<b>Segundo Encontro</b>	Contextualização histórica e cultural das Lutas/Artes Marciais.
<b>Terceiro Encontro</b>	Tematização, problematização e conscientização: reflexões sobre a pedagogia freireana e a Educação Física escolar.
<b>Quarto Encontro</b>	Intercambiando Jogo e Luta/Artes Marcial em experiências aplicadas.
<b>Quinto Encontro</b>	Ensino de Lutas/Artes Marciais como uma prática de Educação Libertadora, pautada na pedagogia freireana.

**Fonte:** elaborada pelos autores(as)

Neste navio de descoberta e conhecimento, embarcamos ao lado de **doze valorosos educadores e educadoras**, cada um trazendo sua luz própria das várias instituições de ensino público espalhadas pelo Sul de Minas Gerais. A bordo,

você se deparará com um vasto oceano de diversidade, refletindo as inúmeras facetas e profundezas da educação, desde as salas vibrantes da educação básica até os desafiadores corredores do ensino superior. Este mosaico de experiências, com suas cores variadas e texturas ricas, **oferece uma oportunidade única para mergulhar nas diferentes abordagens pedagógicas, metodologias inovadoras**, e na riqueza de saberes que esses mestres da educação trazem consigo. Eles e elas não são apenas transmissores(as) de conhecimento, mas guardiões(ãs) de histórias, desbravadores(as) de caminhos desconhecidos, e, acima de tudo, facilitadores(as) daquela mágica que acontece quando mentes curiosas encontram espaços para florescer.

**Quadro 2:** Descrição dos/as participantes da pesquisa



DESCRIÇÃO DOS/AS PARTICIPANTES DA PESQUISA				
Participantes <sup>3</sup>	Gênero	Tempo de Formados/as	Tempo de Atuação na Docência	Nível de Ensino que trabalham
T'Challa	M	4 anos	1 ano	Ensino Superior
Nanisca	F	5 anos	2 anos	Ensino Fundamental I
Naruto	M	5 anos	2 anos	Ensino Fundamental II
Graice	M	4 anos	4 anos	Ensino Fundamental II Ensino Médio
Ramonda	F	30 anos	24 anos	Ensino Infantil
Namor	M	11 anos	8 anos	Ensino Infantil Ensino Fundamental I
John	M	8 anos	8 anos	Ensino Fundamental II Ensino Médio EJA
Chun Li	F	3 anos	2 anos	Ensino Fundamental I
Sonya Blade	F	4 anos	3 anos	Ensino Fundamental II Ensino Médio
Honda	F	19 anos	16 anos	Ensino Fundamental I Ensino Fundamental II
Mínotauru	M	2 anos	1 ano	Ensino Fundamental II
Haru	M	18 anos	17 anos	Ensino Infantil Ensino Fundamental I Ensino Fundamental II

**Fonte:** elaborada pelos autores(as)

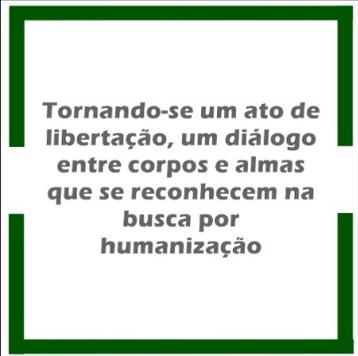
<sup>3</sup> O nome dos professores e professoras foi modificado para que suas identidades fossem preservadas. A escolha dos pseudônimos foi feita em conjunto com os(as) participantes e são todos nomes de lutadoras(as) reais ou de filmes, seriados ou jogos de videogame.

**Ao encerrar esta sinfonia de aprendizados e encontros, de diálogos tecidos e saberes compartilhados, vislumbramos o horizonte de uma jornada que, embora tenha chegado a uma pausa, jamais encontrará seu término definitivo. Este livro, fruto de uma experiência viva de formação, não é apenas um registro, é um convite constante à reflexão, à investigação, ao constante redescobrimiento de nós mesmos e do mundo que nos rodeia através da pedagogia freireana, da Educação Física escolar e das vibrantes Lutas/Artes Marciais.**

Nas páginas deste livro, cada tema abordado, cada encontro realizado, **foi uma estrela no vasto firmamento do conhecimento, iluminando caminhos possíveis para uma Educação Física que transcende a mera transmissão de técnicas, tornando-se um ato de libertação, um diálogo entre corpos e almas que se reconhecem na busca por uma humanidade mais plena.** A sequência de temas, cuidadosamente construída em conjunto, revelou-se não como um roteiro fechado, mas como um convite à jornada, um

prelúdio a inúmeras outras viagens que cada educador e educadora, inspirados por Paulo Freire e pelas práticas de Lutas/Artes Marciais, ainda irão empreender.

E assim, enquanto as cortinas se fecharam sobre este ato particular de nossa aventura pedagógica, **ficou e fica o eco de nossas vozes, a ressonância de nossas indagações e o calor de nossas descobertas,** nos lembrando que, em educação, **cada fim é apenas um novo começo.** Que a coragem de enfrentar o desconhecido, a disposição para dialogar e problematizar, a vontade de tecer juntos o tecido de uma realidade mais justa e amorosa, sejam as lanternas que nos guiam nesta e em todas as jornadas que ainda temos pela frente. Assim, caros e caras colegas, este é um convite aberto para **continuarmos a tecer, juntos e juntas, a grande tapeçaria da educação libertadora,** em que cada nó é uma conexão, cada fio, uma possibilidade, e cada espaço vazio, uma oportunidade para criar, sonhar e transformar.



**Tornando-se um ato de libertação, um diálogo entre corpos e almas que se reconhecem na busca por humanização**

## 1.2.

## REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

“ É preciso que a leitura seja um ato de amor. ”

*Paulo Freire*



Este livro é um convite a embarcar em uma jornada de descoberta e reflexão que, como apontado, teve início no coração vibrante de um curso de formação com professores e professoras de Educação Física escolar, espalhados por esse pedaço de terra fértil e cheio de vida que é o Sul de Minas Gerais. **Foram encontros alvissareiros, um laboratório de ideias com o propósito nobre de entrelaçar diálogos e reflexões em torno da tematização das Lutas/ Artes Marciais sob a égide de uma Educação Libertadora**, tendo como farol os ensinamentos de Paulo Freire para iluminar os caminhos da Educação Básica. Assim, nas páginas a seguir, você se deparará com fragmentos desses encontros, trechos transcritos do curso, vozes capturadas nas entrevistas, cada um deles abrindo veredas para desenvolver reflexões profundas e provocar discussões sobre os temas que hoje pulsam no coração da Educação Física e, mais intimamente, no ensino de Lutas/Artes Marciais. É, portanto, mais do que um livro, **é uma tessitura de experiências**, um mosaico de saberes que convida você, leitor(a), a se juntar a nós nesta caminhada de aprendizado permanente.

Assim como o mestre Paulo Freire nos ensinou com sua sabedoria sem par, **entender o mundo é o primeiro passo antes mesmo de mergulharmos nas palavras**, nas letras, nas sílabas. A leitura do mundo é o prólogo indispensável para qualquer aprendizado significativo (Freire, 1988). E essa leitura, essa compreensão inicial, só ganha verdadeiro valor, verdadeira substância, quando serve para expandir, para engrandecer nossa visão de mundo, de sociedade, de nós mesmos. Será possível trazer isso para o universo da Educação Física? Num território tão vasto quanto profundo? Talvez, **antes de decifrar a palavra – nesse contexto, os gestos técnicos, os golpes – precisamos ler o mundo** onde essas práticas corporais se manifestam, se desenvolvem.

Eu consigo entender a minha realidade aprendendo Lutas?



É preciso compreender o porquê por trás dos movimentos, interpretar cada gesto não como mera execução física, mas como expressão, **como linguagem carregada de significado**, de história, de cultura. E assim, aprendemos

**Interpretar cada gesto não como mera execução física, mas como expressão, como linguagem carregada de significado, de história, de cultura.**

que as práticas corporais não se resumem a um conjunto de técnicas a serem dominadas, são, antes, um convite a expandir nossa percepção sobre o mundo, sobre a sociedade a que pertencemos, sobre nós mesmos. **Quais aprendizados realmente podemos construir com essas práticas?** Alguns caminhos nos levaram a uma compreensão mais ampla, mais rica, mais profunda de nosso lugar no mundo e de como podemos, por meio de gestos milenares, expressar e redefinir nossa existência.

A escolha de abordar o ensino das Lutas/Artes Marciais sob a perspectiva de uma **educação libertadora**, ah, meus caros e minhas caras, **essa é uma escolha de resistência!** Uma escolha que se opõe frontalmente àquela educação bancária, àquela prática antidialógica que insiste em reduzir os educandos e educandas a meros receptáculos de informações, desprovidos de pensamento crítico, de voz, de vez. Este caminho que trilhamos, ao contrário, é pavimentado com a compreensão de que as **técnicas e táticas de combate carregam consigo não apenas um legado histórico, mas um profundo significado social**, que demanda uma abordagem consciente e crítica. Uma abordagem que valoriza o conhecimento prévio que as crianças e os jovens trazem em suas mochilas culturais, mas que se atreve a ir além, a explorar a possibilidade de que, juntos, educadores(as) e educandos(as) possam desvendar e remodelar a realidade através da ação, em **um esforço conjunto para superar os obstáculos que se opõem à plena humanização** (Freire, 2005).

**Neste cenário, será que o ensino das Lutas/Artes Marciais pode se converter em uma prática de educação libertadora?** Essas trilhas nos instigam a pensar que as crianças e jovens possam se reconhecer e serem reconhecidos como sujeitos de seu próprio pensar. Dialogar sobre seus pensamentos, sobre suas visões de mundo, **em um processo que transcende a mera transferência de conhecimento para se tornar uma práxis autêntica e revolucionária.** Paulo Freire nos ensina que é nesta interação, neste exercício constante de reflexão e ação, que reside a verdadeira educação. E assim, ao nos aventurarmos por esse caminho, afirmamos, sem temor, que o ensino das Lutas/Artes



Marciais, quando imbuído deste espírito libertador, pode ter o poder de transformar não apenas indivíduos, mas a própria realidade que os circunda.

O livro está organizado em cinco capítulos. O primeiro é a introdução em que apresentamos a concepção de um livro-problematizador que está sob sua tutela agora e na segunda parte apresentamos uma breve introdução ao tema do ensino de Lutas/Artes Marciais como uma prática de Educação Libertadora.

No segundo capítulo trazemos uma reflexão sobre a pedagogia freireana ser possivelmente uma **pedagogia do caos**; alguns dos professores e professoras que participaram do curso de formação apresentaram algumas angústias em relação a uma pedagogia aberta que permita o diálogo e a interação ampla com os educandos e educandas e isso gerar um caos nas aulas. Essa angústia se converteu no tema gerador impulsionador desse segundo capítulo.

No terceiro capítulo desenvolvemos uma discussão sobre a Educação Física como linguagem e **as linguagens das Lutas/Artes Marciais**. Desenvolvemos reflexões sobre a amplitude que essas manifestações podem ter se as interpretarmos como linguagens corporais.

No quarto capítulo apresentamos reflexões **sobre problematizações e a práxis educativa em um ensino de Lutas/Artes Marciais** na Educação Física escolar que vá além do ensino de técnicas e jogos de oposição.

E, por fim, no quinto e último capítulo, apresentamos nossas considerações e impressões sobre esta obra. Nossa expectativa é que este trabalho ofereça **contribuições nos estudos sobre as Lutas/Artes Marciais**, bem como colabore para se pensar a constituição da formação permanente e libertadora para professores(as) da Educação Física Escolar.



**- CAPÍTULO 2 -**

# **PEDAGOGIA FREIREANA É A PEDAGOGIA DO CAOS?**

**Diálogo em busca de sentido para a escola**

**Para mim,  
é impossível  
existir sem  
sonho. A vida na  
sua totalidade me  
ensinou como grande  
lição que é impossível  
assumi-la sem risco.**

**Paulo Freire**



Optamos por começar a discussão em nosso livro justamente por este tema, pois entendemos a força de pensar a ideia de uma **Pedagogia do Caos**<sup>1</sup>. E porque precisamos entender como essa reflexão nos atinge, atinge os professores e professoras e seu processo de professorar pautados(as) em **pedagogias mais abertas e críticas como a pedagogia freireana**.

Neste caso compreendemos que a pedagogia freireana pode ser um caminho guia para os(as) professores(as), com base nos estudos desenvolvidos sob uma **perspectiva crítica**. Diferentemente do que aconteceu nos últimos anos, em que Paulo Freire e sua obra foram banalizados e atacados principalmente pelo governo federal entre 2019 e 2022, compreendemos que Paulo Freire não deveria ser negado, mas, ao contrário, deveria ser possibilitado, incentivado e acima de tudo dialogado em suas mais diversas formas nos diferentes contextos pedagógicos.



No nosso caso, pudemos observar nas falas de alguns professores(as) no contexto do curso de formação, uma **angústia em se cogitar trabalhar com um método mais aberto**, ou menos diretivo. Especificamente nesse ponto buscamos compreender como as reflexões da pedagogia freireana podem se desenvolver a partir das **situações limite**<sup>2</sup> constituídas historicamente pelos professores e professoras.

Essa unidade emergiu especialmente na fala de uma professora quando debatíamos sobre o diálogo com os(as) estudantes e a possibilidade de que, a partir desse diálogo, a aula poderia tomar novos rumos.

*Nós podemos ouvir os alunos e isso pode levar os diálogos e as aulas para caminhos diferentes do que planejamos, acho que isso pode gerar, não sei, instaurar um caos na aula em que a gente não consiga organizar a aula mais. (Encontro 5, Honda)*

Essa reflexão fica mais evidente quando um professor complementa sobre

- 1 Esse foi um “apelido” dado pelo grupo de professores e professoras do curso de formação quando debatíamos sobre a pedagogia freireana.
- 2 Situações-limites são constituídas por contradições que envolvem os indivíduos, produzindo-lhes uma aderência aos fatos e, ao mesmo tempo, levando-os a perceberem como fatalismo aquilo que lhes está acontecendo. Como não conseguem afastar-se disso, nem se percebem com algum empoderamento, aceitam o que lhes é imposto, submetendo-se aos acontecimentos. Eles não têm consciência de sua submissão porque as próprias situações-limites fazem com que cada um sintam-se impotente diante do que lhe acontece (OSOWSKI, 2019, p. 432).

*Identidade né. Se a gente for ver a criação de identidades, e tem tantas diferentes em uma sala de aula, cada um puxando pro seu lado, pode gerar um caos mesmo. A gente tenta colocar caixinhas, encaixotar saberes e práticas, tem que ser assim, assim é bom e tal. Mas refletindo agora a gente sempre vê que é importante sair das caixinhas. Quando a gente usa o Paulo Freire é bem isso pelo que eu estou percebendo. A gente coloca, a gente tenta pegar aquilo que está ali, levar para cá, de cá para lá e tenta ver o que faz sentido, fazer uma construção de um material que tem significância para mim, pro aluno, pro professor para quem olha e tal, é interessante pensar isso, mas parece bem complicado (Encontro 5, Naruto).*

Deste modo, compreendemos que sendo a escola um espaço em que acontece o encontro de pessoas com uma grande diversidade cultural e muitos e diferentes conhecimentos construídos, **teremos também formas muito**



Será que aula com diálogo causa caos?

**diversificadas de ver e estar no mundo.** Isso, caso haja escuta e possibilidade de liberdade de expressão, criará uma imprevisibilidade grande quando debatemos temas complexos. Contudo, como observado, a palavra caos é o adjetivo utilizado por alguns(mas) professores(as) para **expressar sua aflição e angústia quando debatemos sobre a ampliação de possibilidades de uma aula aberta, de diálogos** em que realmente ouvimos os(as) estudantes e levamos

suas falas em consideração para darmos novos rumos aos processos de ensino.

Neste aspecto desenvolveremos uma discussão sobre o “caos” e suas possíveis relações com a visão que se tem da pedagogia freireana. Para iniciarmos essa discussão vamos verificar qual o significado da palavra caos, inicialmente no dicionário, vejamos:

- 1- Nas narrativas e teorias cosmogônicas e nas mitologias que antecedem o surgimento da filosofia, seria o vazio primordial que teria precedido a criação do Universo.
- 2- Estado em que predominam a confusão e o desequilíbrio totais; babel, barafunda, desordem: O apartamento está um caos desde que eles chegaram.
- 3- Confusão ou perturbação mental; descontrole, transtorno: Minha cabeça está um caos.
- 4- Comportamento imprevisível e aparentemente aleatório de um sistema determinista que é extremamente sensível a mudanças em parâmetros iniciais (Cf efeito borboleta) (MICHAELIS ONLINE, 2023).

Podemos verificar **três concepções de caos** nos significados que o dicionário Michaelis nos proporcionou. O **primeiro diz respeito à mitologia grega**, em que Hesíodo definia o caos como o vazio primordial que antecedeu

a criação do Universo. O **segundo significado é o que se aproxima mais do senso comum**, o caos se transforma em **sinônimo de confusão, desordem**, transtorno tanto mental quanto social, nesse caso, o caos é, em grande medida, considerado ruim pelos que o utilizam para adjetivar certas situações. É utilizado, muitas vezes, para definir situações de desordem, como uma sala de aula em que os(as) estudantes estão caminhando pela sala, conversando alto, sentados(as) nas mesas, jogando bolinhas de papel e desconcentrados(as) do conteúdo ministrado pelo(a) professor(a). Outro exemplo fica ao cargo das aulas de Educação Física, com aulas em que os gestos e movimentos se intensificam, as vezes observadores(as) externos(as) veem a aula de Educação Física escolar e não compreendem o que está colocado como objetivo na aula, qual método e processo de aprendizagem, nessas ocasiões, com certa frequência adjetivam a aula de Educação Física como um caos instaurado.

O **terceiro significado está ao cargo de uma teoria da Física, a Teoria do Caos**, que é o estudo da desordem organizada e foi proposta inicialmente pelo meteorologista Edward Lorenz na década de 1960. Diferentemente da compreensão de caos do senso comum, o caos nessa perspectiva não é a pura desordem, mas está mais voltado para a imprevisibilidade de conseguirmos prever certos resultados.

Compreendemos que, pelas falas transcritas e citadas anteriormente, a palavra caos é utilizada pelos professores e professoras participantes do curso mais direcionada para o significado de desordem, o segundo significado. **Eles(as) apresentam suas angústias em desenvolver um método que “desorganize” suas aulas, que crie situações em que eles(as) não consigam retomar o diálogo comos(as) estudantes e percam os rumos da aula.**

Essa é uma angústia válida, pois quando falamos em pedagogia freireana, estamos falando em dialogicidade, em ouvir os educandos e educandas com escuta verdadeira e realmente levarmos em conta suas vozes para adaptarmos os planejamentos e as próprias aulas. Sendo assim, se realmente ouvirmos os educandos e educandas, **nós nos colocaremos em risco, um risco de não termos a certeza de como as aulas se desenvolverão**,

o risco de surgirem questões que não saberemos responder, o risco de surgirem problemas que não nos sentiremos preparados para resolver. Por isso refletirmos sobre essa angústia dos professores e professoras é pertinente. Se aprendemos historicamente a constituir aulas e planejamentos engessados

**Quando falamos em pedagogia freireana, estamos falando em dialogicidade, em ouvir os educandos e educandas com escuta verdadeira e realmente levarmos em conta suas vozes para adaptarmos os planejamentos e as próprias aulas.**

que impedem o desabrochar da imprevisibilidade e essa construção histórica de como dar aula nos encaminha para não nos colocarmos em risco, **porque mudaríamos?** Quando refletimos sobre um processo de ensino que nos levará em outra direção, na direção do risco, do não previsível, da incerteza, a primeira impressão e talvez a segunda e terceira também, será de que isso será a pura desordem, será um “caos”.

Entretanto, nós gostaríamos de trazer uma outra reflexão sobre o caos, de um caos não da desordem total, mas um caos da desordem organizada, um caos que talvez seja possível e pertinente para que o desabrochar da imprevisibilidade das aulas freireanas se transmute em potência educativa. **Será possível, o caos como potencializador do aprendizado?**



## 2.1.

## A Teoria do Caos

Para desenvolver essa reflexão sobre o caos, vamos na direção da compreensão da Teoria do Caos desenvolvida inicialmente por Edward Lorentz (1917 – 2008). Ele desenvolveu um modelo que simulava no computador a evolução das condições climáticas para melhorar a previsão do tempo. Indicando os valores iniciais de ventos, temperaturas e outros, o computador se encarregava de fazer os cálculos e a simulação da previsão climática. Nessas simulações, Lorentz acreditava que pequenas modificações nas condições iniciais não acarretariam alterações significativas nas mudanças dos quadros como um todo. Entretanto, ele obteve como resultados o contrário, **percebeu que até a alteração das condições iniciais em 0,000001 nos cálculos, ou seja, alteração da sexta casa decimal depois da vírgula, traria mudanças significativas. E essas mudanças nesse nível de “insignificância” seriam comparadas com um pato ter uma pena a menos ou uma criança que jogasse uma pedra no oceano, daí vem a célebre frase do autor: “O simples bater de asas de uma borboleta no Brasil pode ocasionar um tornado no Texas”, ele falou essa frase no 139º**

### Efeito Borboleta

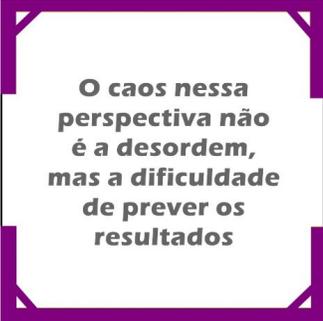
**“O simples bater de asas de uma borboleta no Brasil pode ocasionar um tornado no Texas”**

**Edward Lorentz**

Encontro da Associação Americana para o Avanço da Ciência em 1969 para exemplificar que em determinadas situações, pequenas variações das condições iniciais podem gerar grandes mudanças nos resultados finais. Trata-se do famoso “Efeito Borboleta”, que recebeu o nome técnico de “**dependência sensível das condições iniciais**” (GLEICK, 1999, p. 20).

Dessa forma os **sistemas caóticos** vão depender, em grande medida, das condições iniciais, um bom exemplo é o clima de nosso planeta. Como ainda não temos sensores e softwares suficientemente desenvolvidos para captar todas as condições iniciais do clima, não conseguimos realizar uma previsão do tempo por muitos dias e nem com total certeza de como será, esse é um sistema caótico.

**O caos nessa perspectiva não é a desordem, mas a dificuldade de prever os resultados** de uma certa situação em que não temos as informações das condições iniciais. Ou seja, quanto menos informações temos para analisar, menos previsíveis as situações se tornarão (GLEICK, 1999).



**O caos nessa perspectiva não é a desordem, mas a dificuldade de prever os resultados**

Segundo Marietto e colaboradores(as) (2011), a compreensão de caos está intrinsecamente relacionada com o entendimento de três termos básicos: **sistemas, não-linearidade e complexidade**. O termo sistema, segundo os(as) autores(as):

é uma relação de interdependência e inter-relacionamento entre partes. Um exemplo clássico é uma pilha de pedras. A inter-relação e a interdependência são vistas com mais facilidade quando se retira uma pedra da base, provocando um desmoronamento da pilha. O desmoronamento nada mais é do que uma reorganização na busca de um novo estado de equilíbrio. Naturalmente, o sistema é dinâmico, ou seja, a cada nova alteração na base, a pilha de pedra se reorganizará, procurando manter-se em equilíbrio (2011, p. 8).

Já o segundo termo, não-linearidade, os(as) autores(as) afirmam que está relacionado

à estrutura matemática utilizada para representar o comportamento do sistema real. Um modelo linear constitui-se na tentativa de estabelecer uma relação de proporcionalidade constante entre variáveis, ou seja, a mudança em uma variável causará uma alteração proporcional em outra variável e essa mudança pode ser representada por uma linha reta. Por outro lado, a não-linearidade significa ausência de proporcionalidade constante. Desse modo, a mudança em uma variável deverá produzir alterações não-proporcionais em outra variável. No modelo não-linear, a melhor maneira de se identificar o relacionamento entre variáveis não é uma linha reta, mas sim, opções curvilíneas (2011, p. 8).

Por fim, os(as) autores(as) compreendem que o terceiro termo, complexidade, “está relacionado com a dificuldade de se estruturar um modelo para prever o

comportamento de um sistema real” (MARIETTO et al, p. 8, 2011). Por exemplo, é pouco complexo prever o tempo necessário para se deslocar da cidade (A) para a cidade (B), o tempo necessário é dado pela razão entre a distância e a velocidade de deslocamento ( $t = d/v$ ). Entretanto, se as condições não forem de uma rodovia, mas sim no trânsito da cidade de São Paulo em um fim de tarde chuvoso, a quantidade de variáveis iniciais se ampliará e assim aumentará a complexidade para sabermos o tempo a ser gasto no deslocamento. Caos, na visão da complexidade, se refere ao **“comportamento de sistemas dinâmicos resultante da dependência sensitiva às condições iniciais”** (MARIETTO et al, 2011, p. 8).

Dessa maneira, o comportamento caótico tem origem interna no próprio sistema, ou seja, vincula-se aos fatores internos. Por exemplo, **a implementação de uma nova tecnologia ou um método de gestão dentro de uma escola**, pode gerar toda uma cadeia de acontecimentos dinâmicos e complexos, com grande dificuldade de terem sido todos previstos no momento inicial da implementação, e isso poderá desencadear situações caóticas sensíveis e dependentes das condições iniciais do momento dessa implementação, como, por exemplo, o **impacto social** que essa mudança poderá ter sobre os(as) funcionários(as), professores(as) e estudantes da instituição ao tomarem conhecimento de sua implementação, e assim por diante nos desenvolvimentos de novos **eventos complexos** a partir deste (como o conhecido Efeito Borboleta) (MARIETTO et al, 2011). Portanto, na abordagem da complexidade, **o caos não representa a desordem como é comumente associado a essa palavra, mas sim, a dificuldade de prever os resultados**, que dependem das condições iniciais (GIOVANNINI, 2002).

Alguns autores(as) como Marietto e colaboradores(as) (2011), concordam com Carlomagno e Brhum (2005), Beinhocker (2000), Eisenhardt e Brown (1998), Tetenbaum (1998), Stacey (1993), ao desenvolverem reflexões sobre a Teoria do Caos em relação às organizações de pessoas. Esses(as) autores(as) compreendem essas organizações como sistemas altamente complexos, em que a melhor maneira para alcançar um objetivo em comum seria equilibrando-se no limite do caos, onde nem muitas restrições e nem total desordem é desejável. Os(as) autores(as) ainda afirmam que

organizações são conjuntos de pessoas, que não agem da mesma maneira sem levar em conta a situação em questão. Na realidade, são sistemas complexos, mas auto-organizáveis, isto é, são pessoas agindo no sentido de fazer o que é certo, sabendo corretamente como e quando mudar as coisas. Em fazendo assim, elas encontram ordem no caos. A complexidade ajuda no entendimento de como uma organização deve mudar para ser capaz de lidar com ambientes complexos e imprevisíveis, conectando mudança, caos e a organização, estabelecendo novas estruturas de referência (MARIETTO et al, 2011, p. 9).

**Sistemas altamente complexos, em que a melhor maneira para alcançar um objetivo em comum seria equilibrando-se no limite do caos**

Claramente, a Teoria do Caos e a complexidade são mais complicados e profundos do que essa breve descrição do tema possa sugerir. Mas, essa seção fornece alguma noção de suas naturezas e compreensões. Após esse momento introdutório passamos a refletir sobre esse caos, que não é mais a desordem pura, mas a grande sensibilidade a condições iniciais, ou seja, o resultado da previsão para uma situação é muito sensível ao estado inicial,

isto é, quanto menos informações temos para analisar, menos previsíveis as situações se tornarão.

Pensemos sobre os nossos encontros em aula com os educandos e educandas, é possível prevermos com segurança quais serão suas reações em relação ao que falamos, como falamos, como agimos e como reagimos às suas formas de se expressar? É possível prevermos com clareza e certa certeza o que eles aprenderão da aula que preparamos? Seria pouco complexo prevermos quais conexões eles e elas fariam com as suas realidades a partir dessas aulas? O quão previsível pode ser um encontro de pessoas que desenvolverão um diálogo sobre assuntos complexos? E ainda, o quão conjecturável pode ser uma situação de diálogo com nossos educandos e educandas se não soubermos quem são eles e elas, onde moram, como vivem, o que constitui sentido em suas formas de viver?



Essas e outras questões nos fazem **refletir sobre a impossibilidade de uma educação em que não exista caos**, pois, por mais que consigamos conversar, dialogar e levantar o universo temático dos nossos educandos e educandas, nunca conseguiremos todas as informações dos contextos históricos e de vida das pessoas com quem dialogamos, **mas será que existe alguma forma de pensar esse caos a favor da educação?**

**2.2.****Uma Pedagogia do Caos?**

**É preciso compreender o caos não como a confusão ou a desordem, mas sim, como a dificuldade de prever resultados**, pois esses resultados dependerão das informações que temos das condições iniciais e da nossa análise dessas informações e suas alterações durante o processo. Entendemos que seja válida a reflexão sobre a realidade de nossas escolas e os encontros que elas proporcionam aos(as) seus sujeitos, professores, professoras, estudantes, funcionários(as) da gestão, da limpeza, da cozinha, pais e mães, todas as pessoas que, de alguma forma, fazem parte daquela comunidade e estão diretamente ou indiretamente presentes no ambiente escolar.

Retomando as questões do final da última seção gostaríamos de destacar como vemos o caos, da Teoria do Caos, na escola, para assim conseguirmos desenvolver relações, ou não, do caos com a pedagogia Freireana. Como questionado anteriormente, **seria possível prevermos como os(as) estudantes vão reagir ao que falamos, como falamos, como agimos e também como reagimos às suas formas de se expressar?** Compreendemos que temos vários mecanismos e conhecimentos para analisar essas possíveis reações e é através dessas análises de com quem estamos conversando e em que ambiente organizamos nossas formas de nos expressarmos, linguagem coloquial, linguagem formal, tipo de vestimenta, modo de gesticular, formas de ouvir e olhar para as pessoas, dentre outras. Todas essas análises e as tomadas de decisão sobre as nossas formas de expressão podem ser tentativas de agirmos a partir de previsões sobre como serão as reações das pessoas com quem dialogamos. Agimos dessa ou daquela forma, em grande medida, já esperando uma certa reação da outra ou outras pessoas, um resultado ou algumas alternativas possíveis de resultados.

Quando estamos dialogando com uma pessoa que já conhecemos há bastante tempo e temos mais informações sobre quem ela é e como reage a muitas situações, geralmente temos mais facilidade em prever qual será a sua reação de acordo com como agimos. Isso porque temos muitas informações da condição inicial daquele diálogo e daquela relação. Quanto mais informações temos e mais tempo conseguirmos analisar as informações, melhor ficará a nossa possibilidade de prever as reações e resultados. Entretanto, por mais informações e por melhor que seja a nossa análise das condições iniciais, não conseguiremos prever com exatidão tudo o que ocorrerá, primeiramente porque não temos essa capacidade de análise tão apurada e segundo porque as pessoas

estão sempre em transformação, estão sempre aprendendo e construindo novos conhecimentos e isso fará com que nós sempre tenhamos a possibilidade de mudar como agimos e reagimos a ações iguais e diferentes. Ou seja, nessa perspectiva de caos, **nós nunca conseguiremos prever com exatidão as ações e reações dos nossos educandos e educandas, mas quanto mais soubermos quem são eles e elas, suas histórias, suas formas de viver e estar no mundo, suas formas de pronunciar o mundo, melhores serão as nossas possibilidades de interpretar e compreender as suas ações e reações.**

Dessa forma, a dificuldade de prevermos as reações se amplifica se pensarmos nos aprendizados e nas conexões que os educandos e educandas construirão a partir dos encontros das aulas, pois dependerão dos conhecimentos prévios que os educandos e educandas já constituíram. A educação bancária não se importa com os conhecimentos prévios, especialmente aqueles construídos fora do ambiente escolar, o “saber da experiência”, ou melhor, os ignora propositalmente com o objetivo de que o(a) estudante ouça o professor(a) e memorize mecanicamente a informação como o(a) professor(a) falou e como o(a) professor conheceu aquele conhecimento previamente (Freire, 1979). **Esse formato não leva em consideração as condições iniciais, os conhecimentos prévios dos educandos e educandas,** ou seja, quando o(a) professor(a) planeja o conhecimento que está buscando transmitir, ele(a) se vale de certos conhecimentos prévios que o fez interpretar e organizar a sua compreensão daquelas informações que recebeu, conhecimento prévio que não é o mesmo dos educandos e educandas naquela ocasião.



*"A educação bancária é aquela em que o educador faz 'depósitos' de conhecimento nos educandos, sem considerar a bagagem cultural que cada um carrega. Essa prática trata os alunos como recipientes a serem apenas 'enchidos', não como seres pensantes e ativos no processo educacional."*

Sob a ótica da educação bancária, a meta final da dedicação estudantil **se limita a acolher, armazenar e decorar as informações.** Nessa abordagem, os e as estudantes são vistos como vasos vazios à espera de serem preenchidos pelo professor e pela professora. A eficácia do(a) educador(a) é medida pela sua habilidade em preencher esses vasos até a borda. Da mesma forma, a

excelência do(a) estudante é determinada pela sua capacidade de absorver, reter e reproduzir essas informações de modo automático. Deste modo, o processo educativo é reduzido a uma simples transação: **os(as) estudantes se tornam meros depósitos e o(a) professor(a), o(a) depositário(a).**

Dessa maneira, os(as) estudantes são levados a decorar mecanicamente as informações transmitidas pelo(a) professor(a) e quando avaliados(as) basta “cuspirem” a memória decorada na avaliação. **Uma das falhas magistrais nessa situação é a de ignorar o caos**, como se ele não existisse. Quando o(a) professor(a) ignora as condições iniciais, os conhecimentos prévios dos educandos e educandas e exige a memorização mecânica e respostas também mecânicas nas avaliações, **ele(a) não está extirpando o caos da situação**, pelo contrário, ele(a) **ampliou drasticamente a imprevisibilidade** do que foi interpretado e aprendido pelos(as) estudantes. Os educandos e educandos são direcionados e “vomitamem” **de forma mecanizada as palavras do(a) professor(a)**, o que pode dar a sensação de ordem e resultados claros. Entretanto, os educandos e educandas têm conhecimentos e visões de mundo diferentes do(a) educador(a) e esses conhecimentos vão interferir diretamente em suas interpretações sobre o que o professor(a) buscou ensinar para eles e elas. Ou seja, os aprendizados, interpretações e conhecimentos realmente construídos são ignorados, deixados de lado **para avaliar apenas a habilidade de memorização.**



Logo, em aulas que estão previamente preparadas, realizadas de forma engessada e sem espaço para o diálogo, **aulas em que os(as) estudantes ouvem em silêncio** e depois recitam docilmente, ou no caso da Educação Física que observam os movimentos e os repetem mecanicamente, **o caos está presente**, como está em todos os encontros entre seres humanos, ele apenas está mascarado

**Essa educação leva à ocultação do caos a um nível tão alarmante que desumaniza as pessoas que estão ali, coisifica as pessoas como se fossem apenas gravadores e reprodutores de áudio.**

por um formato de educação que não busca interpretar os possíveis conhecimentos construídos, ou melhor, falseia a informação de que os resultados foram obtidos. E, na verdade, os resultados são obtidos, não aqueles conhecimentos previstos nos currículos, mas **os resultados da manutenção da consciência ingênua, da formação de pessoas submissas, obedientes, oprimidas.** Dessa maneira, essa educação leva à ocultação do caos a um nível

tão alarmante que **desumaniza as pessoas** que estão ali, **coisifica as pessoas** como se fossem apenas gravadores e reprodutores da voz de um(a) professor(a) que detém todo o conhecimento do mundo. **A educação bancária não domina ou controla o caos**, ela apenas o disfarça por saber que essa é a melhor forma de manter o controle. Tenta abafar o caos, pois é nele, na sua imprevisibilidade que pode existir o desabrochar da construção de conhecimentos, da resistência e da busca incansável pelo *Ser Mais*.

*"Desumanizar os outros, negar-lhes o direito de serem sujeitos, impedi-los de pensar, é negar-lhes a expressão mais profunda de sua humanidade."*



### 2.2.1.

## Qual o sentido de ir à escola?

Uma perspectiva importante é sobre o sentido e significado que os educandos e educandas têm de e para suas vidas. **Vale a pena refletirmos sobre qual sentido tem para eles e elas o ir à escola**, o fazer as aulas de Educação Física, o aprender Lutas/Artes Marciais ou qualquer outro conteúdo. Um dos professores, no curso, faz um questionamento importantíssimo que nos ajuda a refletir sobre os sentidos da escola e das aulas:

*Professor, e quando os alunos não querem saber de nada, não veem sentido nem em estar na escola? Como faço fazer sentido o ensino de lutas? (Encontro 5, Graice).*

Esse é um questionamento extremamente pertinente, pois se os educandos e educandas não veem sentido em estar naquele ambiente, realizando certas atividades, **se não faz sentido para a vida deles(as) estar ali, quais as chances de conseguirmos constituir conexões com eles(as)?** Quais as possibilidades de criarmos situações de aprendizado que vão além da mera memorização, que tenham significado e eles(as) queiram aprender para a vida e não apenas para colocar em uma folha de papel avaliativa?



*O Alex... e Graice, eu sempre penso é que o aluno ele é um ser senciente, ele entende, ele tem que ver sentido. Ele aprende português que ele sabe que uma hora vai ser cobrado daquilo, ele aprende matemática que ele sabe que a matemática ela tá ali direcionando. Quando ele viu um sentido nisso ele entende o que o corpo dele é uma máquina, ele tem sensações, ela está em constante relação com o mundo físico, ele vive experiências, quanto mais ele conhecer esse corpo, o quê que ele pode fazer, as tomadas de decisão, como se divertir, sensações, experiências. Eu acho que é fundamental a gente às vezes, eu como professor, eu até me esqueço disso né, como que é necessário a gente ver o botar o sentido, trazer a sensibilidade para aula né, fazer o aluno perceber como é vasto a nossa área. (Encontro 5, Naruto).*

Concordamos com professor *Naruto* que é importantíssimo que construamos formas de **ajudar os educandos e educandas a constituírem sentido nos aprendizados da escola**. Mas como fazer isso? Como podemos constituir uma sensibilidade na aula suficientemente forte para que nossos educandos e educandas sintam e vejam sentido naquele conteúdo e naquela aula? Compreendamos que um dos primeiros passos para algo fazer sentido é que esteja de acordo com a realidade vivida. Ou seja, se não conseguimos fazer nenhum tipo de conexão ou ligação com a própria realidade ou com a transformação da própria realidade, dificilmente aquilo fará sentido. Dessa forma, se desenvolvermos projetos, planejamentos e aulas que apresentem um conteúdo desconectado da realidade dos educandos e educandas, existe uma grande possibilidade deste conteúdo não abarcar significado para suas vidas, e sem isso, existe a possibilidade ainda maior **deles não se interessarem pelas aulas e pela escola**. O que pode acabar transformando a escola em uma obrigação desagradável e sem sentido para suas vidas.

**A escola pode acabar se transformando em uma obrigação desagradável e sem sentido para a vida dos educandos e educandas.**



**Mas como podemos criar aulas com temas que façam sentido para os educandos e educandas?** Aulas que não transformem a escola em um ambiente nocivo em que todos e todas só frequentem porque as leis brasileiras exigem que o façam? Compreendemos que se não conhecermos nossos educandos e educandas, dificilmente conseguiremos que constituam sentido sobre nossas aulas e, se conseguirmos, talvez nem saberemos porque conseguimos em umas e não nas outras. Como

mencionado anteriormente, **o encontro de pessoas gera situações complexas** e os encontros nas aulas são situações muito complexas, essa complexidade é proporcional ao número de medos, anseios, tristezas, alegrias, dificuldades, facilidades, objetivos, vontades, curiosidades, sonhos de todos e todas que compõem aquele grupo de sujeitos que estão em diálogo. Atributos e condições que se o(a) professor(a) não tiver a mínima ideia de quais e como são, dificilmente conseguirá constituir planejamentos e aulas que sejam significativos e façam sentido para aquele grupo de pessoas.

Isso aqui num tem nada a ver com minha vida!



**Os educandos e educandas têm vida antes de entrar na escola**, eles(as) sorriem para certas palavras, se entristecem com certos sons, desabam com certas sensações, se fortalecem e se inspiram para certos olhares do mundo.

**Sorriem para certas palavras, eles(as) se entristecem para certos sons, desabam para certas sensações, se fortalecem e se inspiram para certos olhares do mundo**

Cada um e cada uma ali tem histórias, esperanças e sonhos que estabelecem sentidos para suas vidas, estabelecem as bases para existirem, para se compreenderem em suas realidades e até para criarem oportunidades para transformar suas realidades. **Essas histórias e sonhos são condições iniciais que jamais podem ser desconsideradas** quando pensamos na educação escolar, pois se não olharmos com sensibilidade para a vida das pessoas com quem queremos construir conhecimentos e transformar realidades, jamais conseguiremos constituir sentido em nossas aulas.

*"Não há docência sem discência, que se fundam na busca, de quem ensina e de quem aprende, pela superação dos limites em que ambos se acham. O professor não é o que apenas ensina, mas o que, de repente, aprende."*



**E aqui retomamos o caos**, nós não conseguiremos prever com exatidão quais aulas farão sentido e quais sentidos e significados serão constituídos pelos educandos e educandas. Principalmente porque as situações complexas dos

encontros das aulas não serão lineares, a **proporção de sentido e significado que uma ação ou um diálogo fará, poderá ser totalmente desproporcional em cada estudante, pois cada um tem condições iniciais, histórias e experiências de vida diferentes**. Entretanto, compreendemos que quanto mais informações e conhecimentos tivermos sobre quem os educandos e educandas são, onde vivem, como vivem, com quem vivem, qual a relação com a família e amigos, qual a relação com o mundo do trabalho e do lazer, como se enxergam e como vislumbram seus possíveis futuros, melhor entenderemos o que faz sentido para suas formas de viver, quais significados podem ser constituídos para cada aula e cada conteúdo.

O caos, o sistema caótico já está colocado, **não é uma questão de existir ou não o caos**, mas sim de como lidamos com ele. Fechar os olhos para o caos é fingir que os educandos e educandas vão à escola e constroem conhecimentos e desenvolvem uma consciência crítica sem ver sentido nenhum em estar ali. Não é possível que façamos algo fazer sentido para o outro, é o outro que dá sentido. **Eu não faço para o outro, mas**

**Não é possível que façamos algo fazer sentido para o outro, é o outro que dá sentido. Eu não faço para o outro, mas podemos dar sentido juntos, em comunhão.**

**podemos construir sentido juntos, em comunhão.** Ou seja, precisamos compreender as nossas dificuldades em relação à constituição de sentido com os educandos e educandas, que cada sala e a escola são extremamente complexos e precisamos olhar com sensibilidade, ouvir com empatia, agir com rigorosidade metódica e com compromisso ético-político que não se dissociam do testemunho de vida e da competência profissional (FREIRE, 2001). **O caminho em que não fechamos os olhos para o caos é um caminho muito mais difícil de ser percorrido**, pois é a caminhada em que precisamos ter muito mais atenção, muito mais sensibilidade e sem dúvida alguma, muito mais amorosidade tanto com os educandos e educandas quanto com nós mesmos.

Fessora, a gente pode pensar em outro jeito?



Não existe a possibilidade de sabermos com clareza e exatidão como os educandos e educandas vão reagir às nossas ações, quais serão seus aprendizados de acordo com o planejamento que fizemos dos projetos e das aulas. As conexões que farão com suas realidades de vida em relação aos diálogos e aulas realizadas e quais os sentidos e significados aquele conteúdo ou aquela aula terá para sua vida. Não teremos certeza de nenhuma dessas coisas e **isso pode causar uma sensação e um sentimento de ansiedade deveras avassalador**. No entanto, existem



Mudar é difícil  
mas é possível!

caminhos para buscarmos cada vez mais nos aproximarmos de resultados esperados, conhecer nossos educandos e educandas é um passo importante. Como apontado, **quanto mais soubermos quem são e suas histórias, mais informações, mais dados, mais conhecimentos sobre os sentidos de suas vidas nós teremos**, e assim, mais informações das condições iniciais dessa situação caótica nós teremos. E isso poderá diminuir a imprevisibilidade, não acabará com ela, mas proporcionará possibilidades e caminhos mais assertivos para ajudarmos nossos educandos e educandas a construir seus próprios caminhos.

2.2.2.

### Podemos buscar no caos, nossa liberdade?

*Então a pedagogia freireana é uma pedagogia quase que dizer do caos, porque a gente vai estar sempre tendo que estar dialogando e quando a gente dialoga com pessoa, as pessoas são imprevisíveis e quando a gente foge desse previsível fica mais complexo, mas também fica mais rico, com mais possibilidades, fica com mais profundidade. (Encontro 5, T'Challa)*

**A escola, as aulas e os encontros das pessoas nesses lugares fazem emergir situações caóticas por si mesmas**, independentemente de como os professor(as), gestores(as), pais agirem para constituição da formação dos(as) estudantes, **o caos já está colocado**. Não temos capacidades intelectivas e tecnológicas suficientemente desenvolvidas (e acreditamos que nunca teremos) para conseguir captar todas as condições iniciais dos nossos(as) estudantes e analisá-las com eficiência suficiente para prever como, quando e de que forma as aulas, as discussões e os aprendizados acontecerão. **As pessoas, como falou o professor T'Challa, são imprevisíveis, e acreditamos que essa imprevisibilidade venha especificamente do inacabamento e da vocação humana de Ser Mais, a vocação para a liberdade e para a criação**, em nosso inacabamento podemos romper com o não conhecido, criar inéditos viáveis e sempre superar as situações limite (FREIRE, 2005).

**A escola, as aulas e os encontros das pessoas nesses lugares fazem emergir situações caóticas por si mesmas,**

Essa impossibilidade de prevermos com exatidão os resultados não cria a desordem como comumente ouvimos sobre o caos, **a desordem é criada pela falta de rigorosidade, pela ausência de compreensão dos sentidos e significados para o grupo, pela ausência de autoridade (não autoritarismo) e ausência de regras constituídas em conjunto.**

Essa impossibilidade de prevermos os resultados pode criar uma possibilidade muito mais interessante e potente, isto é, a possibilidade da criação do novo, do inédito, do nunca pensado e do nunca visto. As situações caóticas em que não temos certeza de onde podemos chegar podem criar um ambiente fecundo para construirmos conhecimentos, para dialogarmos sobre o que já existiu, o que existe e o que gostaríamos que existisse. O caos nessa perspectiva não é o que destrói a educação, pelo contrário, ele quando compreendido, observado, ouvido e sentido pelo(a) educador(a) e educandos(as) pode se tornar um universo **potencializador da construção de conhecimentos, da problematização das verdades, da reflexão sobre a própria existência e da vontade de criar e transformar as próprias realidades.**

**independentemente de como os professor(as), gestores(as), pais agirem para constituição da formação dos(as) estudantes, o caos já está colocado.**



Dessa forma, compreendemos que a **pedagogia freireana não se trata de uma pedagogia do caos**, isso porque o caos já existe nas relações entre as pessoas e o mundo, mas em nossa percepção, Paulo Freire foi uma pessoa que compreendeu esse caos e em suas interpretações desenvolveu inúmeras ferramentas, métodos, ideias e visões de mundo que nos aproximam um pouco mais da compreensão de como lidar com o caos. **Nós compreendemos a angústia dos professores e professoras em se colocar em risco**, entretanto, como afirmava Freire, **“a existência humana é em si mesma risco”** (1979, p. 25) e admitindo o risco como “um ingrediente necessário à mobilidade sem a qual não há cultura nem

história” (FREIRE, 2000, p. 30), somos levados a compreender a importância de uma educação que não negue o risco. Mas que o assumamos e com o tempo aprendamos a lidar com ele, dada a sua inevitabilidade, pois assim como não existe a possibilidade de não lidarmos com o caos, também é importante que saibamos que não há a existência humana sem risco. Dessa maneira, nós não saberemos exatamente quais serão os resultados das situações caóticas, mas precisamos compreender a existência do caos, lidar com ele da melhor forma possível e encontrar nas minúcias dessas situações caóticas o equilíbrio, **a ordem dentro da desordem harmônica, a possibilidade de juntos e juntas, os sujeitos da escola situados, compreendendo suas realidades e sua vocação ontológica de *Ser Mais*, consigam alcançar no caos, caminhos comuns de luta por sua humanização.**

## SAIBA MAIS

### Sobre a Teoria do Caos:

**Artigo:** MARIETTO, Marcio Luiz; SANCHES, Cida; MEIRELES, Manuel. Teoria do caos: uma contribuição para a formação de estratégias. **Revista Ibero Americana de Estratégia**, v. 10, n. 3, p. 66-93, 2011.

**Vídeo:** CAOS E EFEITO BORBOLETA | Nerdologia – Acesso em Março de 2024. Link: [clique aqui](#)

### Sobre Paulo Freire e um processo de ensino menos rígido e mais aberto:

**Livro:** FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

**Artigo:** SPOLAOR, Gabriel da Costa; BONFIETTI, Priscila Errerias; CIBIM, Julia Pichi; PRODÓCIMO, Elaine . Por uma docência crítica, dialógica e solidária na Educação Física escolar. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 25, p. 1-14, 2023. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** BONFIETTI, Priscila Errerias; PRODOCIMO, Elaine. Reflexões sobre a importância do diálogo em um fazer pedagógico na educação física escolar. **Revista Estudos Aplicados em Educação**, v. 6, p. 97-109, 2021.

Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** PEREIRA, Alex Sousa.; OLIVEIRA, Marcelo. ; PRODOCIMO, Elaine. O ensino de lutas/artes marciais como uma prática de educação libertadora: entremeando círculos de cultura, situações-problema e jogo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 1, p. 1, 2024. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** ZILBERSTEIN, Jacqueline ; CRUZ, Lucas Lopes ; BOSSLE, Fabiano. Aproximações com a Educação Libertadora de Paulo Freire: o caso

de uma professora de Educação Física no 'chão da escola'. Revista Motrivivência, v. 34, p. 01-17, 2022. Link: [clique aqui](#)

**Tese:** PEREIRA, Álex Sousa. Por uma Educação Física da Pergunta: um curso de formação encorajador de voos pelas línguas das Lutas/Artes Marciais e Paulo Freire. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

**Vídeo:** Educação Física escolar e educação libertadora de Paulo Freire | GEPROFEF – IFSULDEMINAS – Acessado em Março de 2024.

Link: [clique aqui](#)



### **Pedagogia do Caos**

Em meio ao caos, a pedagogia floresce,  
Como um cacto no cerrado, a resistência cresce.  
Paulo Freire, o mestre, nos ensina a lição,  
De que o diálogo é a chave para a educação.

No coração do caos, a aprendizagem se revela,  
Como a lua cheia no céu, a sabedoria é bela.  
A sala de aula, um palco para a interação,  
Onde o professor e o educando, juntos, constroem a compreensão.

A pedagogia do caos, um desafio a enfrentar,  
Como o professor luta para a opressão superar.  
Mas com coragem e fé, podemos transformar,  
O caos em ordem, o medo em amar.

Paulo Freire, o guia, nos mostra o caminho,  
De que o ensino é um ato, antes de tudo, carinho.  
O diálogo é a ponte, a conexão,  
Entre o saber e o ser, a verdadeira educação.

Então, professores, não temam o desconhecido,  
Como o sol nasce no leste, o conhecimento é garantido.  
No coração do caos, a luz irá brilhar,  
E a pedagogia de Freire, o mundo irá iluminar.

## - CAPÍTULO 3 -

# O CORPO DE QUEM LUTA “FALA”?

Reflexões sobre as linguagens  
das Lutas/Artes Marciais



“A linguagem é uma ponte entre as  
pessoas, é o caminho para a compreensão  
mútua e para a transformação social.”

Paulo Freire



- **Nocaute, nocaute, foi um nocaaaute!!!** – grita o narrador.

O encontro do punho do lutador com o queixo do adversário, o árbitro entra na frente e balança os braços freneticamente para parar a luta.

- Acabou, acabou! – continua o narrador – que luta maravilhosa, que golpe avassalador, que maestria ele conseguiu demonstrar!

Tumulto generalizado no ringue e nas arquibancadas. Entram técnicos, companheiros e torcedores na alegria da vitória e na preocupação da derrota. Enquanto alguns pularam das cadeiras para aplaudir e rugir, outras cadeiras foram usadas para se sentar... recolher-se... calar-se e ... murchar.

- **Que dança esses dois lutadores compuseram aqui hoje!** – reforça o narrador – Que luta incrível, minuto após minuto ninguém sabia quem venceria, ponto a ponto, punho a punho, a luta vinha acontecendo e em um belíssimo contra ataque ele encaixou um golpe de direita genial. **Que luta meus amigos, que luta!**

O lutador nocauteado se levanta, cumprimenta o vencedor pela excelente luta que fizeram juntos e o parabeniza pela vitória, todos os torcedores e torcedoras vibram pelo espetáculo que acabaram de vivenciar.

Sobre o episódio do fim de uma luta e de todos os acontecimentos no ringue e no seu entorno, é importante ressaltar, que muitas coisas não foram ditas, mas foram compreendidas sem que as palavras se fizessem necessárias. O que observamos foi a **presença da linguagem corporal**, associada às Lutas/Artes Marciais e à Educação Física. Se quiserem, leiam novamente e pensem com qual esporte de combate essa narrativa pode significar, se nos permitirem, ela poderia estar descrevendo uma luta de Boxe dos pesos pesados, um combate do UFC (Ultimate Fighting Championship), um espetáculo do WWE (World Wrestling Entertainment), um enfrentamento em lutas como o Karatê, Muay Thai, Hapkido e muitas outras, ou, até um dos filmes de Boxe de Rocky Balboa ou Creed<sup>1</sup>. Mas a leitura que você fez foi uma leitura que partiu dos seus conhecimentos de linguagens corporais relacionadas às Lutas/Artes Marciais, ou seja, as suas experiências com a leitura de mundo das linguagens das Lutas/Artes Marciais deram o tom para a sua imaginação.

**Será que o corpo de quem luta “fala”?**

<sup>1</sup> Série de filmes de Boxe criados, dirigidos e estrelados pelo ator e diretor Sylvester Stallone.

### 3.1. Educação Física na área das Linguagens?

*Eu estava lembrando o seguinte, que quando eu fiz a minha graduação quase 20 anos atrás, a Educação Física já estava na área das linguagens, mas não tivemos discussões sobre isso, acho que isso deveria partir dos professores da graduação, da coordenação e tal, porque estamos na área da linguagem e não temos muitas disciplinas que falam sobre isso (Encontro 4, Haru).*

*Concordo com você Prof Haru, eu terminei minha graduação há três anos numa federal e ainda hoje isso é pouco discutido nas disciplinas, além de não ter uma disciplina sobre isso, não se tem amplas discussões sobre (Encontro 4, Naruto).*

Quem tem a ver linguagem com luta?!



O relato dos dois professores é, ao mesmo tempo, uma constatação de sua compreensão da importância de compreender o **porquê a Educação Física estar na área das Linguagens** e também uma solicitação para a área que possibilite e se criem processos de formação que oportunizem essas reflexões. **Mas o que quer dizer a Educação Física estar na área das Linguagens?**

Compreendemos que dizer que a Educação Física está na área das linguagens significa reconhecer que ela tem um olhar para o movimento humano como uma forma de comunicação e expressão. Assim como outras áreas que se enquadram no campo das linguagens, **como a linguagem verbal, visual ou musical, a Educação Física compreende o corpo em movimento como uma linguagem própria**. Ao considerarmos a Educação Física na área das linguagens, reconhecemos que o movimento corporal pode transmitir mensagens, significados e intenções. Por meio do movimento, podemos expressar emoções, ideias, valores e identidades (Kunz, 1991).

Além disso, a Educação Física como linguagem também implica reconhecer que **existem elementos simbólicos e sistemas de signos envolvidos na prática corporal** (Betti, 2021). Gestos, posturas, expressões faciais, ritmos, entre outros elementos, podem ser entendidos como signos que possuem

**Educação Física está na área das linguagens significa reconhecer que ela tem um olhar para o movimento humano como uma forma de comunicação e expressão**

significados culturalmente construídos. Esses signos são utilizados para transmitir informações, estabelecer normas e regras, construir identidades e estabelecer interações no contexto das práticas corporais. Ao considerar na Educação Física os movimentos corporais como uma linguagem, **linguagem corporal**, ampliamos a compreensão de sua importância e potencial educativo. **Isso implica reconhecer que o movimento é uma forma de comunicação que vai além do aspecto físico e motor**, movimento nessa perspectiva não é apenas um deslocamento no tempo e no espaço, ele passa a ser **gesto com sentido e significado**, um “se movimentar” que desempenha um papel fundamental na formação integral dos educandos e educandas (Kunz, 1991).



De acordo com Elenor Kunz (1991), a Educação Física pode ser entendida como uma forma de **linguagem que permite aos(as) sujeitos se comunicarem, expressarem ideias, sentimentos e significados através do movimento corporal**. Para Kunz, a Educação Física como linguagem envolve não apenas a prática de atividades físicas, mas também a compreensão e interpretação do movimento. Propõe que a Educação Física deve proporcionar aos educandos e educandas a oportunidade de aprender a “ler” e “escrever” movimentos, ou seja, **desenvolver habilidades para interpretar e produzir movimentos, gestos significativos**. O autor também enfatiza a importância da expressão corporal na Educação Física. Defende que os educandos e educandas devem ser incentivados

**Educação Física deve proporcionar aos educandos e educandas a oportunidade de aprender a “ler” e “escrever” movimentos**

a **expressar seus sentimentos, emoções e ideias por meio do movimento**, explorando uma variedade de formas de expressão, como dança, teatro, lutas, jogos simbólicos e outros. Além disso, Kunz destaca a importância da interação e da comunicação corporal na Educação Física, ele acredita que o movimento é uma forma de interação social e que a Educação Física deve proporcionar aos educandos e educandas a oportunidade de aprender a interpretar, produzir e expressar

movimentos significativos, promovendo a interação social e o desenvolvimento de habilidades de comunicação não verbal.

Em uma outra perspectiva, Mauro Betti (2021) compreende que a **semiótica** é uma disciplina que estuda os processos de significação e os sistemas de signos presentes nas práticas humanas, sendo assim o autor utiliza a **semiótica para**

**Podemos nos expressar através dos signos corporais. Esses signos podem incluir gestos, expressões faciais, posturas, movimentos corporais, vestimentas entre outros**

**compreender a linguagem dos movimentos corporais e explorar como os signos são utilizados nesse contexto.** Betti (2021) argumenta que a **linguagem do movimento humano é uma forma de comunicação que envolve a produção, a interpretação e a troca de significados através de signos corporais.** Ele enfatiza que os movimentos do corpo podem ser entendidos como signos que possuem um valor simbólico e comunicativo. Esses signos podem incluir gestos, expressões faciais, posturas, movimentos

corporais, entre outros. Ao aplicar a semiótica à Educação Física e ao esporte, o autor afirma buscar compreender **como os signos corporais são usados para representar e transmitir informações, construir interações sociais e expressar significados culturais.** Ele compreende que devemos examinar os sistemas de signos presentes nas práticas corporais, como os gestos técnicos esportivos, as regras do jogo, as vestimentas e os símbolos utilizados nas competições. **Assim podemos compreender de forma mais ampla como os signos corporais são interpretados pelos(as) praticantes, espectadores(as) e participantes do esporte, considerando a influência dos contextos socioculturais e históricos na compreensão desses signos.** Para Betti, Educação Física e o esporte na área das linguagens permite uma abordagem mais aprofundada da linguagem do movimento, contribuindo para a compreensão da expressão corporal, da comunicação não verbal e da construção de significados por meio do corpo em movimento.

Ainda em outro aspecto, Marcos Neira (1998) compreende que a **linguagem corporal é uma forma de comunicação não verbal,** que utiliza gestos, expressões faciais, posturas

**Linguagem corporal é intrínseca ao ser humano e está presente em todas as culturas. Uma forma universal de se comunicar**

Será que posso aprender a linguagem dos Samurais?



e movimentos corporais para transmitir mensagens. Para ele, essa **linguagem é intrínseca ao ser humano e está presente em todas as culturas,** sendo uma forma universal de se comunicar. De acordo com Neira (2007), a linguagem corporal na Educação Física é uma via de mão dupla, na qual o corpo é tanto receptor como emissor de mensagens. Através dos diferentes movimentos e posturas corporais, é possível expressar, compreender e interpretar emoções e pensamentos. No entanto, o

autor ressalta que a Educação Física como linguagem **vai além da expressão individual e também engloba a interação e comunicação com outras pessoas**. Segundo o autor (2012), por meio da prática de atividades físicas em grupo, é possível promover o diálogo corporal, a cooperação, a empatia e a construção de vínculos sociais. Marcos Neira demonstra em suas obras a importância de se compreender a Educação Física como uma linguagem, que permite a expressão e comunicação por meio de gestos. Essa abordagem possibilita o desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e emocionais, conﬁantes para **uma educação integral do sujeito**. Através da linguagem corporal na Educação Física, é possível estabelecer novas formas de interação e comunicação, ampliando o repertório de expressão e compreensão do ser humano.

Sara Matthiesen, Suraya Darido, Luiz Lorenzetto e colaboradores(as) (2008), compreendem que **na escola a utilização da linguagem corporal visa as formas de expressão, como gestos e movimentos, seus significados, técnicas e táticas**. De acordo com os autores e autoras, os educandos e educandas desse segmento devem ler e compreender danças, lutas, jogos ou esportes, interpretando suas técnicas e táticas, mas também seus ritmos, suas expressões que não exatamente estão diretamente ligados à eficiência das técnicas, suas representações na sociedade e outros. Além disso, **devem perceber nas práticas corporais um vasto campo de atuação que extrapola o papel de apenas expectadores(as)**, assumindo a postura de compreender e interpretar o que observam de forma ampla e aprofundada. Matthiesen e colaboradores(as) (2008) compreendem que se considerarmos que o **“corpo fala” é algo passível de análise, e é necessário entender o que o corpo tem a dizer**. A leitura do corpo como linguagem deveria ser possível para todos os educandos e educandas, e na escola, **as oportunidades de leitura desse corpo, que é tão discutido atualmente e tem muito a comunicar,**

**Os educandos(as) devem ler e compreender as lutas, as danças, as práticas corporais em suas técnicas e táticas, não apenas pela eficiência. Mas também nos seus ritmos, expressões e representações na sociedade**

**certamente deveriam ser um foco do olhar dos(as) professores(as) de Educação Física e de todos e todas professores e professoras de todas disciplinas, o corpo não deixa de existir quando sentamos para aula de matemática ou português.**

Ainda não existe um grande consenso na área da Educação Física sobre como devemos conceituar e interpretar a Educação Física como linguagem, mas muitos

Se o corpo fala como faço pra entender ele?



autores e autoras reconhecem a importância da linguagem do movimento e dos signos corporais na Educação Física. Embora possam ter abordagens teóricas diferentes, muitos compartilham o **objetivo de compreender e valorizar a expressão, comunicação e construção de significados por meio do movimento humano**. Bom, se a Educação Física está na área das linguagens e existe uma grande valorização dessa perspectiva, como seria a linguagem corporal em Paulo Freire e as Lutas/Artes Marciais como linguagem?

### 3.2.

### Existe educação libertadora na expressão da linguagem corporal?

*Ainda tenho um pouco de dificuldade de interpretar e ensinar as lutas como linguagem e em uma educação problematizadora, porque nesse caso acho que a gente tem que levar pra um lado mais histórico não é? (Entrevista 2, T'Challa).*

*Porque eu gosto de usar bastante a linguagem deles, sabe? Por exemplo, os vídeos de Tik Tok, os memes, sabe? Que você acha mesmo de tudo então eu tento usar essas linguagens para aproximar da realidade deles (Entrevista 2, Sonya Blade).*

A linguagem desempenha um papel fundamental na teoria e prática pedagógica de Paulo Freire. Na leitura de Freire (1968), **a linguagem é uma ferramenta de comunicação e expressão**, mas também é um instrumento de poder e dominação. Ele acreditava que a educação tradicional muitas vezes reproduz relações de opressão, e **uma linguagem autoritária e unidirecional é uma das formas pelas quais essa opressão é perpetuada**. Para o autor, a linguagem deve ser utilizada como uma ferramenta de diálogo e participação ativa dos educandos e educandas no processo de aprendizagem. Ele enfatizava a importância da palavra como ação, e defendia que os(as) estudantes devem ser encorajados(as) a expressar suas próprias ideias, experiências e perspectivas. **Através do diálogo e da problematização da realidade, os educandos e educandas são incentivados(as) a refletir criticamente sobre o mundo em que vivem e a buscar a transformação social** (Freire, 1968). Além disso, Freire também valorizava o uso da linguagem popular e acessível, argumentava que a educação deveria estar enraizada na realidade concreta dos educandos e educandas, utilizando-se de exemplos e referências que fossem significativos para eles e elas. Isso incluía respeitar e valorizar os diferentes dialetos, sotaques e expressões culturais presentes na linguagem dos educandos e educandas.

*"Na pedagogia do oprimido, a palavra é dita  
não para causar medo, mas para dar coragem.  
Não para paralisar, mas para mover. Não  
para esconder, mas para revelar."*



Para Freire, a **linguagem** não era apenas um meio de transmitir informações, mas, **da mesma forma que poderia ser um instrumento de opressão, poderia ser também um instrumento de conscientização**, libertação e construção de conhecimento. Ele via a alfabetização como um ato político, que possibilita às pessoas ler e escrever o mundo ao seu redor, desenvolvendo a capacidade de analisar criticamente as estruturas de poder e buscar a transformação social (Freire, 1968). **Mas e a linguagem corporal**, será que poderia ser instrumento de opressão, ou também um instrumento de conscientização, libertação e construção de conhecimento?

**A linguagem corporal é uma expressão do ser humano como um todo e que não pode ser separada da linguagem verbal.**

Embora Paulo Freire seja mais conhecido por suas contribuições para a pedagogia e educação, seu trabalho também envolveu a compreensão da **linguagem corporal e sua importância na comunicação e no processo de conscientização**. Freire (1967) reconhecia que a comunicação não verbal, incluindo a linguagem corporal, desempenha um papel significativo na interação humana e na construção do conhecimento. **Ele acreditava que a linguagem corporal é uma expressão do ser humano como um todo e que não pode ser separada da linguagem verbal**. Segundo

ele, o corpo comunica e transmite significados, emoções e intenções. Na prática educativa de Freire, a atenção à linguagem corporal é essencial para o diálogo autêntico entre educador(a) e educando(a). Ele enfatizava a importância de criar um ambiente de confiança, respeito e igualdade, onde tanto o **educador(a) quanto o educando(a) pudessem se expressar livremente**. A observação cuidadosa da linguagem corporal era uma maneira de compreender as emoções, os sentimentos e as reações dos educandos e educandas, permitindo uma resposta adequada e sensível às suas necessidades, Freire compreendia que **quem aprende, aprende com o corpo todo** (FREIRE, 1967).

Paulo Freire (1968) também reconhecia que a linguagem corporal pode ser influenciada por fatores culturais, sociais e contextuais, dessa forma é

importante a valorização da diversidade cultural e a busca por entender os **diferentes modos de expressão corporal presentes nas comunidades** em que trabalhava. Isso incluía o respeito pelas diferentes formas de gestos, posturas e expressões faciais e corporais que carregam significados específicos em cada cultura. Além disso, a linguagem corporal também estava relacionada ao processo de conscientização proposto pelo autor.

Ele acreditava que a conscientização envolvia uma análise crítica das estruturas de poder e uma compreensão mais profunda das relações sociais. A **linguagem corporal poderia revelar as dinâmicas de poder** presentes na interação entre educador(a) e educando(a), bem como as **relações de opressão ou resistência que permeiam a sociedade**.

**Linguagem  
Verbal e Corporal  
comunicam e  
transmitem  
significados,  
emoções  
e intenções.**

*"Aqueles que usam a linguagem para a  
opressão não apenas proíbem certas  
palavras, mas também impõem silêncio.  
O silêncio cria o dia a dia da opressão."*



Paulo Freire (1996) compreendia a **importância da corporeidade no processo educacional**. Defendia a integração entre mente e corpo, valorizando a experiência dos educandos e educandas como parte fundamental da aprendizagem. Nesse sentido, **a linguagem corporal pode ser entendida como uma expressão da corporeidade, carregando consigo informações, emoções e intenções que em conjunto com a linguagem verbal, escrita e outras, vão se complementar**. O autor ainda enfatizava o diálogo como uma forma de comunicação horizontal e participativa. Embora ele tenha se concentrado principalmente na dimensão verbal do diálogo, é possível inferir que os gestos e expressões corporais também são relevantes nesse contexto. A linguagem corporal e a linguagem verbal se complementam mutuamente, transmitindo emoções, atitudes e intenções que podem fortalecer a comunicação efetiva.

Freire dedicou grande parte de seu trabalho à análise **das relações de poder e à busca pela libertação dos oprimidos**. Embora ele tenha focado principalmente nas estruturas sociais e políticas, também podemos entender que

a linguagem corporal é permeada por relações de poder. Gestos, posturas e expressões podem refletir dinâmicas de poder e dominação, e a conscientização desses aspectos é fundamental para a busca de uma comunicação mais igualitária e emancipatória. Nessa direção, na compreensão de Freire (1967) a educação tem como objetivo central a humanização e libertação das pessoas. A linguagem corporal é uma forma de expressão humana, **permitindo que as emoções, experiências e identidades sejam comunicadas além das palavras verbalizadas**. Nesse sentido, a linguagem corporal pode desempenhar um papel importante na construção de relacionamentos autênticos e na busca pela libertação e emancipação dos(as) sujeitos.

Professor, você sabe o que eu sei fazer?



Embora Paulo Freire não tenha desenvolvido uma teoria explícita sobre a linguagem corporal, seus escritos nos convidam a refletir sobre **a importância da corporeidade, do diálogo**, das relações de poder e da expressão humana como elementos essenciais na educação e na busca por uma sociedade mais justa e igualitária. A observação e a compreensão da linguagem corporal podem enriquecer o diálogo, a construção do conhecimento e a promoção da transformação social proposta por Paulo Freire. **As relações de poder se dão no corpo, a opressão se dá no corpo** e de igual maneira, **a libertação também se dá pelo corpo**, pois quem aprende, aprende com o corpo todo.

Quem aprende, aprende com o corpo todo!



**3.3.**

**O corpo de quem luta fala?**

**O ÚLTIMO SAMURAI**

Uma pitada de força  
Outra de velocidade  
Um pouco de disciplina  
E aquecer o coração em honra

Olhos flamejantes e fixos ao oponente  
Músculos relaxados, fortes e preparados  
Mãos apreensivas, mas estáveis e constantes  
Respiração leve, firme e concentrada

O espírito preparado  
A alma em vontade  
O pensamento se desfaz  
O corpo em inercia acelerada

Apenas num instante  
O gesto preparado pela vida  
O coração deixa sua forma  
O corpo faz sua parte!

Pronto, com o coração ardente em honra  
A disciplina já aplicada  
O movimento executado  
Sinta... a pequena medida de paz.

Álex Jhow  
(RAMOS, 2015, p. 42).



Lendo as entrelinhas dessa poesia, e talvez, na experiência lúdica de escrever esse texto, um dos autores da obra que a escreveu e é apaixonado pelas Lutas/ Artes Marciais possa em conjunto, devanear ideias e reflexões sobre a linguagem corporal nessas manifestações da cultura corporal. Fazendo a releitura dessa poesia 10 anos depois de ter sido escrita, compreendemos que o autor fazia uma leitura da linguagem corporal cultural dos Samurais, dos guerreiros japoneses e de suas próprias, numa vida de experimentação nas Lutas/Artes Marciais de cultura japonesa. Se nos permitem, lemos aqui a técnica, sem ver, lemos também a apreensão no rosto de um samurai imaginário que está prestes a gestualizar um movimento que muda vidas. **Lemos os princípios do Bushido** e lemos ainda os princípios culturais de uma sociedade guerreira do Japão feudal. Lemos até a ocultação dos anseios, as ansiedades, as dúvidas que pairam sobre todo e qualquer um que pratique algo tão *viventemente* e intensamente que tudo se torna nada e o nada precede o tudo novamente, **lemos uma vida de guerra que anseia paz**. Lemos a linguagem escrita produzida da leitura de múltiplas linguagens corporais e da linguagem corporificada na execução de técnicas, táticas e leitura da realidade do universo marcial e midiático da cultura japonesa. **Leitura de linguagens verbais, escritas, multimídias e corporais...** que fazem rizoma e possibilitam a produção de novas formas de ler a realidade, o mundo e a própria corporeidade das gestualidades de nosso “se-movimentar”. “Se-movimentar” este que não se fecha no deslocamento que a mão faz no treino de Karatê, mas se amplifica e complexifica numa linguagem corporal que sente, reflete, traduz, produz, transforma e cria.

**Leitura de linguagens verbais, escritas, multimídias e corporais... que fazem rizoma e possibilitam a produção de novas formas de ler a realidade**

### O corpo de quem luta fala!

*O corpo fala né, independente de falar outras linguagens que não são as verbais, acho que o corpo fala (Encontro 4, John).*

MEU CORPO FALA?!



*No caso da luta, se a gente tiver um tatame, um tatame e duas pessoas com um kimono né, um árbitro do judô, tudo ok para acontecer o judô. Mas aquelas pessoas nunca praticaram ou viram nada sobre o Judô, o Judô não existe ali, ali não está existindo Judô, quem vê, não vai tá vendo a linguagem do Judô, os corpos daquelas pessoas não tiveram aprendizado daquela linguagem, no caso o Judô. Mas se você coloca dois judocas e eles começam o combate, você vai olhar e vai ver, isso é Judô, é uma linguagem específica, a linguagem do Judô (Encontro 4, John).*

Os professores e professoras anseiam por desenvolver ainda mais **reflexões sobre compreender o que o corpo tem a “dizer”**, sobre o que o corpo pode produzir e como podemos tematizar tais leituras e produções nas aulas de Educação Física escolar. Concordamos com professor John quando afirma que o corpo fala e que o Judô ou qualquer Luta/Arte Marcial tem suas linguagens, dentre elas, linguagens corporais com especificidade, **linguagens corporais no plural mesmo**, porque uma Luta/Arte Marcial não tem apenas uma forma de se expressar, apenas uma linguagem a se ler, interpretar e produzir. São múltiplas linguagens para plurais interpretações e intermináveis formas de transformação e **produção dessas linguagens corporais que se ressignificam em dinâmicos encontros com as pessoas e com o mundo.**

Para refletirmos um pouco sobre essas linguagens corporais das Lutas/Artes Marciais é importante perguntarmos algumas coisas, como: nas linguagens das Lutas/Artes Marciais realmente não há violência? Existe machismo, racismo, LGBTQIPN+fobia e outros preconceitos nessas linguagens? Como podemos fazer a leitura das técnicas, táticas e histórias dessas linguagens? Essas e outras questões nos levam a refletir sobre a necessidade de lançarmos olhares e fazer leituras não romantizadas dessas práticas corporais.



Vamos com o que não parece obvio. **As Lutas/Artes Marciais foram criadas para crianças?** Não, pelo menos não para as crianças e para as infâncias como compreendemos na atualidade. **As práticas corporais de combate foram sistematizadas para matar os inimigos**, ou no mínimo, para incapacitar e, de alguma forma, alcançar o objetivo mais amplo daquele combate, conquistar território, defender o território, coletar comida, defender o povo de uma sociedade, demonstrar força para evitar uma guerra maior, demonstrar força para obter a liderança de um grupo ou mesmo para oprimir um povo e toma-lo como escravo para ampliar o domínio de um possível império. **Independente das motivações, essas práticas corporais eram treinadas e executadas para**

**subjugar seus oponentes** (ANTUNES, ALMEIDA, 2016).

Muitos professores e professoras de Educação Física e de várias modalidades de luta falam de “peito cheio” que nas **Lutas/Artes Marciais não tem violência**, que as Lutas/Artes Marciais buscam a paz e o equilíbrio. Entretanto, se apenas afirmarmos que nas Lutas/Artes Marciais não há violência, estaremos incorrendo em erros no mínimo temporais, geográficos e de uma grande generalização/padronização dessas práticas corporais. Compreendemos a dificuldade das pessoas ouvirem dos professores e professoras que as Lutas/Artes Marciais não têm violência sendo que em grande medida, se essas pessoas não praticaram alguma Luta/Arte Marcial ou passaram pelo aprendizado das lutas na Educação Física escolar que mostrasse outra perspectiva para elas, é bem provável que elas **realizaram uma leitura dessas práticas corporais através das mídias**. E essas pessoas viveram toda a vida vendo filmes, séries, desenhos e jogos de vídeo game em que os(as) **protagonistas, os “heróis” e as “heroínas” são as pessoas com maior nível de habilidade e força para causar danos aos seus oponentes**. Passaram a vida assistindo lutas de Boxe, do UFC ou luta livre em que duas pessoas se batem com o objetivo de **causar dano suficiente para a outra perder a consciência**. Viram vídeos no YouTube ou qualquer plataforma de vídeos online em que pessoas testam técnicas marciais para verificar sua **eficiência para quebrar ossos e decepar membros**, diante disso, eu compreendo a dificuldade dessas pessoas em entender que as Lutas/Artes Marciais que serão tematizadas na escola não terão violência.



**Afirmar que nas Lutas/Artes Marciais não há violência, estaremos incorrendo em erros no mínimo temporais, geográficos e de uma grande generalização padronização dessas práticas corporais**

*No ensino de alguma determinada luta marcial na escola, existe todo um preconceito, eles têm um pré-conceito né? Eles tentam julgar, eles acham que vai sair batendo em todo mundo e tal, eles descaracterizam a arte marcial e reduz ela somente a violência é isso que eu percebo. Existe sim, essa forma das pessoas muitas vezes estarem enxergando, igual esgrima que eu trabalhei, porque eles enxergam de uma forma reducionista (Entrevista 1, Naruto).*

A gestão da escola, os pais e responsáveis, os educandos e educandas **não têm a obrigação de compreender as Lutas/Artes Marciais para além do que lhes é exposto pela mídia** e pela sociedade. Geralmente se não for em uma academia de alguma Luta/Arte Marcial, na Educação Física escolar ou em algum curso de formação superior em que sejam tematizadas essas manifestações, de

forma geral, as pessoas não têm a oportunidade de desenvolver reflexões mais amplas e aprofundadas sobre essas práticas corporais. Dessa forma, temos a suposição que a dificuldade e às vezes até o medo que temos de contextualizar as Lutas/Artes Marciais historicamente e socialmente e assumirmos que as lutas têm características de violência para, assim, problematizarmos as suas transformações culturais para chegarmos a poder dar aulas de Lutas/Artes Marciais sem violência, seja um dos pontos de não conseguirmos ajudar as pessoas a compreender essas manifestações. **Simplesmente afirmar que as Lutas/Artes Marciais não são violentas** e buscar outras coisas, que “tem filosofia”, que “melhora a disciplina”, que “ensina a não lutar” e vários outros jargões para defender essas práticas corporais, **não é suficiente para ajudar as pessoas a compreenderem** o que é, o que foi ou até o que estão sendo as violências que permeiam as Lutas/Artes Marciais.

**As Lutas/Artes Marciais não são violentas**, pois dizer que elas são violentas seria afirmar que a violência é inerente a essas práticas corporais, e isso não é real, entretanto, a **violência circunda muitas das linguagens das Lutas/Artes Marciais** e isso não pode ser desconsiderado quando formos tratar dessa temática. O autor Álex desse livro, pratica Lutas/Artes Marciais a

cerca de 20 anos, nessa história de vida aprendendo a ler, reproduzir e produzir as Lutas/Artes Marciais desenvolveu habilidades e aprendeu técnicas que em seus contextos de origem foram utilizadas para quebrar ossos, estrangular articulações, perfurar corpos, decepar membros e cortar pescoços, técnicas de combate muito eficientes e extremamente violentas quando utilizadas em seus contextos de origem. **Então como poderíamos sugerir tematizar uma prática corporal com tamanha gama de características violentas na Educação Física escolar?**

Como mencionado anteriormente, as Lutas/Artes Marciais não foram criadas para crianças, realmente não foram, **mas as transformações históricas e sociais** das sociedades humanas e as transformações históricas dessas práticas corporais criadas pela humanidade as ressignificaram suficientemente para poderem ser tematizadas para e com crianças sem as características violentas, e mais, possibilitando aprendizados de princípios e valores contrários aos de causar danos e violências contra outras pessoas. **Mas como isso pode acontecer?** Como uma prática corporal criada em suas origens com um objetivo se transforma

Fessora, eu vou aprender violência?



**As Lutas/Artes Marciais não são violentas. Mas a violência circunda muitas das linguagens dessas práticas corporais e isso não pode ser desconsiderado quando formos tratar dessa temática**

em algum tempo em uma prática corporal que ainda carrega muito de suas características, muito da sua linguagem corporal original, mas um de seus principais objetivos originais é transformado em seu oposto, não mais causar violência, como isso se explica?

**No decorrer da história humana duas coisas acontecem que abalam o universo das Lutas/Artes Marciais de forma drástica:** a criação da **arma de fogo** que é muito mais eficiente para subjugar inimigos que técnicas de combate corporais e os **movimentos políticos** que as sociedades vieram e vem fazendo para diminuir a violência e aumentar a segurança das pessoas nas sociedades (Antunes, Almeida, 2016). Nessa perspectiva Norbert Elias e Eric Dunning (1992) argumentam que com o avanço da civilização, as sociedades têm passado por um processo de pacificação, no qual as regras e normas sociais se tornam mais complexas e restritivas. **Eles explicam que a crescente efetividade do controle dos indivíduos resulta em uma diminuição da violência.** E essa transformação da sociedade é evidenciada nas práticas corporais. Os autores também ressaltam a importância do sentimento de excitação nas práticas corporais. Essa excitação é um elemento fundamental para a busca de emoções intensas, e é central tanto nas atividades esportivas quanto nas práticas corporais em geral. Elias e Dunning (1992) analisam como a sociedade contemporânea tem buscado formas de obter essa excitação, mesmo dentro

de um contexto mais pacífico. Nesse sentido, os autores exploram as transformações dos jogos e esportes ao longo do tempo. **Eles destacam como as práticas esportivas se tornaram mais controladas, com regras definidas e arbitragem,** e como isso influencia na forma como o poder é exercido dentro desses espaços. Além disso, eles discutem como a busca pela excitação impulsionou o desenvolvimento de novas modalidades esportivas que satisfazem essas necessidades emocionais, como os esportes radicais. Os

autores afirmam que o avanço civilizatório trouxe benefícios, como a diminuição da violência, mas também trouxe desafios, uma vez que a busca pela excitação ainda persiste.

Nesse contexto, as **Lutas/Artes Marciais começam a perder força em seu caráter de apenas subjugar o adversário,** pois se seus objetivos principais forem treinar pessoas para guerra e para a defesa pessoal apenas, as armas de fogo as tornariam obsoletas e aos poucos elas poderiam ser extintas. Dessa forma, muitos mestres e praticantes começaram a olhar para suas práticas e dar

Se antes a leitura e a produção da linguagem corporal das Lutas/Artes Marciais se davam principalmente na eficiência de causar danos a um adversário, na contemporaneidade começam a realizar leituras e produções em outras direções

ênfase em outras características, se antes a leitura e a produção da linguagem corporal das Lutas/Artes Marciais se davam principalmente na eficiência de causar danos a um adversário, começam a realizar leituras e produções em outras direções.

Trazemos exemplo de **três renomados mestres que transformaram drasticamente suas Lutas/Artes Marciais** para poderem ser difundidas em uma sociedade que não mais busca essas práticas corporais para matar, mas, talvez, para praticar na forma de esporte, melhorar a qualidade de vida, satisfazer sua busca pela excitação, melhorar outras características de seu dia a dia, como foco, disciplina e outros, ou mesmo para conhecer uma cultura que é diferente da sua. **Jigoro Kano** fundador do **Judô**, **Ginchin Funakoshi** considerado pai do **Karatê** moderno, **Masaaki Hatsumi** desenvolvedor do **Ninjutsu Bujinkan** foram figuras primordiais para que o Judô, o Karatê e o Ninjutsu se transformassem em Lutas/Artes Marciais praticadas no mundo inteiro e com objetivos que se deslocam da ideia de causar e evitar dano de um adversário. Kano, busca no Jujutsu tradicionais práticas de combate dos Samurais e as ressignifica para criar a “arte da suavidade”, o Judô (KANO, 2008). Funakoshi, busca no Okinawa-te ou Todê, a Luta/Arte Marcial originada na ilha de Okinawa para defesa pessoal sem armas e a ressignifica para constituição do “caminho das mãos vazias”, o Karatê-do (NAKAYAMA, 1977). Hatsumi encontra nas antigas tradições Shinobi e Samurais caminhos para criar a “escola do guerreiro divino”, a Bujinkan (HATSUMI, 2005). Nessas ressignificações, além das transformações dos objetivos, também **mudaram-se técnicas, princípios foram alterados, características**

O Judô era diferente do que é hoje?



**É importante que compreendamos a dinamicidade das práticas corporais, suas históricas transformações complexas assim como a complexidade das relações humanas.**

**foram transformadas para que pudessem ensinar a lutar para alcançar outros aprendizados que não fossem apenas causar dano (KANO, 2008).**

A releitura desses mestres e de muitos outros e outras nos permite compreender a dinamicidade dessas práticas corporais, suas transformações complexas assim como a complexidade das relações humanas. Os socos e chutes, as técnicas de torção e estrangulamento, os golpes contundentes com bastão ou os cortes com espada são elementos das linguagens corporais das Lutas/Artes Marciais e **foram utilizadas para causar**

**dano de forma muito violenta** em certos momentos e locais. Entretanto, a linguagem corporal também é ressignificada, assim como, por exemplo, na

linguagem verbal inglesa a palavra “queer<sup>2</sup>” que era utilizada pejorativamente para insultar pessoas LGBTQIAPN+ no final do século XIX, mas que, com o tempo, foi ressignificada pela própria comunidade LGBTQIAPN+ e agora ela faz parte da constituição de suas identidades de forma positiva. Manteve-se a palavra. mas mudou seu sentido e significado. **Assim também ocorre na**



**linguagem corporal**, mantém-se as técnicas de soco, chute, corte com espada, mas **modifica-se o sentido e significado de sua execução**, o gesto de cortar não mais precisa ser com o objetivo de realmente aprender a cortar um oponente, mas talvez para refletir sobre como aconteceram as guerras antigas, para se **fortalecer corporalmente**, para uma **experiência lúdica** de utilizar um implemento que está nos filmes e séries, mas de forma segura e controlada, para **compreender uma cultura diferente da sua**, para **fazer parte de uma comunidade**

e socializar em relação a certas práticas corporais.

A ressignificação histórica da linguagem corporal das Lutas/ Artes Marciais transforma as técnicas e junto com elas seus sentidos e seus significados, logo, a leitura da execução de um soco não pode ser apenas pela eficiência seca de contundir um adversário ou de seu deslocamento biomecânico no espaço e tempo. A **leitura da execução de um “simples” soco pode estar carregada de compreensões históricas e culturais** de um povo e uma cultura que fez escolhas éticas e estéticas para que aquele soco chegasse daquela forma até nós. Ler e analisar as linguagens corporais das Lutas/ Artes Marciais em suas diferenças, suas transformações técnicas e suas maneiras de treinar e executar certos gestos pode ser uma grande viagem pela história da humanidade, pelos seus conflitos, pelas suas formas de ler e produzir as sociedades e o mundo.

**A ressignificação histórica da linguagem corporal das Lutas/Artes Marciais transforma as técnicas e junto com elas seus sentidos e significados**

Gostaria de apresentar um exemplo de uma Luta/Arte Marcial que foi desenvolvida para defesa pessoal com técnicas de socos, chutes, cotoveladas, joelhadas, projeções e outros de forma muito contundente e rígida e atualmente

2 Queer é um termo guarda-chuva da língua inglesa para minorias sexuais e de gênero, ou seja, que não são heterossexuais ou não são cisgênero. Originalmente significando “estranho” ou “peculiar”, queer era usado pejorativamente contra aqueles com desejos ou relações homossexuais no final do século XIX, mas o movimento LGBTQIAPN+ fez uma ressignificação da palavra e agora ela faz parte da constituição de suas identidades.

se ressignificou para ser uma prática esportiva que abomina a violência. **Estou falando do Karatê**, especificamente uma linhagem de Karatê que abarca estilos dentro da Federação Internacional de Karatê (WKF), que tem regras específicas e internacionalizadas para que as lutas de Karatê possam acontecer. Nas **regras oficiais da WKF é irregular aplicar técnicas com força desnecessária que coloque o(a) oponente em risco**, ou seja, se um(a) dos(as) lutadores(as) executar uma técnica contundente que possa machucar seu(sua) oponente,

O lutador perdeu porque bateu muito forte?!



além de não ganhar pontos, ele(a) **receberá uma punição**. Um exemplo que ficou muito evidente dessa regra contra a violência ocorreu na final da competição de Karatê nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2021. Durante a luta um dos atletas aplicou um chute que acertou a cabeça do seu oponente e esse foi nocauteado, o árbitro parou a luta e chamou os médicos, o médico abordou o atleta caído e verificou que ele realmente havia perdido a consciência e recuperado alguns minutos depois, mas que estava bem a princípio. Após essa análise, **o atleta que executou o chute recebeu uma punição e foi desclassificado da luta**, dessa forma, o campeão de Karatê dos Jogos Olímpicos de Tóquio foi o atleta que foi nocauteado durante a luta.

Podemos fazer várias leituras e reflexões dessa situação, gostaríamos de destacar uma em relação à violência e às técnicas aplicadas nos torneios de Karatê. Comprendemos que as competições de luta de Karatê na WKF não têm mais o objetivo de causar dano entre oponentes, a definição técnica e a estética ganham mais proeminência que a eficiência de causar e evitar danos. **Isso quer dizer que o Karatê está deixando de ser eficiente em combate para defesa pessoal?** Essa questão é válida, pois alguém pode querer praticar o esporte e não querer utilizá-lo como defesa pessoal, mas para competições. Ou praticar para defesa e não querer o esporte, só ficar forte para a própria segurança. **Respondendo à questão, sim e não.** Existem outras linhas e estilos de Karatê, como a Confederação Brasileira de Karatê de Contato (CBKC) que priorizam técnicas mais contundentes e mais próximas da defesa pessoal. Mas a escolha de uma grande ramificação do Karatê, no mínimo politicamente mais forte, pois foi a que tomou a frente para estar nos Jogos Olímpicos, **compreende que o Karatê na atualidade ensina a lutar, mas que essa luta não é para causar danos contundentes em oponentes.** A leitura da linguagem corporal do Karatê que querem evidenciar não é mais sua

**As competições de luta de Karatê na WKF não têm mais o objetivo de causar dano entre oponentes, a definição técnica e a estética ganham mais proeminência que a eficiência de causar e evitar danos**

eficiência de subjugar adversários(as), mas sim a estética dos movimentos, os detalhes técnicos, o controle fino e estratégico dos gestos dessa prática corporal de combate. É uma leitura e uma produção da linguagem de um Karatê em que a violência perde espaço e a beleza técnica e estética ganha muito mais proeminência, nessas competições é raríssimo ver atletas machucados(as) ou mesmo sangue, pois os sentidos e significados de se lutar mudaram, se ressignificaram, a linguagem corporal do Karatê se transformou drasticamente.

Ainda nessa direção gostaríamos de comentar sobre as **Formas, os Kata** que são uma simulação individual de luta muito praticada nas Lutas/Artes Marciais japonesas, equivalem ao **Kati** nas Lutas/Artes Marciais chinesas e ao **Pumsae** das coreanas e com muitas outras denominações para outras Lutas/Artes Marciais de outras culturas. As Formas são movimentos preestabelecidos em que os(as) lutadores(a) e/ou atletas executam gestos com intenção de **demonstrar técnicas tradicionais daquela Luta/Arte Marcial sem sua aplicação com um(a) oponente**, apenas de forma demonstrativa e individual. Os Kata apresentados nas competições de Karatê da atualidade são uma clara representação dessa transformação da leitura e produção das linguagens das Lutas/Artes Marciais. Seus objetivos não focam na melhor técnica para causar e evitar danos, nem mesmo na eficiência de subjugar um(a) oponente.

**A Forma, nessa perspectiva, é o fino treinamento técnico que ocupa o palco central, a postura erguida, o delicado entalhe de cada movimento. Eleva-se a arte do controle, da consciência corpórea, onde a tensão e o desprendimento dos músculos dançam num baile meticulosamente coreografado. E num sussurro quase imperceptível, lá está o olhar, aquele equilíbrio sutil, a respiração que se infla robusta e compassada ao ritmo da existência, e a força de um Kiai<sup>3</sup> que rasga o silêncio com a poesia de sua energia. Nesse palco, a estética desabrocha, reivindicando seu espaço com a graciosidade de uma flor que se impõe não pela força, mas pela beleza de sua existência. Ganha-se um espetáculo onde a proeminência não é dada pela eficácia de infligir ou esquivar-se do dano, mas pela magnificência com que cada gesto é executado, pela narrativa contada em cada respiração e pelo poema escrito na linguagem do corpo.**

No entanto, Elias e Dunning (1992) também apontam que, apesar das transformações sociais e dos avanços civilizatórios, ainda existem resquícios

3 Kiai é o grito típico do Karatê, no momento de executar a técnica com a maior força e energia possível.

de práticas corporais e esportes violentos. Eles argumentam que essa violência, embora em menor escala, ainda persiste na sociedade contemporânea. Dessa forma, vale destacar, novamente sem romantizar, que **existem muitas pessoas que praticam certas Lutas/Artes Marciais com o objetivo de causar dano, seja em brigas, em guerras ou mesmo em práticas esportivas.** Muitas Lutas/Artes Marciais da atualidade ainda desenvolvem grande proeminência no causar e evitar dano em seus treinamentos. Facilmente podemos verificar nas competições em que as regras permitem, por exemplo, o **nocaute**. Para causar um nocaute é necessário aplicar técnicas contundentes o suficiente na cabeça ou rosto do oponente para que ele perca a consciência. Mas ainda assim, essas práticas corporais estão sob controles rígidos para apaziguar os danos aos(as) praticantes. **Há regulamentos, regras e arbitragem que vão tentar garantir a maior segurança possível.** Quem vai competir nessas práticas corporais de forma geral nos campeonatos amadores e de forma integral nos profissionais, conhece as regras e sabe em que riscos estão se colocando. Ou seja, nessa perspectiva o dano causado não tem o objetivo de machucar o outro, mas sim, dentro das regras, ganhar a competição, **ganhar a luta, o que é completamente diferente de uma briga fora do contexto de uma competição esportiva.**

**O que faz as pessoas se tornarem violentas ou não, são as intenções éticas, estéticas e o ambiente constituído para execução e prática daquelas manifestações da cultura corporal.**

Uma Luta/Arte Marcial que tenha técnicas de estrangulamento, técnicas de corte com espada, utilização de faca e vários outros elementos pode formar pessoas serenas e buscadoras de paz assim como pessoas que buscam a violência e formas de causar dano a outras pessoas. O que faz as pessoas se tornarem violentas ou não, são as intenções éticas, estéticas e o ambiente constituído para execução e prática daquelas manifestações da cultura corporal.

Assim como o treino de uma prática corporal como o balé pode ser extremamente violento com as pessoas que a praticam, na execução das técnicas, na forma de ensinar e aprender, na forma de transmitir verbalmente ou corporalmente os comandos da execução dos gestos. **A violência pode estar em qualquer lugar,** vemos claramente no ambiente acadêmico como certos orientadores e orientadoras tratam seus(as) orientandos(as), como em certas bancas de defesa de teses e dissertações os pesquisadores e pesquisadoras são escrachados(as) de forma extremamente violenta verbal e corporalmente por certas execuções em suas pesquisas. No balé, nas pesquisas acadêmicas ou nas Lutas/Artes Marciais, **a violência não é inerente, ela pode ou não estar lá, mas somos nós que fazemos essas múltiplas linguagens serem violentas ou não.** Dessa forma, não precisamos ter medo de dizer que em muitas Lutas/Artes Marciais em muitas de

suas características há aspectos violentos, mas quando formos tratar delas, essas características e princípios não terão proeminência e além disso, essas questões serão problematizadas para que os educandos e educandas possam refletir sobre a violência nas Lutas/Artes Marciais e também em suas realidades.



*como a gente consegue problematizar e pensar a partir das práticas dadas nas aulas, a diminuição da desigualdade, por exemplo, de gênero, pra quebrar esse estigma de lutas pra homens e dança pras mulheres? (Encontro 3, Sonya Blade).*

*Eu gosto sempre de tá trabalhando primeiro com eles passando algum filme, algum vídeo, algum relato de algum atleta mesmo que seja através do data show, tipo uma introdução para mostrar para eles né que as lutas, por exemplo, é para todos né, para homens, para mulheres, independente de classe social. Então mostrar que todos podem estar praticando né, então isso também é importante a questão do gênero, mostrar para eles que o jiu-jitsu, por exemplo, mulher, o sexo feminino também inclusive temos medalhistas, inclusive uma vez dois mestres de Taekwondo na escola (Encontro 5, Haru).*

Novamente sem romantizar as Lutas/Artes Marciais e inspirados(as) nas falas do professor Haru e da professora Sonya Blade gostaríamos de comentar **sobre o (não) lugar das mulheres e da feminilidade na prática dessas manifestações culturais**. Segundo as autoras Vera Fernandes, Ludmila Mourão, Silvana Vilodre Goellner, Carla Lisboa Grespan (2015) o ambiente das Lutas/Artes Marciais muitas vezes é preconceituoso e carregado de estereótipos machistas. O machismo nas Lutas/Artes Marciais é uma questão relevante para tratarmos nas aulas. Assim como em diversas outras áreas, as Lutas/Artes Marciais refletem as desigualdades de gênero presentes na sociedade em geral. Isso pode ser observado em diferentes contextos, incluindo competições, academias e até mesmo no tratamento de atletas e praticantes. Segundo

Luta é coisa de menino?



as autoras Fernandes e colaboradoras (2015) podemos verificar questões como estereótipos de gênero em que se associam as Lutas/ Artes Marciais a atividades predominantemente masculinas, **o que pode desencorajar muitas mulheres a ingressarem nessas práticas e fazer com que as que praticam sejam taxadas de masculinizadas**, como se só os homens pudessem lutar, conhecer esses elementos da cultura ou fortalecer o corpo para a defesa pessoal ou esporte. Assim como em outras modalidades esportivas existe a desigualdade de premiações em algumas competições, os prêmios em dinheiro ou outros reconhecimentos para mulheres são inferiores aos oferecidos aos homens, mesmo quando eles competem em eventos similares.

Isso faz parte da linguagem das Lutas/Artes Marciais, pois **certas características foram constituídas historicamente em uma sociedade patriarcal** que menosprezava a força e habilidades das mulheres para a prática das Lutas/Artes Marciais. Entretanto gostaríamos de apresentar um outro olhar e outros fatos para lermos a linguagem das Lutas/Artes Marciais em relação às mulheres. Mulheres guerreiras têm desempenhado papéis significativos ao longo da história humana, desafiando os estereótipos de fragilidade e submissão atribuídos a elas por sociedades patriarcais. **Tribos e sociedades de mulheres guerreiras encontradas em diferentes períodos e regiões do mundo fornecem evidências da capacidade e determinação das mulheres em lutar**, liderar e defender seus territórios. Vamos evidenciar algumas dessas tribos e sociedades históricas, fornecendo fatos que destacam o papel das mulheres guerreiras em diferentes culturas.

Segundo a autora Ana Vasconcelos (2022), no contexto real, as **guerreiras Agojies eram uma força de elite do exército do Reino do Daomé**, atual Benin, formado exclusivamente por mulheres guerreiras. O reino ostentava um exército composto por centenas de mulheres que se tornaram conhecidas por **sua bravura e agilidade nos combates**. Elas treinavam habilidades de combate, liderança e participavam de rituais de guerra. Essas guerreiras eram responsáveis por proteger o rei e seu reino, demonstrando força, coragem e lealdade. Paula Pereira (2016) afirma que no Japão feudal, **as onna-bugeisha eram mulheres samurais que participavam ativamente de batalhas**. Elas

**Mulheres guerreiras têm desempenhado papéis significativos ao longo da história humana, desafiando os estereótipos de fragilidade e submissão atribuídos a elas por sociedades patriarcais**

Posso ser uma guerreira?!!



eram treinadas em combate, montaria e armamentos, e, muitas vezes, lideravam seus próprios grupos de mulheres guerreiras. Exemplos notáveis são **Tomoe Gozen e Nakano Takeko**, que comandaram tropas e lutaram bravamente em batalhas ao lado dos homens. Nessas sociedades e em muitas outras, as mulheres não apenas lutavam como guerreiras, mas também **representavam símbolos de resistência e liberdade**.

Ao longo da história, a **mulher frequentemente foi retratada como frágil, submissa e dependente**, uma visão que se enraizou em muitas culturas e sociedades ao redor do mundo e chegou até a atualidade. No entanto, essa perspectiva omite uma rica tapeçaria de dados históricos que evidenciam a existência de sociedades e tribos onde **as mulheres eram guerreiras, líderes e detentoras de grande poder e respeito**. Essas mulheres desafiaram as convenções de sua época, liderando exércitos, defendendo suas terras e tomando decisões cruciais para suas comunidades. A omissão dessas histórias contribui para a perpetuação de estereótipos e limita a compreensão da verdadeira amplitude e diversidade do papel da mulher na história da humanidade.

Mas a verdade que se impõe, e que não podemos de maneira alguma varrer para debaixo do tatame, é a presença ardilosa do machismo e da violência nas Lutas/Artes Marciais. Elas se fazem presentes, sim, em cada golpe e grunhido desse universo. Não nos cabe disfarçá-las com véus de negação ou declarações superficiais. O caminho é mais árduo, mas também mais frutífero: devemos encarar essas questões de frente, problematizando-as, convidando à reflexão, ao invés de somente proclamar a ausência de violência ou a capacidade das mulheres de participarem dessas práticas. Repetir esses mantras sem aprofundamento é apenas camuflar a realidade com palavras vazias, quando, na verdade, nosso objetivo é desvendar e dismantelar as camadas de preconceito. Devemos abrir espaços genuínos de diálogo e questionamento, pois é somente através desse processo crítico que iremos cultivar e colher as verdadeiras mudanças nas Lutas/Artes Marciais, transformando-as em práticas onde a violência cede lugar à inclusão e o preconceito se dissolve em um ambiente acolhedor e respeitoso para todos e todas.

## 3.3.1.

**Como podemos ler as Lutas/Artes Marciais?**

A leitura das linguagens corporais imbricadas nas Lutas/Artes Marciais **transcende, com distinção, o puro aprendizado das técnicas inerentes a cada estilo**. Sim, as técnicas são suas artérias por onde fluem energia e intenção, mas o corpo fala em um idioma mais rico, em nuances **que escapam do simples ato de golpear ou defender**. É uma conversa estampada na face, num olhar que pode tanto desafiar quanto acolher, nos dentes cerrados pela determinação ou num sorriso que alivia a tensão do embate. Nas mãos, essa conversa se revela no punho firme e preparado ou na leveza dos dedos que dançam com a serenidade de quem domina a arte. E o que dizer dos músculos? Ora tensos,

vibrando com a potência da estática iminente, ora soltos, entregues à dança que desafia a gravidade, revelando que a força, também, tem seu ritmo e sua melodia. **É assim que, ao nos atentarmos à riqueza dessas linguagens corporais, nos abrimos para uma compreensão mais ampla do que significa lutar, do que é a arte marcial**. Uma poesia de movimentos, um diálogo do ser com o mundo, uma sinfonia de gestos em que cada movimento é uma palavra, cada técnica é uma frase, e o conjunto de uma luta é, na verdade, uma narrativa épica contada pelo corpo.

**Luta/Arte Marcial é mais...**

**É poesia em movimentos, um diálogo do ser com o mundo, uma sinfonia de gestos onde cada movimento é uma palavra, cada técnica é uma frase, e o conjunto de uma luta é, na verdade, uma narrativa épica contada pelo corpo.**

Recentemente aconteceu um **Festival Cultural** na universidade em que um dos autores do livro trabalha, ele participou de duas apresentações, uma junto com outros professores e professoras de Ginástica para Todos (GPT) e outra junto à academia de Karatê da qual faz parte. De maneira geral, geralmente ele carrega em sua linguagem corporal um semblante leve e quase sempre está sorrindo, se não com a boca, sorri com os olhos. Após as duas apresentações, pelo menos quatro pessoas entre professores(as) e educandos(as) que convivem no dia a dia foram comentar o estranhamento que causou o **seu semblante fechado, rígido e sério na apresentação de Karatê**, diferente de como estão acostumados a lhe ver e sentir. Esse é um claro exemplo da leitura de uma linguagem corporal específica da prática do

**A linguagem de cada Luta/Arte Marcial pode transformar a forma de expressão de cada pessoa em situações diferentes**

Karatê, essa prática corporal se constituiu historicamente com **seus praticantes executando seus movimentos e técnicas com um semblante sério e rígido para, de alguma forma, demonstrar força, honra, concentração e talvez até poder**. Já na realização da apresentação de Ginástica para Todos não houve um estranhamento com o seu semblante, não existiu uma exigência tão grande ou tão distante de como são seus sorrisos do dia a dia. Talvez se estivesse fazendo uma apresentação de Capoeira e não de Karatê, esse semblante sério e fechado não teria tanta proeminência pelas próprias características que a Capoeira proporciona em suas linguagens corporais.

Se nos dedicarmos a compreender com profundidade a linguagem corporal presente nas Lutas/Artes Marciais, veremos que, com estudo e experiência acumulada, torna-se possível **decifrar um lutador ou uma lutadora e identificar a qual estilo pertencem apenas observando sua postura e movimentos**. A posição das pernas, por exemplo, se mais afastadas ou mais próximas, revela nuances sutis, mas definitivas entre as diferentes Lutas/

**Cada Luta/Arte Marcial constrói sua própria linguagem, cada uma conta sua própria história através dos movimentos, dos gestos, das posturas, das vestimentas, dos corpos que a praticam**

Artes Marciais. Os braços, ao erguerem-se em guarda, podem contar histórias diferentes, dobrados e próximos ao rosto sugerem uma abordagem, enquanto alongados e mais afastados indicam outra. Observar se os cotovelos protegem o queixo ou se expandem para cobrir a cabeça contra chutes é mais uma pista do estilo praticado. **Cada Luta/Arte Marcial constrói seus adeptos de maneira única**, cada detalhe na postura, cada centímetro de espaço entre os membros não é por acaso, mas uma resposta aos princípios e estratégias que caracterizam essa prática. Assim, a **leitura atenta desses sinais corporais não apenas enriquece nosso entendimento sobre o praticante, mas abre um leque de apreciação** para as ricas e diversas tradições das Lutas/Artes Marciais, cada uma com sua própria linguagem, cada uma contando sua própria história através dos corpos que a praticam.

**Essa leitura nos ajuda a compreender as representações das Lutas/Artes Marciais nas mídias**, um bom exemplo é o filme Karatê Kid de 2010 com Jackie Chan, em que foi feita uma releitura do filme Karatê Kid de 1984 com Pat Morita (Sr. Miyagi). Quando assistimos pela primeira vez, os primeiros gestos do filme deixam claro que não se tratava de Karatê, eram gestos e técnicas de Kung Fu.



O filme de 2010 não retrata em nenhum momento características do Karatê, prática corporal japonesa, ele é todo desenvolvido em cima da linguagem corporal do **Kung Fu que é uma prática corporal chinesa**. Aprender a ler as Lutas/Artes Marciais é aprender a ler essas manifestações e compreender suas diferenças e similaridades, seus contextos culturais e históricos e também ler criticamente o porquê do filme não se chamar “Kung Fu Kid” ou qualquer outro nome

que se relacione com o Kung Fu ou com a China. Nessa direção, perceberemos também que essa **linguagem não está “apenas no corpo”**, está nas vestes, nos adereços, no local, nas tatuagens, nos mais diferentes aparatos culturais que podem ser utilizados para se expressar na prática dessas Lutas/Artes Marciais. Um kimono branco leve, um kimono azul grosso, uma calça branca larga, luvas grandes e fofas, cordas amarradas no braço ou na cintura, espadas de bambu, de madeira maciça ou forjadas de aço com fio de corte ou sem fio de corte. **Tudo isso faz parte das escolhas de como as pessoas querem e vão se expressar**

**A linguagem corporal não está “apenas no corpo”, está nas vestes, nos adereços, no local, nas tatuagens, nos mais diferentes aparatos culturais que podem ser utilizados para se expressar na prática dessas Lutas/Artes Marciais.**

**Aprender a ler as Lutas/Artes Marciais é aprender a ler essas manifestações e compreender suas diferenças e similaridades, seus contextos culturais e históricos**

**corporalmente**, como vão reproduzir e produzir gestos das mais diferentes e amplas possibilidades que suas linguagens corporais aprendem e produzem das suas leituras das linguagens das Lutas/Artes Marciais.

Mais uma reflexão que vale destacar sobre as linguagens das Lutas/Artes Marciais é em relação às **comunidades marciais**, diferentemente de muitas classificações de esportes e práticas corporais que enquadram as Lutas/Artes Marciais em esportes individuais, nós não vamos completamente nessa direção. Compreendemos essa classificação por se tratar de quando as pessoas vão lutar esportivamente elas não têm uma equipe com ela dentro do ringue para lutar junto. Entretanto, **diferente de muitos esportes individuais como o atletismo, as corridas, os saltos e lançamentos**, ou os esportes de precisão como o tiro com arco ou tiro esportivo, nas Lutas/Artes Marciais **não dá para aprender a lutar sem um(a) oponente**. Você consegue aprender a correr e saltar e melhorar seu tempo ou a altura do seu salto sem ter alguém correndo ou saltando contra você, você consegue melhorar a sua mira para acertar uma flecha no centro do alvo também sem um adversário. Mas nas Lutas/Artes Marciais isso muda de figura, você até consegue aprender

**Além de saber ler as técnicas, para aprender a lutar é importante aprender a ler a linguagem corporal de lutadores e lutadoras em plena luta**

a socar um saco de pancada, fazer um Kata e melhorar seu condicionamento, **mas para aprender a lutar é necessário um(a) oponente para juntos(as) aprenderem a se organizar taticamente e estrategicamente para utilizar as técnicas.**

Dessa forma, além de saber ler as técnicas, para aprender a lutar é importante aprender a ler a linguagem corporal de lutadores e lutadoras em plena luta. Junto a isso, cada comunidade marcial neste intrincado mundo das artes marciais, cada

grupo que compartilha o tatame ou o ringue, **tece uma tapeçaria rica de códigos que transcende a mera verbalização, criam códigos expressos corporalmente.** Estes códigos, muitas vezes não são cristalizados em palavras nem registrados em manuais, mas são vividos, sentidos no corpo dos(as) praticantes. Eles informam, sem necessidade de serem pronunciados, **se a luta será leve ou intensa, nos jargões do Jiu Jitsu, um “rola soltinho” ou um “rola pegado”.** Essas nuances de comunicação são transmitidas através de uma dança sutil de gestos: um jeito de jogar os ombros, um olhar que traz em si o peso de um desafio, um sorriso que relaxa a atmosfera, ou a tensão de músculos que se preparam para o embate. **Cada comunidade marcial, através dessas linguagens corporais, estabelece um diálogo tácito, profundamente enraizado na cultura e prática compartilhada.** Entender esses sinais, aprender a ler essas expressões, é essencial para qualquer um que deseje verdadeiramente integrar-se a esses círculos. Os corpos dos(as) praticantes falam, narram histórias de lutas, de aprendizados e de comunhão. Para adentrar e ser parte de tais comunidades, é preciso mais do que saber lutar, **é necessário saber ouvir e interpretar o que os corpos têm a dizer, em cada movimento, em cada pausa, em cada respiração.**



Outra forma de ler as Lutas/Artes Marciais é em relação aos olhares que colocamos sobre elas em momentos históricos diferentes. Um claro exemplo é a **Capoeira aqui no Brasil**, que foi uma **prática corporal proibida de ser praticada e ensinada até a década de 1930** quando havia movimentos para sua legalização e o então presidente Getúlio Vargas assistiu a uma apresentação e retirou a proibição (Fontoura et al, 2002). O **Karatê é um exemplo bem parecido**, sua prática também era proibida no Japão até que, por pressão de seus(suas) praticantes, e após uma apresentação de Gichin Funakoshi para o imperador, elea foi legalizada e pôde oficialmente ser praticada (Nakayama, 1976). **Essas e outras**

**práticas corporais passaram por ressignificações, e nessas ressignificações a leitura que se fazia delas se transformou.** Essa transformação chega ao ponto de antes elas serem condenadas por lei e após essas releituras, passarem a ser autorizadas, e mais, a Capoeira passa de ser proibida para ser legalizada e se transformar em Patrimônio Cultural da Humanidade em poucas décadas (Fontoura et al, 2002). Ler as linguagens corporais das Lutas/Artes Marciais é ler também a história da humanidade, a história do Brasil, a história da escravidão, a história das lutas e conflitos do nosso povo.

**Ler as linguagens corporais das Lutas/Artes Marciais é ler também a história da humanidade, a história do Brasil, a história da escravidão, a história das lutas e conflitos do nosso povo.**

De forma geral as **Lutas/Artes Marciais podem ser compreendidas como uma forma de linguagem corporal que envolve movimentos técnicos, expressões simbólicas e interações sociais relacionadas às culturas marciais e suas transformações históricas.** Assim como outras formas de expressão artística, como a dança e o teatro, as Lutas/Artes Marciais possuem elementos comunicativos que permitem a transmissão de ideias, emoções e valores. Na prática das Lutas/Artes Marciais, os(as) praticantes utilizam uma variedade de técnicas e movimentos corporais específicos, como golpes, bloqueios, chutes e esquivas, que podem ser comparados a um vocabulário de gestos. **Esses gestos são combinados e executados de maneira fluída e coordenada, seguindo princípios técnicos e estéticos.** Além dos aspectos técnicos, as Lutas/Artes Marciais também envolvem uma dimensão simbólica, gestos, posturas e expressões faciais e corporais podem transmitir significados e intenções específicas. **As Lutas/Artes Marciais também são uma forma de interação social,** elas são frequentemente praticadas em contextos de grupo, como academias, clubes ou dojôs, onde os(as) praticantes interagem entre si e com seus(suas) mestres ou instrutores(as). Essas interações podem envolver trocas de conhecimentos, esforço mútuo, respeito hierárquico, trabalho em equipe e criação de códigos próprios. Assim como uma linguagem verbal, as Lutas/Artes Marciais possuem diferentes estilos e sistemas, cada um com suas características particulares. **Cada Luta/Arte Marcial tem sua própria gramática de movimentos, estratégias e princípios filosóficos subjacentes.** Dessa forma, é possível comparar as **Lutas/Artes Marciais a diferentes dialetos ou idiomas dentro de um amplo “vocabulário” de movimentos.**

Vamos aprender a gramática das lutas?!



Além da dimensão prática, as Lutas/Artes Marciais também são estudadas e analisadas academicamente como formas de expressão cultural e social. Pesquisadores e pesquisadoras investigam as origens históricas dessas manifestações, suas influências culturais e suas implicações sociais, seus processos de ensino contribuindo para um maior entendimento da linguagem corporal e sua relação com as práticas de combate. Em suma, as Lutas/Artes Marciais podem ser consideradas uma forma de linguagem corporal, envolvendo movimentos técnicos, expressões simbólicas e interações sociais. **Elas possuem um vocabulário próprio, transmitindo ideias, emoções e valores, e são praticadas em contextos culturais e sociais específicos.**

**Imaginem, meus caros e minhas caras, a riqueza dialética das Lutas/Artes Marciais sob a ótica de Paulo Freire. É uma viagem fascinante, um diálogo que transcende as palavras, manifestando-se no próprio corpo, na luta. Quando dois combatentes se enfrentam, não estão apenas trocando golpes, mas sim, engajando-se em uma conversa profunda, carregada de significados e sutilezas. Vejamos o cumprimento, um gesto aparentemente simples, mas carregado de significância. Um lutador se abaixa, expõe a cabeça, e o que isso nos diz? Fala-nos de respeito, de honra, de reconhecimento do outro como um igual, um parceiro nesse balé marcial. Isso é expressão de liberdade em ação, meus amigos e amigas. É o reconhecimento do outro como essencial no processo de aprendizado, mesmo em um contexto de confronto. E os golpes, os bloqueios, as esquivas? Ah, que maravilha! Cada ataque é uma pergunta lançada, um desafio jogado às guardas do oponente. E a defesa, a esquiva? Uma resposta, uma réplica, uma retórica corporal que fala tão alto quanto qualquer tratado filosófico. É a dialética em seu estado mais puro, em que o questionamento e a resposta se dão não por palavras, mas por gestos, por uma dança de estratégia, técnica, força e habilidade. Nas Lutas/Artes Marciais, cada combate é uma história, um diálogo em que cada gesto constitui uma frase, cada golpe um argumento, cada defesa e contra-golpe uma contra-argumentação. E no meio dessa luta, dessa troca intensa, aprende-se sobre si mesmo, sobre o outro, sobre a vida. Assim, a Arte Marcial se torna um palco para a educação e o desenvolvimento humano, exatamente como Paulo Freire vislumbrava: um processo permanente de interação, construção, diálogo, respeito e crescimento mútuo, uma busca em comunhão para Ser mais.**



## SAIBA MAIS



### Sobre Educação Física e Linguagem

**Artigo:** BETTI, Mauro. “As três semióticas e a Educação Física como linguagem.” Revista Conexões. 2021. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** LADEIRA, Maria Fernanda Telo; DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física e Linguagem: algumas considerações iniciais. Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, p. 25-32, 2003. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** SOARES, Carmen Lúcia; MADUREIRA, José Rafael. Educação física, linguagem e arte: possibilidades de um diálogo poético do corpo. Movimento, v. 11, n. 2, p. 75-88, 2005. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** DA SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; DEVIDE, Fabiano Pries. Linguagem discriminatória e etnométodos de exclusão nas aulas de educação física escolar. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, n. 2, 2009. Link: [clique aqui](#)

**Livro:** MALDONADO, Daniel Teixeira, FARIAS, Uirá de Siqueira, NOGUEIRA, Valdilene Aline. “Linguagens na Educação Física Escolar: diferentes formas de ler o mundo.” Curitiba: CRV. 2021.

**Vídeo:** EDUCAÇÃO FÍSICA NA ÁREA DAS LINGUAGENS | Acesso em Abril de 2024: Link: [clique aqui](#)

### Sobre Lutas/Artes Marciais e suas diversas linguagens:

**Artigo:** PEREIRA, Álex Sousa; DOS REIS, Fábio Pinto Gonçalves; CARNEIRO, Kleber Tuxen. Do ambiente de jogo à perspectiva rizomática: conjecturas para o ensino das lutas/artes marciais na educação física escolar. Corpoconsciência, p. 208-225, 2020. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** CORREIA, Walter Roberto. Educação Física Escolar e Artes Marciais: entre o combate e o debate. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 29, p. 337-344, 2015. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** DA SILVA, Luiz Arthur Nunes; DA NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Diálogo entre educação, corpo e artes marciais. Dialektiké, v. 1, n. 2, p. 88-96, 2015. Link: [clique aqui](#)

**Livro:** PEREIRA, Álex Sousa, REIS, Fábio Pinto Gonçalves. Lutas/Artes Marciais da Educação Física Escolar: Entremeando Jogo, Rizoma e Educação-Experiência. Itapiranga: Schreiben, 2023. Link: [clique aqui](#)

**Tese:** PEREIRA, Álex Sousa. Por uma Educação Física da Pergunta: um curso de formação encorajador de voos pelas linguagens das Lutas/Artes Marciais e Paulo Freire. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023. Link: [clique aqui](#)

### **Coragem de Ler o Lutar**

Na arena da vida, a luta se desenrola,  
Artes Marciais, um diálogo histórico que consola.  
O corpo fala, o silêncio grita,  
Na dança da luta, a linguagem se agita.

O punho que se ergue, a perna que se estende,  
Cada movimento, uma palavra que se entende.  
A força na gentileza, a coragem na defesa,  
Na dança da luta, a vida se expressa.

A linguagem das lutas, um poema, uma canção,  
Cada golpe, uma estrofe, uma expressão.  
A dor e a glória, a derrota e a vitória,  
Na dança da luta, se conta a história.

Então, guerreiros, com coragem e fé,  
Na arena da vida, cada um tem sua vez.  
Com a linguagem das lutas, contem sua história,  
Na dança das artes marciais, encontrem sua glória.

**- CAPÍTULO 4 -**

# **POR OLHARES DEMORADOS**

**Em uma Educação Física da Pergunta**



(Foto: Thinkstack)

**A amorosidade de que falo, o sonho pelo qual brigo e para cuja realização me preparo permanentemente, exigem em mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de AMAR!**

**Paulo Freire**

Para aprofundarmos nosso diálogo, permita-nos situar e contextualizar este capítulo em nosso percurso. Ao mergulhar nos dados do curso, ao escutar as vozes nas entrevistas e ao refletir em conjunto, tornou-se evidente a relevância de uma discussão mais aprofundada, ancorada nas reflexões constituídas com os envolvidos(as) na pesquisa. No entanto, não basta apenas uma abordagem teórica, compreendemos que é imperativo que nos aproximemos da realidade pulsante das escolas, do cotidiano pedagógico dos professores e professoras. Não é apenas sobre entender os conceitos das linguagens das Lutas/Artes Marciais e da pedagogia freireana, mas sim sobre o ‘como se faz’ à maneira freireana, não como um manual a se seguir, mas como um leque de possibilidades e caminhos a serem explorados. Dessa forma, neste capítulo, revisitaremos temas e vozes já apresentados, mas com um olhar atento a nuances ainda não exploradas, nuances essas que emergiram da essência do curso e das inquietações manifestas pelos educadores e educadoras participantes.



- Você viu? Você viu? – perguntou o menino que tem quatro anos.  
- Não vi, porque meu olho estava com pressa – respondeu outro menino que também tem quatro anos.



**Ah, essa pressa dos olhos!** Esse diálogo ocorreu em uma aula de Lutas/Artes Marciais numa linda conversa no Ensino Fundamental I em uma escola que um dos autores deu aulas. Essa conversa nos fez refletir profundamente.

O menino que conseguiu fazer um chute “perfeito”, queria ser visto, admirado, perguntou ao amigo se ele tinha visto, porque para ele, tão importante quanto dar o chute, era o amigo ter olhado, reparado, admirado, experimentado junto. **“O olhar do outro produz em mim minha identidade, por reflexo”** (LACAN, 1998). Por isso na educação, o olhar demorado precisa ser um princípio inegociável para professores, professoras, educandos e educandas. Em uma espécie de baliza,

**Tão importante quanto dar o chute, era o amigo ter olhado, reparado, admirado, experimentado junto**

mira, farol com um ensinar e aprender a olhar demorado, ensinar e aprender a reconhecer quando olha apressado. **Porque um olhar que contempla, não é o mesmo que um olhar alienado, burocratizado e despercebido.** Um olhar que contempla tem o poder de humanizar quem olha e quem é olhado. **As crianças vivem isso.** Os adultos, às vezes, esquecem.

**Por isso na educação, o olhar demorado precisa ser um princípio inegociável para professores, professoras, educandos e educandas**

**Um olhar que contempla tem o poder de humanizar quem olha e quem é olhado.**

**Mas como podemos realizar esses olhares demorados?** Eles precisam de tempo e de presença, mas não de presença sem presença, de presença presente mesmo. Se a presença presente é matéria prima do educador e da educadora, o que sobra se a presença desaparece? A falta de tempo, o ritmo frenético da vida contemporânea, a constante pressão para fazer mais e mais rápido, estão contribuindo para a erosão dessa presença plena. **O olhar apressado, que mal tem tempo para processar o que está vendo antes de passar para a próxima coisa, está substituindo o olhar demorado, profundo e reflexivo.** A presença sem plenitude, uma presença fragmentada e distraída, está se tornando a norma em vez da exceção. **Será que essa tendência não está nos roubando coisas importantes?** No mínimo está nos privando da riqueza e profundidade de experiência que vêm de estar plenamente presente no momento. Está comprometendo nossa capacidade de formar conexões significativas com os outros e com o mundo ao nosso redor. **E, no contexto da educação?** Será que não está minando a capacidade do professor e da professora de criar um ambiente de aprendizagem eficaz e enriquecedor? Afinal, como podemos cultivar a curiosidade, a empatia e o amor à aprendizagem com os educandos e educandas se nós mesmos estivermos apenas parcialmente presentes e com olhares apressados?

**Se a presença presente é matéria prima do educador e da educadora, o que sobra se a presença desaparece?**

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça (LAROSSA, 2002, p. 21).

Jordi Larrosa (2002), fala sobre a experiência e sobre a avalanche de informações que nos atinge. O autor afirma que **a informação, por si só, não se traduz em experiência vivida.** E, de fato, a informação, quando em excesso, não abre espaço para a experiência autêntica; ela se torna quase o oposto da experiência, uma espécie de “antiexperiência”. Nesta era em que vivemos, há uma ênfase exacerbada em estarmos constantemente informados, em sermos sujeitos que informam e são informados. Contudo, **essa avalanche informativa muitas vezes obstrui nossas reais possibilidades de vivenciar.** O sujeito inundado de informações acumula saberes, está sempre em busca de mais,

Quando poderei ter experiências?



e sua principal inquietação é a sensação de que nunca está suficientemente informado. Segundo Larrosa (2002) ele acumula, está sempre mais informado, mas, com essa incessante busca por informação e conhecimento (não no sentido profundo de “sabedoria”, mas no superficial de “estar informado”), **ele se torna alguém a quem nada verdadeiramente impacta**. O que o autor ressalta sobre a experiência é a necessidade de distingui-la da mera informação. E, ao falar sobre o conhecimento que provém da experiência, é crucial diferenciá-lo do simples ato de saber algo, como quando estamos apenas informados. A própria linguagem nos oferece essa distinção. Após uma palestra, leitura ou viagem, podemos dizer que adquirimos novos conhecimentos, que estamos mais informados, no entanto, ao mesmo tempo, podemos sentir que **nada nos transformou, que nada nos afetou profundamente, que, apesar de todo aprendizado, nada nos tocou verdadeiramente** (LARROSA, 2002).

A ‘Pedagogia dos Ponteiros’<sup>1</sup> tudo prevê, tudo antecipa, tudo complica. De acordo com essa pedagogia quase sempre as crianças e jovens estão atrasados. Atrasados para subir, para descer, para comer, para fazer, para crescer. **Se engatinha está atrasada para andar**, se anda está atrasada para falar, se fala está atrasada para escrever, se escreve compara-se com outro ser em um estágio percebido como “avançado”. **A Pedagogia dos Ponteiros desconsidera os ritmos e processos singulares, e aglomera afazeres dentro de uma grade**, que alguns chamam curricular, mas que na verdade serve para encurralar, confinar, enclausurar, uma pedagogia que pode mais aprisionar do que libertar. A ‘Pedagogia dos Ponteiros’ vai cronometrando a infância, a juventude, a vida e as experiências, enquanto acelera o tempo com pretexto de organizá-lo. **Mas nem sempre é organização**, às vezes, é apenas um mecanismo de controle, e frequentemente, revela-se como **pura tentativa de domínio**.

**A  
‘Pedagogia dos Ponteiros’  
vai cronometrando a  
infância, a juventude, a  
vida e as experiências,  
enquanto acelera o  
tempo com  
pretexto de organiza-lo**

a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada (LARROSA, 2002, p. 23).

**Vivemos em um ritmo frenético!** A rapidez com que os eventos nos são apresentados e essa ânsia, quase patológica, pelo inédito, pelo frescor do novo, que

1 Pedagogia dos Ponteiros é uma criação nossa para nos referir ao excesso de opressão com o tempo que acontecem em muitas escolas e na vida de forma geral.

**A memória fica comprometida, pois cada evento, cada novidade, é rapidamente ofuscada por outra, que nos arrebatava por um instante e depois desaparece, como fumaça ao vento.**

marca nossa era, muitas vezes nos cega e nos impede de estabelecer ligações profundas entre os acontecimentos. E a memória? Larrosa (2002) afirma que essa fica comprometida, pois cada evento, cada novidade, é rapidamente ofuscada por outra, que nos **arrebatava por um instante e depois desaparece, como fumaça ao vento**. As pessoas da contemporaneidade não só estão abarrotadas de informações e tem uma opinião sobre tudo, mas também **devoram, com uma fome insaciável,**

**as notícias, as novidades.** São eternos(as) curiosos(as), sempre em busca, mas raramente saciados(as). Anseiam por estímulos constantes e **parecem ter perdido a capacidade de apreciar o silêncio, a pausa, a calma.** Nesse cenário, o indivíduo é bombardeado, agitado, sacudido por todos os lados, mas, paradoxalmente, parece que nada verdadeiramente o toca, o transforma. E assim, essa velocidade vertiginosa, essa ausência de pausa e de memória, torna-se um grande obstáculo para a verdadeira experiência, para o mergulho profundo em experiências significativas.

“Não vi, porque meu olho estava com pressa”. Ah, essa pressa dos olhos! Como apontado, o menino, ao acertar um chute, queria ser visto, admirado. Estamos vivendo em um mundo que corre, que não pára, que não espera, que tem pressa nos olhos. Um mundo que nos pede para olhar, mas não para ver. Para escutar, mas não para ouvir. Para tocar, mas não para sentir. Um mundo que nos pede para olhar o chute, mas não para realmente vê-lo. **E nesse ritmo, o que acontece?** Perdemos a capacidade de contemplar, de apreciar, de nos conectar verdadeiramente com o outro e com o mundo ao nosso redor. E o que é pior: **nos tornamos consumidores vorazes de informações, mas raramente nos permitimos ser tocados por elas.** Em meio a essa correria, essa pressa, essa obsessão pelo novo, estamos perdendo a capacidade de viver experiências autênticas, profundas, transformadoras. É a ‘Pedagogia dos Ponteiros’, e quando falamos sobre isso, estamos me referindo a essa tirania do relógio, que insiste em nos aprisionar em seus segundos e minutos. Uma ideia que pensamos aqui para **denunciar essa obsessão com o tempo que, desde a mais tenra infância até os dias rebeldes da juventude, tenta nos encaixar, nos moldar, nos enquadrar em suas grades cronológicas.** É como se a vida tivesse que seguir um roteiro pré-estabelecido, um script rígido, em que cada “tic-tac” é um comando, uma ordem. **Mas, será que a educação, os aprendizados, a vida não é mais do que isso?**

**Um mundo que nos pede para olhar, mas não para ver. Para escutar, mas não para ouvir. Para tocar, mas não para sentir.**

**E nesse ritmo, o que acontece?**

Será que não podemos dançar ao ritmo de nossos próprios corações, em vez de sermos escravos dos ponteiros, de uma ‘Pedagogia dos Ponteiros’? Compreendo que a educação é aquela que nos liberta, que nos permite explorar, que nos encoraja a voar, a descobrir, a crescer. E para isso, precisamos de tempo. Tempo para olhar, para ouvir, para sentir, para viver. Tempo para estarmos verdadeiramente presentes, com todo o nosso ser. Porque, no final das contas, o que realmente importa não é a quantidade de informações que acumulamos, mas as experiências que vivemos e as conexões que estabelecemos. Precisamos, urgentemente, redescobrir a arte da contemplação, do silêncio e da memória... A arte dos olhares demorados.

#### 4.1. Fessor, a aula é teórica ou prática? É aula prâxis!

*Muitas vezes quando a gente chega na escola, na prática, os professores que estão lá falam assim, tudo que você aprende na faculdade, você não vai usar, toda aquela teoria você descarta, não tem nada a ver com a realidade. (Entrevista 2, Nanisca).*

*Quando vamos mostrar teoricamente as coisas para os alunos, a fundo mesmo, para eles, eu acho que... eles já começam a coçar a cabeça, já começa, assim “Vamos pra prática, vamos pra prática”. Entendeu? Então é por isso que tem que ser um trabalho de formiguinha lá de baixo. Pra eles aprenderem a ouvir. (Entrevista 1, Ramonda).*

A **dicotomia entre teoria e prática** que as professoras Nanisca e Ramonda nos apresentam, é algo que está presente na educação e na Educação Física e tem sido um tópico de debate substancial ao longo dos anos. Existem perspectivas divergentes sobre o papel da teoria e da prática na educação e, mais especificamente, na formação de professores e professoras. As falas das professoras nos apresentam reflexões complexas que muitos e muitas docentes vem fazendo para pensar sua prática docente, **a dificuldade de enxergar a teoria na prática e retomar a prática na teoria**. Na Educação Física existem tensões profundas sobre esse ser um componente curricular que deveria ser o mais prático possível, pois tratamos de práticas corporais da cultura corporal. Essas e outras questões estão sempre na baila de discussões na Educação.

Elenor Kunz (1994) é uma figura proeminente na área da Educação Física, cuja obra destaca a importância crucial de uma **relação integrada entre teoria e prática**. Sua perspectiva se fundamenta no entendimento de que uma prática pedagógica significativa e crítica exige o apoio e orientação de uma sólida estrutura teórica. Em sua obra “Transformação Didático-Pedagógica do Esporte”, Kunz (1994) defende que a prática educativa sem embasamento teórico pode levar a um ensino descontextualizado e mecanicista. Essa afirmação destaca a necessidade de os professores e professoras entenderem e se engajarem com a teoria subjacente à sua prática, a fim **de evitar um ensino desvinculado dos educandos e educandas e de seu contexto social e cultural**.

**Uma prática pedagógica significativa e crítica exige o apoio e orientação de uma sólida estrutura teórica**

**É preciso haver um equilíbrio.**

**A teoria deve informar a prática, mas a prática deve alimentar a teoria.**

Ao mesmo tempo, Kunz (1994) adverte que um **excesso de teoria, sem uma consideração cuidadosa da prática**, pode levar a um tipo de pedagogia que é **desconectada da realidade dos educandos e educandas**. Ele afirma que é preciso haver um equilíbrio entre teoria e prática, para que a Educação Física seja relevante e significativa. Para o autor, a relação entre teoria e prática na Educação Física é, portanto, uma questão de equilíbrio e interação. A teoria deve informar a prática, mas a prática deve alimentar a teoria. O pensamento de Kunz é inspirado na pedagogia crítica de Paulo Freire, que considera que a teoria e a prática devem estar em constante diálogo, formando o que Freire chamou de “**práxis**”. A práxis, para Freire, **é ação e reflexão ao mesmo tempo, é o ato de fazer e pensar simultaneamente**. Assim, a teoria e a prática não são entidades separadas, mas aspectos de um mesmo processo educacional.

*“A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”*



Segundo Sandra Carvalho e Paulo Martins Pio (2017), a dicotomia entre teoria e prática é um conceito amplamente discutido em diversos campos do conhecimento. No contexto da “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire, essa separação é desafiada ao enfatizar a **necessidade de uma integração profunda entre teoria e prática**. Segundo a autora e o autor, Freire argumenta que a teoria, por si só, não deve existir isolada da prática. Em vez disso, a teoria deve servir como um guia para a ação, enquanto a prática deve ser

**Teoria deve servir como um guia para a ação, enquanto a prática deve ser uma manifestação da teoria em ação.**

uma manifestação da teoria em ação. No que diz respeito à “**práxis**”, conforme discutido na obra de Freire, ela é compreendida como uma **reflexão profunda sobre a ação em um contexto específico, com o objetivo de transformar a realidade e promover o resgate e a formação da humanidade**. O autor e a autora veem a práxis em sua amplitude, abrangendo não apenas a prática social, mas também práticas econômicas, políticas, ideológicas e teóricas. Baseados em Freire, concebem a práxis como uma atividade que é ao mesmo tempo questionadora, sugestiva, reflexiva e prática. Esta atividade busca libertar os indivíduos de um estado de alienação, muitas vezes imposto pelas relações dominantes e opressoras do sistema capitalista. Dessa forma, para Freire, a práxis é a **interação harmoniosa entre teoria e prática, em que a teoria informa e guia a ação, e a prática é a manifestação concreta dessa teoria em ação**.

Para Freire (1970), a teoria é a reflexão crítica sobre a realidade. É uma investigação sistemática e objetiva que ajuda a desenvolver um entendimento profundo de um fenômeno específico ou de uma situação. No entanto, a teoria, quando isolada da ação, pode se tornar uma abstração sem relevância prática. Como Freire afirmou em “Pedagogia do Oprimido”, refletir sem ação, ou teorizar sem aplicação, equivale a um pensamento sem ação (Freire, 1970).

**Refletir sem ação, ou teorizar sem aplicação, equivale a um pensamento sem ação**

Por outro lado, a prática é a ação intencional e concreta sobre a realidade. É a implementação de ações baseadas na teoria para gerar mudanças reais. No entanto, a prática sem teoria, segundo Freire (1970), pode levar ao ativismo cego. Freire argumentou que a ação sem reflexão não é eficaz para gerar mudanças significativas. Ele observou que a teoria sem a prática é “bla bla bla”, ou a prática sem teoria, é ativismo (FREIRE, 1970). Na tentativa de sintetizar a relação dinâmica

entre teoria e prática, Freire utiliza o conceito de “práxis”. A práxis, como definida por Freire, não é simplesmente a aplicação da teoria à prática, mas sim a ação e reflexão dialéticas sobre o mundo para transformá-lo. Freire (1970) conceitualizou a práxis como **reflexão e ação direcionadas ao mundo dos homens e mulheres para transformá-lo**.

No contexto da educação, o autor argumentou que deve ser uma prática de liberdade, em vez de uma prática de dominação. Ele propôs **uma pedagogia do diálogo**, em que o educador(a) e o educando(a)

**Uma pedagogia do diálogo, em que o educador(a) e o educando(a) se engajam em um processo de aprendizagem conjunta, mediada pelo mundo**

se engajam em um processo de aprendizagem conjunta, mediada pelo mundo. Como ele escreve em “Educação como Prática da Liberdade”, “Ninguém educa ninguém, e ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1978, p. 79). As reflexões sobre teoria, prática e práxis que Freire oferece são uma poderosa estrutura para entender a educação como um ato de amor e coragem, um

ato de conhecimento e transformação do mundo. Ao enfatizar a importância de unir teoria e prática em uma única entidade, a **práxis**, **Freire oferece um caminho para a educação que não apenas informa, mas também transforma**. E é neste processo de transformação, na busca contínua e dialógica por justiça e liberdade, que a verdadeira essência da educação freireana reside.

*"Não basta saber que os homens são explorados e oprimidos, mas sim como são explorados e oprimidos e por quem, para poder fazer a práxis necessária para mudar a realidade."*



A concepção de **práxis de Paulo Freire tem implicações significativas para a Educação Física escolar**. Na Educação Física, na ideia de práxis os educandos e educandas não apenas aprendem a lutar Karatê, mas também a refletir criticamente sobre ele. Isso pode envolver a discussão sobre a história daquela Luta/Arte Marcial, suas regras e estratégias, as habilidades necessárias para praticá-la e como se encaixa nos contextos de vida dos(as) educandos(as) e

em contextos culturais mais amplos. Essa abordagem reflete a visão de Freire de que a educação deve ser um processo de aprendizagem que promove a liberdade e a conscientização.

A práxis na Educação Física também se estende além das Lutas/Artes Marciais como prática esportiva. Ela envolve a promoção da reflexão crítica e do engajamento ativo com questões de saúde, corpo, movimento e outros. Isso pode envolver, por exemplo, **a reflexão sobre a importância do exercício para a saúde, a conscientização sobre questões de imagem corporal, ou o debate sobre a relação violência, machismo, racismo, o papel da mídia na divulgação, questões econômicas e a sociedade.** Nesse sentido, a Educação Física torna-se mais do que apenas o ensino de habilidades corporais, torna-se processo de educação integral. Portanto, a práxis de Freire na Educação Física escolar envolve uma abordagem pedagógica que integra ação e reflexão, teoria e prática. Ao fazer isso, ela não busca promover a competência física no sentido da repetição mecânica de técnicas, **mas os conhecimentos de diferentes elementos da cultura corporal e a reflexão crítica**, a conscientização e a possibilidade dos educandos e educandas de agir em seu mundo de maneira significativa e transformadora.

**A Educação Física torna-se mais do que apenas o ensino de habilidades corporais, torna-se processo de educação integral.**

Neste contexto ampliado de práxis na Educação Física, **a pedagogia freireana transcende os limites tradicionais do currículo e se infiltra em cada aspecto da formação do indivíduo.** Além de construir uma Educação Física que é conscientemente integrada às realidades socioculturais e pessoais dos educandos e educandas, essa abordagem procura cultivar uma postura questionadora e crítica em relação às estruturas sociais e poderes existentes. Por exemplo, ao explorar a prática de diferentes Lutas/Artes Marciais, **os professores e professoras podem**

**encorajar os educandos e educandas a investigar não apenas as técnicas, mas também as dimensões éticas e filosóficas dessas práticas**, promovendo uma compreensão mais profunda de como elas podem ser praticadas para fomentar a justiça e a igualdade. A Educação Física, portanto, não se limita a ensinar movimentos físicos, ela se torna um espaço de fortalecimento e transformação, em que os educandos e educandas aprendem a usar suas habilidades corporais como uma forma de expressão pessoal, expressão de suas linguagens corporais e resistência cultural. **Através dessa práxis, os educandos e educandas são incentivados a se tornarem agentes ativos no mundo**, utilizando o conhecimento adquirido não apenas para melhorar a própria saúde e bem-estar, mas também para impactar positivamente a comunidade e o mundo ao seu redor.

A práxis, como concebida por Freire, nos lembra que a educação, incluindo a Educação Física, não tem como objetivo “depositar” informações nos educandos e educandas, mas promover um diálogo crítico e colaborativo que pode proporcionar que eles e elas se tornem sujeitos de sua própria aprendizagem e de sua própria vida. Isso reforça a visão de que a **Educação Física**, assim como todas as formas de educação, **tem um papel fundamental a desempenhar na formação de cidadãos conscientes, críticos e engajados.**

Na essência de transcender a **Pedagogia dos Ponteiros**, ah, que desafio esplêndido! Trata-se de um convite para deixarmos para trás as amarras do tempo rigidamente cronometrado e das expectativas padronizadas. É um chamado para abriremos alas para experiências significativas e profundamente transformadoras. Neste contexto, a aula práxis surge, não meramente como uma metodologia, mas como um verdadeiro manifesto pela educação. Uma educação que celebra a totalidade do ser humano, tecendo teoria e prática em uma dança elegante e harmoniosa de aprendizado e reflexão. Desembaraçar-nos dos grilhões da pedagogia tradicional, tão obcecada pela pressa e pelo acúmulo superficial de informações, é um gesto de libertação. É um gesto que nos permite cultivar ambientes educativos onde os educandos e educandas são mais do que receptores passivos, são, sim, os protagonistas vibrantes e ativos de sua própria odisseia de conhecimento. Vamos, então, juntos e juntas, reimaginar os espaços de aprendizagem, transformá-los em palcos onde cada educando e educanda possa brilhar, explorar e crescer, rumo à plenitude de seu potencial humano, de se verem como protagonistas de sua própria jornada de conhecimento.

Este é o terreno fértil para a Educação Física escolar, onde as Lutas/ Artes Marciais, assim como outras práticas corporais, tornam-se mais do que exercícios físicos ou ações motoras descontextualizadas, transformam-se em experiências ricas e profundas, carregadas de sentido e propósito. **Trabalhar com aulas práxis, sob a influência da pedagogia freireana, implica reconhecer que cada movimento, cada diálogo, cada desafio enfrentado em conjunto, constitui uma oportunidade única para a construção coletiva de conhecimento, autoconhecimento e transformação social.** Assim, ao nos afastarmos da Pedagogia dos Ponteiros, da busca de informações desenfreadas e do depósito dessas informações, estamos, na verdade, nos aproximando da verdadeira essência da educação: um processo emancipatório, dialógico e profundamente

humano, capaz de provocar e inspirar os educandos e educandas a reconhecerem e alcançarem seu pleno potencial, a potência de Ser Mais.

#### 4.2.

### E se tivermos a audácia de problematizar a Educação Física?

*Lembro que o que eu sabia também assim como na fala da Chun Li, era pouco né, sobre as lutas e artes marciais principalmente na parte didática, então fiquei mais preso no como fazer, não houve uma problematização né, tanto assim do porque fazer tal movimento e sim usando os jogos de oposição. (Encontro 4, T'Challa).*

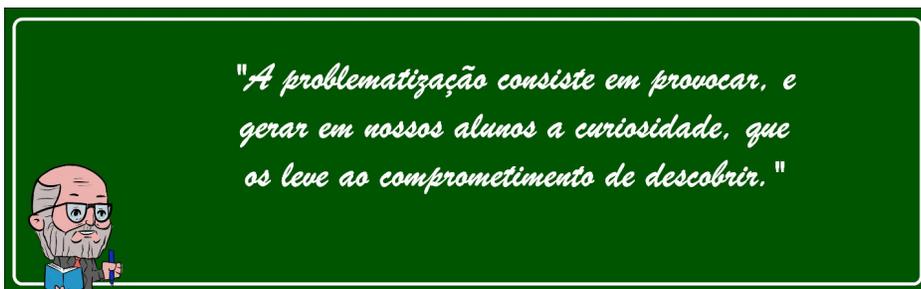
*Mas eu acho que é preciso, acho que é uma cultura essencial que tá aí já milhares de anos, a humanidade aí que a gente tem assim... nossos alunos precisam se apropriar, a gente já conversou sobre isso aqui né? Cada vez ela é mais explorada e explorada pela mídia, a mídia vai mostrar como ela quiser. Se a gente não problematiza, a mídia explora como ela quiser. (Entrevista 1, John)*

*Então, pelo menos no meu, na minha ação enquanto professora, tentar permitir que seja mais problematizado, que eles possam se apropriar de uma forma mais efetiva, que consigam inserir aquilo que eu estou trabalhando com eles na realidade deles. (Entrevista 2, Chun Li)*

A problematização foi um dos conceitos mais discutidos no curso e também um dos que causou mais angústia. Como pode ser visto nas falas dos professores T'Challa e John e da professora Chun Li, **se constituem muitas questões de como, quando e porque problematizar**. Compreendemos que problematizar na educação é um processo pedagógico que envolve apresentar aos educandos e educandas questões, desafios ou problemas complexos, muitas vezes retirados do mundo real, para que eles(as) possam investigar, refletir e encontrar soluções. Essa abordagem está fortemente associada ao trabalho de Paulo Freire (1970), que via a **problematização como um processo essencial para a emancipação e a conscientização dos educandos e educandas**. Freire defendia que os educandos e educandas devem ser encorajados(as) a questionar, criticar e desafiar o conhecimento recebido, e que a educação deve ser um **processo dialógico e colaborativo que fortaleça os educandos e educandas a se**

**Problematizar na educação é um processo pedagógico que envolve apresentar aos educandos e educandas questões, desafios ou problemas complexos, muitas vezes retirados do mundo real, para que eles(as) possam investigar, refletir e encontrar soluções**

**tornarem sujeitos protagonistas** de sua própria aprendizagem e do mundo à sua volta, ou seja, problematiza-se a partir das situações limite encontradas, na busca da descodificação da realidade codificada.



**Mas e na prática, podemos mesmo problematizar?** Na educação podemos envolver uma variedade de estratégias, como discussões em sala de aula, projetos de pesquisa, aprendizagem baseada em projetos, estudos de caso, simulações, jogos de papéis, e outras atividades que incentivem os educandos e educandas a pensar criticamente, a tomar decisões, a resolver problemas e a desenvolver o que aprenderam em situações novas e complexas. A problematização, assim, não apenas desenvolve habilidades cognitivas e metacognitivas importantes, como o pensamento crítico, a resolução de problemas e a autoaprendizagem, mas também pode **promover atitudes e valores importantes, como a curiosidade, a criatividade, a autonomia, a colaboração, a responsabilidade e o compromisso social**. Ao fazê-lo, ela contribui para o objetivo mais amplo da educação de formar cidadãos e cidadãs críticos(as), reflexivos(as) e transformadores(as) de suas realidades.

Ainda nessa esteira de reflexão, Freire (1970) compreende a problematização como um meio de promover uma pedagogia crítica e emancipatória. Para o autor, **problematizar significa desafiar as estruturas de pensamento estabelecidas e questionar a realidade existente**. Ao fazer isso, os educandos e educandas são encorajados(as) a refletir criticamente sobre o mundo e a tomar medidas para transformá-lo. Ao cultivar essa perspectiva à Educação Física, pode-se argumentar que a problematização desempenha um papel crucial na promoção de uma abordagem crítica e reflexiva. Isso pode envolver questionar e desafiar as suposições convencionais sobre o que é o movimento, o corpo e o esporte e demais práticas corporais, e **explorar como eles se relacionam com questões mais amplas de identidade, poder, equidade e justiça social**.

Não é a resposta que ilumina, mas a pergunta.



Segundo Samuel Araújo, Leandro Rocha, Márcio Coelho e Fabiano Bossle (2020) a **problematização na Educação Física escolar é um tema central**. Historicamente, a Educação Física escolar foi influenciada por perspectivas militares, médicas e desportivas, que muitas vezes reduziam o ensino dos esportes a treinamentos de alto rendimento, competições esportivas e aprimoramento da aptidão física. Essas abordagens frequentemente promoviam uma prática pedagógica que se limitava à reprodução de normas e regras institucionalizadas, à testagem e classificação de estudantes, e à formação de equipes escolares para competições.

**Problematizar significa desafiar as estruturas de pensamento estabelecidas e questionar a realidade existente. Ao fazer isso, os educandos e educandas são encorajados(as) a refletir criticamente sobre o mundo e a tomar medidas para transformá-lo.**

Por que devo aprender esse e não outro esporte?



No entanto, os autores afirmam que com o avanço das ciências sociais na Educação Física escolar, houve **uma crescente valorização do potencial educativo dos esportes (e de outras práticas corporais) para a formação crítica e cultural dos educandos e educandas**. A problematização surge como uma ação pedagógica essencial, permitindo que os educandos e educandas questionem e reflitam sobre as práticas corporais e entre elas as esportivas, seus significados e representações sociais. Araújo e colaboradores (2020) afirmam que problematização na Educação Física escolar busca ir além da simples reprodução de técnicas e regras esportivas. **Ela visa**

**entender a escola como um local de produção e construção de conhecimento, onde a prática docente pode ser constantemente questionada e reavaliada.** Ao problematizar a própria prática docente, os educadores e educadoras têm a oportunidade de (re)significar o conhecimento acadêmico com insights empíricos produzidos diretamente no contexto escolar. Em suma, os autores concordam que a problematização na Educação Física escolar é uma ação pedagógica que valoriza a reflexão crítica, a construção coletiva de conhecimentos e a transformação da prática educativa.

Por exemplo, em vez de ensinar aos educandos e educandas apenas as regras e técnicas de uma determinada modalidade esportiva, o professor e a professora podem problematizar a prática desse esporte, fazendo perguntas como: **Quem tem acesso a esse esporte e quem não tem? Quem se beneficia dele e quem é excluído ou desfavorecido? Como as normas e expectativas de gênero, raça e classe se manifestam nesse esporte? Como podemos tornar este esporte mais inclusivo e justo?** Essa abordagem é ecoada na obra de autores da Educação Física como Elenor Kunz (1994), que argumenta que a Educação Física deve ser vista **não**

**apenas como uma disciplina que ensina habilidades motoras, mas como um meio de promover a reflexão crítica e a cidadania ativa.**

*Pensando na criticidade do aluno, posso tá ensinando uma regra que você tá colocando como fixa. Interessante construir a própria regra com aluno, perguntar por que ele acha isso mais proveitoso do que tal regra, porque que ele acha que tal regra não vai ser efetiva. Porque a gente não tá dando, não é treino, não é esse treinamento, é uma aula do conteúdo de lutas né (Encontro 5, Naruto).*

Essa fala do professor Naruto nos leva a refletir sobre alguns apontamentos de Kunz (1996) sobre a compreensão de problematizar o sentido das regras das práticas corporais. O autor compreende três planos das regras: **o plano das regras codificadas**, no qual as regras explícitas são colocadas de forma que a sua apreensão se dá pela simples memorização; **o sentido da regra**, plano no qual se busca compreender os sentidos que sustentam um determinado conjunto de regras esportivas; **o sentido do sentido**, que “torna o segundo plano compreensível, e se efetiva pelo fato de que, neste mundo, não precisamos reagir às estritas necessidades da vida, mas temos, também, a liberdade de realizar o Não-Necessário” (KUNZ, 1996, p.100). Ao dialogar com essa definição dos planos de sentido e me inspirando em Oliveira (2007) e Kunz (1996), compreendo que o ensino das **Lutas/Artes Marciais ou qualquer prática corporal preso apenas ao primeiro plano das regras codificadas pode levar à realização de um conjunto de atividades sem sentido, num processo de domesticação funcional do(a) estudante**. Uma prática de ensino de práticas esportivas de Lutas/Artes Marciais, ou mesmo por jogos de oposição, portanto, não deveria se ater apenas às possibilidades de execução do movimento. Deveria ir também na direção das múltiplas formas de atribuição de sentidos e significados às técnicas, regras e gestos de cada Luta/Arte Marcial (Pereira, Oliveira e Prodócimo, 2024).

Kunz (1994) critica a forma tradicional de ensino do esporte, que muitas vezes se baseia em uma abordagem tecnicista e normativa, e propõe uma **transformação didático-pedagógica** que envolve uma abordagem crítica e reflexiva do esporte. Na visão do autor, a Educação Física não deve se limitar ao ensino de regras e técnicas esportivas, mas deve se tornar um meio para a formação crítica, a conscientização e a emancipação. Isso implica em **problematizar as práticas corporais, questionando e desafiando as normas, os valores e as práticas dominantes e explorando alternativas mais democráticas, inclusivas e**

**Educação Física não deve se limitar ao ensino de regras e técnicas esportivas, mas deve se tornar um meio para a formação crítica, a conscientização e a emancipação.**

**humanizadoras.** Nesse sentido, pode-se dizer que Kunz (1994), assim como Paulo Freire (1970), **valoriza a problematização como um meio de promover uma pedagogia crítica e emancipatória.**

Ambos veem a educação não como um processo de transmissão de informações, mas como um processo de diálogo, reflexão e transformação que nos desafia a repensar o que significa aprender, ensinar e praticar as práticas corporais, e a explorar formas mais reflexivas, críticas e transformadoras de Educação Física.

Nessa direção, os autores Gabriel Boldori, Lucas Skolaude, Márcio Coelho, Samuel Araújo e Fabiano Bossle (2022), afirmam que é evidente que a Educação Física escolar transcende a mera instrução de habilidades motoras e técnicas esportivas. A renovação epistemológica no campo da Educação Física escolar trouxe à tona a necessidade de uma abordagem mais crítica e reflexiva, que não se limita apenas à prática física, mas também **engloba uma compreensão mais profunda dos significados e contextos associados ao movimento e ao esporte.** Os autores reforçam que a problematização tem sido uma ferramenta valiosa para avançar nas discussões pedagógicas e didáticas. Ela permite que **os educandos e educandas se engajem de forma crítica, questionando e refletindo sobre as práticas corporais e esportivas,** bem como seus significados e representações sociais. Isso é particularmente relevante em um contexto em que a Educação Física escolar tem sido influenciada por diversas perspectivas, desde abordagens mais tradicionais até enfoques mais críticos e transformadores.

Em paralelo com o pensamento de Paulo Freire, Valdilene Nogueira, Daniel Maldonado, Sheila Silva, Elisabete Freire e Maria Miranda (2018) compreendem que a educação é profundamente enraizada na ideia de que deve constituir-se em um diálogo crítico, reflexivo e problematizador. Os autores e autoras influenciados(as) pelo pensamento freireano e pela visão dialética, concebem uma Educação Libertadora, em que o ser humano, em sua constante busca de Ser Mais, **tem o poder de influenciar e transformar a realidade objetiva ao seu redor.** Esta transformação é refletida em seu cotidiano e nas interações sociais.

Na Educação Física escolar, essa perspectiva freireana assume um papel crucial. Nogueira e colaboradores(as) (2018) afirmam que não deve ser apenas uma disciplina que ensina habilidades motoras ou técnicas esportivas, **mas um espaço onde os educandos e educandas são encorajados**

**Ver a Educação como um processo de diálogo, reflexão e transformação que nos desafia a repensar o que significa aprender, ensinar e experimentar as práticas corporais.**

Fessor, para que serve eu aprender a lutar?



**Problematiza-se e são incentivados a questionar, refletir e, mais importante, a transformar a realidade em que estão inseridos(as).**

a se engajar de forma crítica. Problematiza-se e são incentivados a questionar, refletir e, mais importante, a transformar a realidade em que estão inseridos(as). Isso significa que as práticas corporais, como Lutas/Artes Marciais, danças, jogos e esportes, devem ser abordadas não apenas em termos de movimento, mas também em termos de seu significado cultural, social e político. Segundo os autores e autoras, Freire enfatiza a **importância**

**do diálogo na educação, em que não deve haver “invasão cultural”**. Em vez disso, o educador e a educadora devem se envolver dialogicamente no mundo criado a partir dos diversos contextos alimentados pelo grupo. **Isso implica em problematizar, reconhecer e valorizar a cultura e as experiências dos educandos e educandas, permitindo que se sejam representados e valorizados nas aulas de Educação Física.**

*"A invasão cultural aliena os invadidos, ao mesmo tempo em que estes, fatalmente, tendem a imitar os invasores."*



Ao **contemplarmos a problematização** e nos **relembrarmos do caos** dentro do contexto educacional, é evidente que estamos navegando por um mar de complexidades que espelham a rica tapeçaria da experiência humana. Este tecido intrincado, ao ser observado pela lente da pedagogia freireana, revela um potencial transformador imenso, em que o caos não é o inimigo, mas o solo fértil para o crescimento e a aprendizagem. Ao enfatizarmos a importância da problematização, convidamos educadores, educadoras, educandos e educandas a **mergulharem nesse caos com olhos críticos e corações abertos**, desafiando-os a desvendar as complexidades do mundo que os rodeia e a se engajarem ativamente na sua transformação. Essa abordagem não só desafia a tradicional educação bancária, que busca depositar informações nos educandos e educandas como se fossem contêineres vazios, mas também promove um **diálogo verdadeiro, em que a aprendizagem se torna um ato de descoberta compartilhada, de questionamento e de (re)imaginação do mundo.**

A problematização, portanto, atua como a ponte entre o caos do mundo real e a ordem potencial que pode ser criada a partir dele. É uma ferramenta poderosa que, quando aplicada na Educação Física, transcende o ensino de habilidades motoras para engajar os educandos e educandas em questões mais amplas de justiça social, identidade e poder.

**Vejam bem, ao embarcarmos nessa aventura de ensinar, não estamos apenas falando sobre como chutar uma bola ou dar um soco. Estamos, na verdade, mexendo com algo muito mais profundo. Estamos formando seres humanos que são capazes de questionar, de olhar criticamente para o mundo e, o que é mais incrível, de transformar esse olhar em ação. É isso que Paulo Freire estava tentando nos dizer, com toda a sua paixão pela educação: aprender é muito mais do que acumular informação, é um ato revolucionário de conscientização e libertação. E isso acontece no meio do caos, desse nosso mundo que parece estar por um fio. Quando adotamos essa pedagogia do caos, quando levamos a sério a ideia de realmente problematizar, não estamos fazendo um jogo de palavras bonitas. Estamos reafirmando um compromisso com um tipo de educação que realmente quer transformar as coisas, que constrói junto com os educandos e educandas possibilidades não só para sobreviver neste mundo, como ele é, mas para imaginar e construir um mundo que ainda nem existe, que ainda pode ser. Imaginem que loucura? É aí que mora a verdadeira compreensão de educação. Não é só sobre o hoje, mas sobre um amanhã que podemos criar juntos. Isso, meus amigos e minhas amigas, é educar com propósito e com paixão.**

**Isso é radicalmente esperançar!**



## 4.3.

**Por um ensino de Lutas/Artes Marciais em práxis problematizadora**

*Tenho um pouco de dificuldade em saber o que e como problematizar, problematizar as técnicas ou as coisas mais amplas, as regras dos esportes, é mais complexo do que eu achava. (Encontro 4, T'Challa).*

*Pensando na criticidade do aluno, posso tá ensinando uma regra que você tá colocando como fixa. Interessante construir a própria regra com aluno, perguntar por que ele acha isso mais proveitoso do que tal regra, porque que ele acha que tal regra não vai ser efetiva. Porque a gente não tá dando, não é treino, não é esse treinamento, é uma aula do conteúdo de lutas né? (Encontro 5, Naruto).*

Ao encontro com as falas dos professores T'Challa e Naruto, **para pensarmos um ensino de Lutas/Artes Marciais problematizador precisamos lançar um olhar crítico e reflexivo sobre essas práticas corporais.** Assim, é importante que abordemos as técnicas e a linguagem corporal como veículos de expressão, comunicação e relação com o(a) outro(a). Em cada técnica de luta, vemos uma forma de diálogo corporal, uma troca de saberes e experiências que transcendem a mera repetição de movimentos. **É um movimento pensado, um gesto que conta uma história, que expressa uma intenção, é a linguagem corporal que conversa com o adversário.**

Contudo, é importante notar que, tal como acontece com todas as formas de linguagem, a **linguagem das Lutas/Artes Marciais não é neutra.** Ela pode ser usada tanto para a opressão como para a libertação. Isso nos leva à necessidade de problematizar, ou seja, questionar, investigar e debater criticamente a maneira como ensinamos e aprendemos a linguagem das Lutas/Artes Marciais. Uma abordagem comum tem sido, muitas vezes, a **da educação bancária**, em que o professor(a) é o(a) detentor(a) do conhecimento que **demonstra a técnica e os educandos e educandas são receptores passivos** que a reproduzem sem pensar sobre ela. **Este modelo pode reforçar as relações de poder existentes, transformando a linguagem das Lutas/Artes Marciais em uma ferramenta para a opressão.**

**Em cada técnica de luta, vemos uma forma de diálogo corporal, uma troca de saberes e experiências que transcendem a mera repetição de movimentos.**

Por exemplo, se as Lutas/Artes Marciais forem ensinadas como um conjunto de técnicas que devem ser reproduzidas fielmente, sem espaço para questionamentos ou reflexões, os educandos e educandas serão apresentados a um método de seguir ordens sem refletir. Se as Lutas/Artes Marciais são apresentadas como uma competição em que o objetivo é apenas dominar o adversário a todo custo, ou seja, sem refletir sobre a ética nas competições ou mesmo o *fairplay*, **os educandos e educandas podem aprender que a violência e a dominação são formas legítimas de resolver conflitos ou de obter vitória.**

Portanto, é essencial que adotemos uma abordagem problematizadora para o ensino de Lutas/Artes Marciais. Podemos problematizar o foco na competição e na dominação, explorando outras formas de praticar as Lutas/Artes Marciais, com uma prática cooperativa, por exemplo, que envolva o autoconhecimento e o respeito mútuo. **Podemos questionar o papel da mídia e da cultura popular na construção de imagens violentas e machistas das lutas**, e explorar alternativas a essas representações em diálogo com os educandos e educandas.

**Podemos problematizar o foco na competição e na dominação, explorando outras formas de praticar as Lutas/Artes Marciais, com uma prática cooperativa, por exemplo, que envolva o autoconhecimento e o respeito mútuo**

Ao problematizar, questionamos e confrontamos a realidade tal como se apresenta a nós, tal como é codificada. No contexto das Lutas/Artes Marciais, isso pode significar questionar a relação entre os oponentes, a natureza do combate, a estrutura e regras do jogo, e a própria ideia de competição. **O professor e a professora, então, podem orientar os educandos e educandas a investigar, questionar e refletir sobre estas questões**, abrindo espaço para a reflexão crítica e transcendendo a mera repetição de técnicas e movimentos,

**Nas Lutas/Artes Marciais, isso pode significar questionar a relação entre os oponentes, a natureza do combate, a estrutura e regras do jogo, e a própria ideia de competição**

ampliando a leitura de mundo pela descodificação da realidade. Nesta perspectiva, o conceito de práxis adquire um significado particularmente relevante. Para nós e baseados em Paulo Freire (1970), a práxis, como já apontado, é a ação reflexiva, a intersecção entre teoria e prática, em que a ação é informada pela reflexão e a reflexão é alimentada pela ação. **Nas Lutas/Artes Marciais, a práxis pode se manifestar quando os educandos e educandas não apenas executam movimentos, mas refletem sobre seus significados, propósitos**

**e implicações.** Eles aprendem não apenas a ‘fazer’, mas a **compreender o que estão fazendo, porque estão fazendo e a transformar o que estão fazendo.**

A transformação da realidade é, portanto, um aspecto central dessa abordagem. Quando falamos de Lutas/Artes Marciais, não nos referimos apenas à transformação física do corpo ou ao aperfeiçoamento de habilidades motoras, mas à **transformação da percepção, entendimento e relação com o mundo**. As Lutas/Artes Marciais, nesse sentido, tornam-se um microcosmo onde **os educandos e educandas podem praticar a transformação da realidade de maneira concreta e tangível**.

*Assim, acho que a gente nunca deve parar de estudar né, o professor nunca deve parar de estudar e o tema das lutas é um relevante, a própria questão de a mídia fazer esse tipo de... promover as lutas a partir de um filme ou até, por exemplo, que é o UFC hoje em dia e tal, mostra seu potencial cultural a sua capacidade e que a gente precisa discutir, a gente precisa se apropriar, enfim, precisa fazer com que os nossos alunos precisem ter acesso a esse conteúdo cultural. (Entrevista 1, John).*

*Por exemplo, o próprio filme dos Vingadores. Você vai passar Vingadores e depois de experimentar o filme popular, tentar a partir daquele filme ali problematizar. “O que que tem de luta ali?”, né. E aí ir debatendo sobre essas coisas. (Entrevista 1, T’Challa).*

Os professores John e T’Challa trazem reflexões importantes para pensarmos juntos(as), o ensino de Lutas/Artes Marciais. Para além da simples reprodução de técnicas e estratégias táticas, **pode ser realizada uma ação pedagógica para a problematização das relações sociais e culturais presentes em nossa sociedade**. Dessa forma, as Lutas/Artes Marciais não são apenas uma defesa pessoal ou prática esportiva, mas também um texto social a ser lido e interpretado pelos educandos e educandas. Neste cenário, **as mídias** desempenham um papel fundamental na construção e na perpetuação de determinados símbolos e representações associadas a essas manifestações. **Elas costumam retratar as Lutas/Artes Marciais de uma maneira estereotipada, muitas vezes reforçando concepções violentas, machistas e excludentes**. Por isso, é importante que, como educadores e educadoras, nós problematizemos essas representações com nossos educandos e educandas.

**As Lutas/Artes Marciais não são apenas uma defesa pessoal ou prática esportiva, mas também um texto social a ser lido e interpretado**

As representações das Lutas/Artes Marciais nas mídias, muitas vezes, são simplificações que ignoram a rica complexidade e o significado social dessas práticas. **Várias vezes são transformadas em mero entretenimento, distorcendo a realidade e reforçando estereótipos e estruturas de poder**. Diversas vezes são associadas à violência e a determinados estereótipos de gênero. No entanto, é

preciso compreender que **essas representações não são naturais ou imutáveis**. São construções culturais e, como tais, podem e devem ser problematizadas. Logo, problematizar as Lutas/Artes Marciais expressas na mídia significa questionar os significados, os valores e os discursos que estão sendo reproduzidos. **Significa analisar criticamente como a violência é retratada, quem são os heróis e os vilões, que papéis de gênero são reforçados, como o poder é distribuído e assim por diante.** Além disso, as Lutas/

Mulher não pode ser guerreira?



Arte Marcial é tiro, porrada e bomba!!



Artes Marciais, como apontado anteriormente, são carregadas de simbolismos, cada movimento, cada gesto tem um significado. E esses significados são construídos social e historicamente. Portanto, **problematizar as Lutas/Artes Marciais também significa desvendar esses simbolismos** e entender como eles estão ligados às estruturas sociais e culturais mais amplas.

Como professores e professoras é importante que ajudemos nossos educandos e educandas a se tornarem leitores críticos dessas representações midiáticas. **Devemos incentivá-los(as) a questionar os estereótipos presentes nessas representações**, a refletir sobre as implicações sociais e culturais desses estereótipos e a explorar outras formas possíveis de se relacionar com essas manifestações da cultura corporal.

*Tudo para eles se resolve na briga, na pancada. Talvez, por parte dos pais não teve muito não, teve o problema da direção, achou que a gente ia incentivar a violência com eles. Falei “Não é nada disso né. A gente vai mostrar um conteúdo histórico, outras modalidades esportivas que existe não é só futebol”. Mas alguns dias a diretora fica na quadra comigo. Me lembro direitinho. Ficou pra ver o que iria acontecer, o que não ia acontecer. Entendeu? (Entrevista 1, Ramonda).*

*O ensino de alguma determinada luta marcial na escola, existe todo um preconceito, uma forma de todo o grupo em volta, eles têm um pré-conceito né? Eles tentam julgar, eles acham que vai sair batendo em todo mundo e tal, eles descaracterizam a arte marcial e reduz ela somente a violência e controle é isso que eu percebo. (Entrevista 1, Naruto)*

*São meninos de periferia e a primeira desconstrução que a gente tenta fazer com eles é essa, essa violência que eles trazem né, mas eu vi cada coisa que você sai assim... “A... é porrada. Ah eu já via meu pai brigando com a minha mãe é dando porrada num, porrada noutra, porrada na rua”. Pra você desconstruir tudo isso, não é de primeira não. Leva um tempinho. É complicado porque eles tentam fazer isso com os colegas também. Até você chegar nas regras. Tudo isso é um caminho né. (Entrevista 1, Ramonda).*

A angústia do professor Naruto e da professora Ramonda nos faz refletir sobre a necessidade de lançarmos um olhar para as Lutas/Artes Marciais como um conglomerado de expressões corporais que comunicam muito mais do que apenas movimentos físicos, elas também falam sobre nossa sociedade e as complexas relações de poder que existem dentro dela, incluindo as que se referem à violência. **As técnicas de Lutas/Artes Marciais não são meras formas de expressões físicas, são também uma linguagem corporal que emite mensagens para além das palavras.** Quando falamos de Lutas/Artes Marciais, falamos de gestos, golpes, defesas, todas formas de diálogo, um diálogo corporal. **Este diálogo corporal, contudo, não é isolado de nossos contextos sociais e culturais.** É necessário, então, desenvolvermos questionamentos como: **que tipos de mensagens estão sendo comunicadas e perpetuadas através destas formas de lutar? Como a violência se expressa nesse diálogo e como ela pode ser combatida?**

**As Lutas/Artes Marciais são mais do que simples movimentos físicos, elas refletem aspectos da sociedade, incluindo as complexas dinâmicas de poder e questões relacionadas à violência.**

A violência é uma questão complexa e multifacetada que permeia muitas áreas da vida humana, inclusive a prática de Lutas/Artes Marciais. Podemos ver a violência manifestada de maneira direta nas ações diretas ou indiretas através de estruturas opressivas e desequilíbrios de poder. No contexto das Lutas/Artes Marciais, podemos ser levados a questionar **como a violência é concebida, normalizada e, possivelmente, desafiada.** Esta violência pode parecer meramente física à primeira vista, e pode se tornar, se mal orientada, uma reafirmação das práticas de violência presentes na sociedade. Na linguagem das Lutas/Artes Marciais, o ataque e a defesa, a vitória e a derrota, se desdobram em uma dança complexa. Contudo, é preciso problematizar esta linguagem, questionando como a violência é expressa e percebida em tais práticas. Por meio da problematização, podemos questionar as premissas, desafiar as normas e explorar as contradições

**A violência manifestada de maneira direta nas ações agressivas ou indireta através de estruturas opressivas e desequilíbrios de poder**

presentes no ensino e na prática das Lutas/Artes Marciais. **Este processo crítico de questionamento é um passo crucial para a transformar as realidades e buscar alcançar inéditos viáveis.**

**O processo de problematização é o início de uma práxis educativa.** Na práxis, reflexão e ação se entrelaçam para produzir transformação. No contexto das Lutas/Artes Marciais e da violência, um exercício da práxis pode ocorrer

quando os educandos e educandas não apenas aprendem e executam as técnicas, mas também refletem criticamente sobre os significados que carregam, incluindo aqueles relacionados à violência e buscam maneiras de transformar esses significados. Desta forma, a luta na Educação Física escolar, além de ter um fim em si mesma, quando considerada através de uma perspectiva crítica e problematizadora, tem também o potencial de ser uma poderosa ferramenta de conscientização e transformação social. A linguagem corporal da luta pode se tornar um meio para desafiar e questionar a violência, podendo promover a paz, o respeito e a compreensão mútua como alternativas à agressão. Não há dúvidas de que a luta, como também outras práticas corporais, **pode ser um campo de conflito, mas também é um campo de possibilidades**. Com uma pedagogia crítica e consciente, o ensino de Lutas/Artes Marciais pode contribuir para **transformar a linguagem corporal da violência em uma linguagem de paz e resistência**. Através do diálogo com os educandos e educandas numa problematização em práxis, podemos trabalhar a luta não para perpetuar a violência, mas para questioná-la e, em última análise, transformá-la e, quiçá, minimizá-la.

**A linguagem corporal da luta pode se tornar um meio para desafiar e questionar a violência, podendo promover a paz, o respeito e a compreensão mútua como alternativas à agressão**

*Então acho que dificulta um pouco em como a gente consegue introduzir esses assuntos, como a gente consegue problematizar e pensar a partir das práticas dadas nas aulas, a diminuição da desigualdade, por exemplo, de gênero, pra quebrar esse estigma de lutas pra homens e dança pras mulheres, então eu acho que esse diálogo contribui bastante. (Encontro 3, Sonya Blade).*

Posso aprender a lutar para não ser violenta?!



*Então mostrar que todos podem estar praticando né, então isso também é importante a questão do gênero, mostrar para eles que o jiu jitsu, por exemplo, mulher, o sexo feminino também inclusive temos medalhistas. (Encontro 5, Haru).*

*Então, tendo esses princípios assim que fazem parte do pensamento de Paulo Freire né, é de estar sempre também pesquisando, sempre procurando coisas novas, sempre trabalhando em prol da educação. E nas aulas de luta surgiu algo interessantíssimo, foram as temáticas de gênero e discriminação social. (Entrevista 2, Graice).*

*Eu acho que assim, seria interessante trabalhar mais a questão do gênero, trabalhar mais meninas com meninas. Eu acho que tem que se forçar muito nisso, principalmente com os adolescentes, fundamental 2, fundamental 1 não se dá, mas acho que fundamental 2 é para tá trabalhando com os alunos do fundamental 2 e somente a questão das lutas e artes marciais com gênero, é junto menina com menino, sabe? (Entrevista 1, Haru).*

Gostaríamos de destacar que **o ensino de Lutas/ Artes Marciais na Educação Física escolar oferece uma oportunidade singular para explorar questões sociais complexas**. Ao considerar as Lutas/Artes Marciais como uma forma de linguagem corporal, podemos começar a desconstruir e reconstruir nossos entendimentos sobre gênero, identidade e poder. As falas dos professores Haru, Greice e da professora Sonya Blade apresentam a necessidade de construirmos ainda mais reflexões sobre isso. Cada movimento, cada postura, cada gesto em uma luta carrega consigo um significado. **São expressões corporais que podem reforçar ou desafiar normas sociais e de gênero existentes**. Por exemplo, a força física, muitas vezes associada à masculinidade, é um elemento central em muitas formas de lutar, assim como usar a força do oponente contra ele, esse é um dos princípios fundantes de Lutas/Artes Marciais como o Jiu Jitsu e o Judô, o oponente fisicamente que tem menos força poder vencer um que tem mais força. **Mas o que acontece quando essa força é exercida por uma mulher? Como isso desafia nossos conceitos de gênero? Como isso desafia as relações de poder da sociedade?**

**As Lutas/Artes Marciais como linguagem corporal, nos oportuniza refletir e começar a (des)construir e (re)construir nossos entendimentos sobre gênero, identidade e poder.**

Eu posso aprender a lutar sem ser um menino?



Problematizações e reflexões como essas são imprescindíveis para questionarmos as relações de poder nessas manifestações. **Em muitas sociedades, o machismo é uma parte integrante dessas relações de poder**. Nas Lutas/Artes Marciais, isso pode se manifestar de várias maneiras, desde a exclusão de mulheres e meninas até a perpetuação de estereótipos de gênero. **O machismo, como um sistema de crenças e práticas que reforça**

Por que eles ficam falando que menina é fraca e não pode lutar?



**a dominação masculina e a subordinação feminina, pode estar profundamente enraizado na linguagem corporal das Lutas/Artes Marciais**. Portanto, como professores e professoras, devemos estar cientes dessas questões ao ensinar essas manifestações na Educação Física escolar. Não é suficiente apenas ensinar técnicas de luta ou jogos de luta na escola, se o fizermos dessa forma, **estaremos incorrendo no risco de reforçar tais estereótipos reforçando a manutenção da consciência ingênua dos educandos e educandas em relação às questões de gênero nas Lutas/Artes Marciais e na sociedade de forma geral**, ou seja, é nosso dever problematizar as normas de gênero e machismo que estão presentes nessa prática.

Dessa forma, é importante fomentar um espaço de diálogo onde os educandos e educandas possam refletir criticamente sobre essas questões. **Como suas ações**

reforçam ou desafiam as normas de gênero? De que maneiras o machismo se manifesta em suas práticas de luta ou qualquer prática? Como podem utilizar a linguagem corporal de maneira consciente e crítica para desafiar essas normas? Ao fazer isso, podemos transformar o ensino de Lutas/Artes Marciais de uma mera prática física em um espaço de aprendizagem crítica e de transformação social. Ao encorajarmos os educandos e educandas a questionar e refletir sobre as normas de gênero e o machismo em suas práticas de luta, estamos criando oportunidades para que eles e elas construam uma consciência crítica e a capacidade de agir de forma transformadora em suas realidades.

Tanto a questão da violência quanto dos estereótipos de gênero e machismo, assim como outras **questões como a religiosidade, o racismo, a LGBTQIAPN+ fobia e outras questões sociais, permeiam o universo e as linguagens das Lutas/Artes Marciais**. Não podemos romantizar as Lutas/Artes Marciais como se elas fossem estéreis e fossem construídas isoladas dessas questões complexas e desafiantes. Sim, existe violência nas linguagens das Lutas/Artes Marciais, sim existe machismo, racismo, preconceitos e muitas outras questões, mas isso não é motivo ou argumento para elas serem negadas ou deixadas de lado na tematização da Educação Física escolar, se fosse, nenhuma prática corporal criada e desenvolvida pela humanidade poderia ser tematizada na escola, pois **nenhuma está isolada da sociedade e dessa forma, nenhuma está isolada de lidar com tais questões**.

**Ao encorajar os educandos e educandas a questionar e refletir sobre as normas de gênero e o machismo em suas práticas de luta, estamos criando oportunidades para que eles e elas construam uma consciência crítica**

**Pensem conosco, e nossa cultura corporal está impregnada de conflitos, que lugar melhor para discuti-los do que nas aulas de Educação Física? É lá, no calor do debate, no suor das práticas, que professores, professoras, educandos e educandas podem realmente mergulhar fundo nessas questões. Por que praticamos o que praticamos? Como escolhemos nossas práticas? E o que elas dizem sobre nós? Veja, não se trata apenas de lançar um punho ou fazer uma chave de braço, trata-se de entender as Lutas/Artes Marciais como um texto vivo, que lemos e reescrevemos a cada movimento. E mais, por que não revolucionar a forma como lutamos? Por que não inventar novas maneiras de entender essas práticas, tornando-as menos violentas, menos preconceituosas, mais inclusivas? É esse o desafio que propomos: usar o espaço da Educação Física para uma verdadeira transformação, onde cada chute e cada golpe sejam também um passo em direção a um mundo onde possamos, de fato, Ser Mais.**

## 4.3.1.

**Jogos de Oposição e Técnicas Sistematizadas, até onde a Luta pode ir?**

*Dessa vez acho que você trouxe uma coisa nova para mim que é a ideia de avançar no sentido da luta específica né. Se faz os jogos de oposição é uma coisa, mas só com eles a gente não avança na questão da Cultura, problematizar a Cultura né. [...] É preciso avançar também para as especificidades, assim como a gente faz com vôlei, basquete, com o futebol, nas lutas também é preciso avançar nesse sentido e não ficar só na superfície, se não a gente passa a vida jogando e não problematiza nada. (Entrevista 1, John).*

*O fato de não ter um discurso nas aulas dos jogos, representa um discurso, então fiquei um pouco inquieto do que não necessariamente tem que ser o Paulo Freire, mas é importante enquanto professor a gente tenha uma posição política. (Encontro 2, T'Challa).*

As falas dos professores John e T'Challa e de vários outros(as) nos instigaram nas páginas que se seguiram a **encarar o ensino de Lutas/Artes Marciais na Educação Física escolar como um campo vasto para o exercício de uma pedagogia crítica e libertadora**. As Lutas/Artes Marciais, expressas através de sua potente linguagem corporal, se comunicam com nossas estruturas sociais e históricas e é através desta linguagem que podemos construir um ensino questionador e dialógico. O jogo e os jogos de oposição podem oferecer uma janela especial para este tipo de aprendizado, eles podem representar um diálogo corporal que, mais do que palavras, utiliza o corpo para comunicar, interagir, compreender e, finalmente, aprender. E é aqui que se revela uma de suas mais poderosas lições: **a negociação**. Nos jogos de oposição, há um constante exercício de negociação. **Negociação de espaço, de tempo, de força, de técnica, de habilidades, uma dança de avanços e recuos que possibilita ao educando e à educanda ler e interpretar a linguagem corporal do outro(a)**, enquanto expressa a sua própria. Uma linguagem que, embora embebida em conflito, tem o potencial de transcender a mera competição **para revelar a possibilidade de respeito mútuo, compreensão e cooperação**.

**O jogo e os jogos de oposição podem oferecer uma janela especial para este tipo de aprendizado, eles podem representar um diálogo corporal que, mais do que palavras, utiliza o corpo para comunicar, interagir, compreender e, finalmente, aprender.**

Neste contexto, os jogos de oposição apresentam-se como um instrumento pedagógico poderoso. Ao colocar os educandos e educandas em situações de

**Os educandos e educandas podem ser desafiados a resolver problemas, a negociar e a cooperar, aprendendo noções importantíssimas sobre o aprender a lutar lutando**

confronto controlado, em que devem tomar decisões rápidas, interpretar os gestos do(a) oponente(a) e formular respostas estratégicas, esses jogos podem instigar a reflexão e o pensamento crítico **se em conjunto com os jogos, o professor e a professora estiverem presentes plenamente com construção de problematizações e reflexões.** Os educandos e educandas podem ser desafiados a resolver problemas, a negociar e a cooperar, aprendendo noções importantíssimas sobre o aprender a lutar lutando.

Esses jogos ainda envolvem mais do que apenas competição e domínio de técnicas, eles incorporam a necessidade de pensar estrategicamente, tomar decisões sob pressão e aprender a lidar com vitórias e derrotas. **Em cada jogo, os educandos e educandas são desafiados a antecipar ações do oponente, adaptar-se a situações em constante mudança, e aprender a gerenciar seus próprios medos e expectativas.** Através dessas experiências, os educandos e educandas podem desenvolver habilidades e atitudes valiosas que podem ser transferidas para outros aspectos de suas vidas.

Posso aprender a lutar brincando?



Acreditamos, porém, que **o jogo como ferramenta em si não alcançará um aprendizado amplo e profundo** sobre o que são as Lutas/Artes Marciais. Compreendemos que a chave para o aproveitamento desses benefícios esteja na reflexão, na devida problematização. As lições aprendidas nos jogos de oposição podem passar despercebidas ou, pior, serem mal interpretadas se forem apenas vivenciadas sem a tomada de consciência. É imperativo compreendermos que a aprendizagem que acontece durante os jogos de oposição não precisa se limitar ao desenvolvimento de habilidades técnicas e táticas por mais importantes que elas sejam. Se desenvolvermos jogos de oposição **com situações problema específicas apenas para soluções de características técnicas e táticas, poderemos ensinar nossos educandos e educandas a aprender a lutar, mas será uma luta desvinculada de suas realidades,** que servirá potencialmente a uma educação bancária, em que permeados e amortecidos pela possível experiência lúdica se manterão em uma consciência ingênua e em suas dóceis posições de oprimidos.

**Podemos ensinar nossos educandos(as) a lutar, mas sem as devidas contextualizações e problematizações, essa luta pode reforçar uma educação bancária, onde, apesar da experiência lúdica, eles permanecem com uma consciência ingênua e submissos como oprimidos.**

Nessa perspectiva, **corremos o risco de reforçar uma estrutura opressora.** Os jogos de oposição, podem favorecer a competição, o conflito e a hierarquia

se a vitória for frequentemente premiada, enquanto a derrota é penalizada ou deixada de lado, criando um ambiente em que os educandos e educandas **são incentivados a dominar uns aos outros em vez de aprenderem juntos**. Nesse cenário, o ensino de Lutas/Artes Marciais pode se tornar mais um instrumento de opressão, um meio pelo qual os educandos e educandas são moldados para se conformarem com as estruturas de poder existentes. **Isso pode perpetuar a visão de que a força e a dominação são os principais caminhos para resolver conflitos**, uma visão que favorece os opressores e desvaloriza a cooperação, o diálogo e a resolução pacífica de conflitos.



**Aqui reside um problema fundamental.** Se ensinamos as Lutas/Artes Marciais apenas como um jogo de oposição sem as devidas contextualizações, em que o objetivo desse jogo é simplesmente derrotar o adversário enquanto alguns gestos técnicos são aprendidos, **estamos potencialmente perpetuando a lógica da dominação e do poder que é inerente à educação bancária**. Este modelo de ensino pode acabar por reforçar a ideia de que os conflitos são resolvidos pela força ou pela habilidade de lutar, não pelo diálogo ou pela cooperação. Além disso, pode alimentar a ideia de que os educandos e educandas são competidores(as) uns dos outros, em vez de parceiros(as) no processo de aprendizagem. Este modelo de ensino pode servir aos interesses dos opressores ao perpetuar as estruturas de poder existentes. Ele pode reforçar a ideia de que os educandos e educandas, mesmo resolvendo situações problema dos jogos de oposição, **são objetos passivos no processo educacional, passivos na perspectiva de não refletirem e pensarem sobre possibilidades mais amplas do lutar**, apenas atuarem na resolução de problemas técnicos e táticos. **Isso pode promover a conformidade em vez da crítica.**

Dessa forma, para realmente aproveitarmos o potencial educativo do jogo, é necessário que eles sejam estruturados de tal forma que os **educandos e educandas sejam incentivados(as) a refletir sobre o que acontece quando desenvolvem diferentes estratégias ou técnicas, e quais as consequências dessas escolhas.**

**A habilidade de questionar e reimaginar as regras do jogo dentro de um contexto educativo torna-se uma poderosa metáfora para desafiar e transformar as estruturas sociais, econômicas e políticas que moldam nossa realidade**

Eles e elas podem ser encorajados(as) a questionar as regras do jogo, e a explorar maneiras alternativas de jogar que desafiem as suposições tradicionais sobre o que significa “ganhar” ou “perder” em uma luta. Mais do que isso, os jogos de oposição podem ajudar os educandos e educandas a reconhecer e desafiar as estruturas de poder que existem dentro e fora do ambiente de aprendizagem. **Ao invés de simplesmente aceitar a ideia de que o “mais forte”**

**ou “mais rápido” ou “mais habilidoso” deve sempre vencer**, eles(as) podem ser encorajados(as) a questionar esses pressupostos, e a considerar alternativas que **privilegiem a cooperação, o respeito mútuo e a justiça**.

Ao expandir a reflexão crítica dos **jogos de oposição para as esferas da vida cotidiana**, os educandos e educandas começam a ver o **reflexo dessas dinâmicas em um sistema capitalista e opressivo**. A habilidade de questionar e reimaginar as regras do jogo dentro de um contexto educativo torna-se uma poderosa metáfora para desafiar e transformar as estruturas sociais, econômicas e políticas que moldam nossa realidade. Este processo educativo pode **ajudar os indivíduos a reconhecerem as várias formas de opressão e desigualdade presentes em sua vida diária**, e também inspirar a buscar alternativas mais equitativas e justas. Ao fazer essas conexões, a educação se torna um ato de resistência contra a lógica capitalista que valoriza a competição desenfreada, o acúmulo de riqueza e o sucesso individual em detrimento do bem-estar coletivo. Ao invés disso, uma pedagogia que enfatiza a cooperação, o respeito mútuo e a solidariedade, oferece uma crítica contundente ao sistema opressor, promovendo uma visão de mundo que valoriza a **dignidade humana, a igualdade e a justiça social** acima dos lucros e da eficiência econômica. Assim, ao incentivar os educandos e educandas a aplicarem os princípios aprendidos através dos jogos de oposição às suas interações e entendimentos do mundo, estamos contribuindo para a constituição de **uma geração que não só questiona as injustiças do presente, mas que também está empenhada em construir um futuro mais justo para todos e todas**.

**Uma pedagogia que enfatiza a cooperação, o respeito mútuo e a solidariedade, oferece uma crítica contundente ao sistema opressor, promovendo uma visão de mundo que valoriza a dignidade humana, a igualdade e a justiça social acima dos lucros e da eficiência econômica**

Assim, ao invés de reforçar a lógica da educação bancária, o ensino de Lutas/Artes Marciais por meio de jogos de oposição pode tornar-se uma educação problematizadora e libertadora. **Isso, contudo, depende de um compromisso**

É justo eu só perder,  
porque ainda não  
consegui aprender?



**firme do educador e da educadora em** construir o diálogo, a reflexão crítica e a cooperação, e de resistir às tentações de impor seu próprio conhecimento de forma autoritária ou de esvaziar os jogos de reflexões profundas que possam surgir, ou ainda, de tornar suas aulas de Lutas/Artes Marciais um “rola jogo de oposição” em que **1001 jogos** são fornecidos para os educandos e educandas **se amortecerem na possível ludicidade** dos jogos de luta. O objetivo deve ser ajudar os educandos e educandas a **se**

**tornarem sujeitos ativos em seu próprio processo de aprendizagem**, capazes de **questionar, refletir e agir sobre o mundo à sua volta**. E além disso, esses jogos podem abrir espaço para uma profunda reflexão sobre a natureza do conflito, do respeito, da estratégia e da cooperação, lições que, uma vez aprendidas, podem se estender muito além das fronteiras das aulas de Educação Física.

**Toda técnica e estratégia de luta pode ser vista como uma expressão do mundo, das culturas que foram desenvolvidas, das transformações que sofreram historicamente, das relações de poder que as resignificaram**

Ainda nessa esteira de reflexão, reforçamos o que já foi comentado em capítulo anterior, a compreensão de que **as Lutas/Artes Marciais** não são apenas uma prática física, mas **uma linguagem corporal, um fenômeno social que está profundamente enraizado em nossas sociedades e culturas**. E como tal, será que tematizar essas manifestações apenas como jogos de oposição vai fazer jus a toda sua amplitude e complexidade? Acreditamos que se assim for, **muitas de suas características históricas e culturais poderiam ser desconsideradas**. Nessa perspectiva, o ensino das técnicas e táticas de lutas não deve ser um mero processo mecânico de aprendizado e reprodução. Ao contrário, deve ser uma oportunidade para os educandos e educandas se apropriarem do conhecimento, transformando-o através de sua própria experiência e reflexão crítica. Nesse sentido, cada técnica pode ser vista como uma expressão do mundo, das culturas que foram desenvolvidas, das transformações que sofreram historicamente, das relações de poder que as resignificaram. **As técnicas devem ser lidas como formas de linguagem que podem ser decodificadas, interrogadas e reconfiguradas**.

Compreendemos que é preciso avançar para as especificidades, os jogos de oposição contribuem para que os educandos e educandas compreendam melhor **como construir uma técnica de socar e como utilizá-la em uma situação de luta, desenvolvendo uma inteligência da tática de luta**. No entanto, o soco do Karatê não é o mesmo soco do Boxe, que não é igual ao

Posso aprender a lutar sem ter que bater em ninguém?



**O soco do Karatê não é o mesmo soco do Boxe, que não é igual ao do Kung Fu e também não é o mesmo soco da briga. O que cada soco representa pode ser significativamente diferente para cada prática corporal.**

do Kung Fu e também não é o mesmo soco da briga, além das diferenças biomecânicas dos gestos, o que cada soco representa pode ser significativamente diferente para cada prática corporal. Enquanto para algumas Lutas/Artes Marciais da atualidade o objetivo do soco é nocautear o adversário, para outras como alguns estilos de Karatê, o objetivo é o controle extremamente fino da execução da técnica. No Karatê os(as) lutadores(as) devem

desferir o soco com toda a potência e velocidade possíveis, mas controlar, parar o soco ao toque leve do(a) adversário(a), sem contundi-lo(a). Enquanto no Boxe inglês busca-se sempre ataques contundentes para nocautear o adversário, no Karatê (estilo Shotokan), o seu “criador”, Ginchin Funakoshi, considerado pai do Karatê moderno traz uma célebre frase sobre sua arte: **“No Karatê não existe atitude ofensiva”** (NAKAYAMA, 1996, p. 18). Essa frase carrega uma grande carga de reflexão sob uma prática corporal que foi criada historicamente para a defesa pessoal do povo de Okinawa, na qual existem socos e chutes que em uma primeira impressão são constituídos de ataques ofensivos, mas o mestre criador da arte afirma que nessa manifestação da cultura corporal não existe atitude ofensiva, **o que isso pode significar?**

Pode significar muitas coisas sem dúvida, mas nos interessa aqui é essa **diversidade de representações que um soco pode ter**, por mais semelhanças que socos de várias Lutas/Artes Marciais possam ter, seus sentidos e significados serão diferentes, pois cada Luta/Arte Marcial foi constituída em um contexto social, cultural e histórico diferente. **Passaram por diferentes transformações no decorrer da história, muitas forças sociais e políticas ressignificaram seus gestos e suas significações de acordo com as necessidades e os objetivos que tinham para aquela prática corporal e para aquela sociedade.** Ou seja, nós podemos tematizar as Lutas/Artes Marciais utilizando do jogo buscando a ludicidade, mas não podemos parar aí, a técnica não pode ser negada, não o tecnicismo, mas a técnica não pode ser negada, não

o tecnicismo, mas a técnica é parte importante da cultura humana, da linguagem corporal das Lutas/Artes Marciais, **o gesto técnico constituído historicamente** é carregado de contextos e sentidos que vão **representar a identidade não apenas de uma prática corporal**, mas de toda a **cultura de uma sociedade** que desenvolveu e transformou aquela manifestação da cultura corporal. Se olharmos com sensibilidade e problematizarmos com rigorosidade

**Podemos tematizar as Lutas/Artes Marciais utilizando do jogo buscando a ludicidade, mas não podemos parar aí, a técnica não pode ser negada, não o tecnicismo, mas a técnica é parte importante da cultura humana**

metódica poderemos encontrar uma carga cultural profunda e significativa em um **“simples” soco**.

A aprendizagem das técnicas, dessa forma, não deve ter apenas um fim em si mesma, mas também deve **constituir-se em um processo que privilegie o desenvolvimento do pensamento crítico**, da autonomia dos educandos e educandas e da transformação de suas realidades. Isso implica num processo dialógico, em que o educador e a educadora não são vistos como detentores do conhecimento, mas como sujeitos que em diálogo com os educandos e educandas vão juntos construir seus próprios conhecimentos. Logo, o ensino deve destacar o contexto social em que essas práticas surgiram e foram se alterando e também o contexto social e conhecimento prévio dos e das estudantes. **As Lutas/Artes Marciais não são fenômenos isolados, mas estão intimamente ligadas às estruturas de poder, às relações de gênero, à política, à economia e à religião.** Ao aprender sobre essas manifestações, os educandos e educandas devem ser incentivados a refletir criticamente sobre esses aspectos, e a questionar as narrativas dominantes.

Portanto, **se conduzirmos essas reflexões e problematizações**, o ensino de Lutas/Artes Marciais **pode ser uma poderosa ação de educação libertadora**. Pode ser um meio para ajudar os educandos e educandas a se tornarem mais conscientes do mundo à sua volta, a questionar as verdades estabelecidas e a se tornarem sujeitos ativos na transformação de suas realidades. Portanto, ao ensinarmos as Lutas/Artes Marciais, devemos lembrar que estamos lidando com mais do que apenas um conjunto de técnicas ou regras. **Estamos lidando com uma linguagem corporal rica e complexa** que, se explorada de forma problematizada, dialogada e com criticidade, pode se tornar uma ferramenta poderosa para o aprendizado e a transformação social. Em suma, **podemos tornar a prática das Lutas/Artes Marciais uma verdadeira prática de liberdade**.



Neste tecido de movimentos e gestos, cada soco e cada passo ecoam as histórias não contadas e os sussurros dos antepassados, tecendo uma narrativa que transcende o aqui e o agora, levando-nos numa jornada através do tempo e do espaço. Os jogos de oposição, portanto, podem ser muito mais do que meras estratégias; eles, com as devidas contextualizações e problematizações dos professores e professoras podem ser diálogos vibrantes com o passado, com cada movimento carregando o peso de séculos de tradição, resistência e adaptação. Essa dança de forças e saberes nos convida a olhar além da superfície, a ver nas técnicas de Lutas/Artes Marciais uma crítica viva a um sistema capitalista e opressivo, que muitas vezes busca padronizar, quantificar e comercializar a expressão humana. Ao explorar e valorizar a singularidade e o significado profundo de cada técnica, abrimos espaço para uma reflexão crítica sobre nossa própria existência, sobre as formas pelas quais resistimos, nos adaptamos e nos transformamos diante dos desafios que enfrentamos. As Lutas/Artes Marciais, nesse sentido, tornam-se um espelho da vida, refletindo as complexidades, as lutas e as belezas da condição humana, convidando-nos a questionar não apenas as regras do jogo, mas as próprias estruturas que moldam nossa realidade e as possibilidades de transformá-la.



## SAIBA MAIS

### Sobre Experiências Significativas e uma Educação Sensível

**Artigo:** LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. Revista reflexão e ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

**Áudio Livro:** Notas sobre a experiência e o saber de experiência - de Jorge Larrosa Bondía | Acesso em Abril de 2024. Link: [clique aqui](#)

**Capítulo de Livro:** PRODÓCIMO, Elaine. Educação Sensível e Educação Política. In: Fabiano Bossle; Elaine Prodócimo; Daniel Teixeira Maldonado. (Org.). Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar. 1ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023, v. 1, p. 37-51. Link: [clique aqui](#)

**Capítulo de Livro:** PEREIRA, Alex Sousa; PRODÓCIMO, Elaine. Paulo Freire, um sujeito que amou profundamente. In: Fabiano Bossle; Elaine Pro

dócimo; Daniel Teixeira Maldonado. (Org.). Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a educação física escolar. 1ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023, v. 1, p. 80-102. Link: [clique aqui](#)

### **Sobre Educação Libertadora, Problematização e Práxis**

**Livro:** BOSSLE, Fabiano; PRODÓCIMO, Elaine; MALDONADO, Daniel Teixeira. Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a Educação Física escolar. 2023. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** MALDONADO, Daniel Teixeira; PRODÓCIMO, Elaine. Por uma epistemologia crítico-libertadora da Educação Física Escolar. Revista Brasileira de Educação Física Escolar. Ano VII, v. 3, p. 6-23, 2022. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** BONFIETTI, Priscila Errerias; PRODOCIMO, Elaine. Reflexões sobre a importância do diálogo em um fazer pedagógico na educação física escolar. Revista Estudos Aplicados em Educação, v. 6, p. 97-109, 2021. Link: [clique aqui](#)

**Vídeo:** NARRAR NA EDUCAÇÃO FÍSICA: caminhos possíveis com Paulo Freire | Acesso em Abril de 2024. Link: [clique aqui](#)

### **Sobre ensino de Lutas/Artes Marciais na Educação Física Escolar**

**Livro:** Pereira, Alex. Sousa., Reis, Fábio. Pinto. Gonçalves., Carneiro, Kleber. Teixeira., & Scaglia, Alcides. José. (2021). Pedagogia das Lutas/Artes Marciais: do ambiente de jogo a sistematização do ensino. Curitiba: Publishing Brazil. 2021.

**Artigo:** Pereira, Alex. Sousa., de Oliveira, Marcelo. Alberto., Santos, Diego. Ramires. Silva., & dos Anjos Silva, A. Lutas corporais e artes marciais na Educação Física Escolar: transcendendo limites. Lecturas: Educación Física y Deportes, 28(303), 178-199. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** Pereira, Alex Sousa; OLIVEIRA, Marcelo Alberto de; PRODÓCIMO, Elaine. O ensino de lutas/artes marciais como uma prática de educação libertadora: entremeando círculos de cultura, situações-problema e jogos. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2024. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** FABIANI, Débora Jaqueline Farias; SCAGLIA, Alcides José; DE ALMEIDA, José Júlio Gavião. O jogo de faz de conta e o ensino da luta para crianças: criando ambientes de aprendizagem. Pensar a Prática, v. 19, n. 1, 2016. Link: [clique aqui](#)

**Artigo:** GOMES, Mariana Simões Pimentel; SCARAZZATO, Juliana; FABIANI, Débora Jaqueline Farias. As aulas de educação física como espaço de ensino-aprendizagem das lutas: uma experiência docente. Cadernos do Aplicação, v. 36, 2023. Link: [clique aqui](#)

**Dissertação:** Livro-experiência para o ensino-aprendizagem das lutas na Educação Física do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Alex Sousa Pereira. | Link: [clique aqui](#)

**Vídeo:** RELATO DE EXPERIÊNCIA. LUTAS E ARTES MARCIAIS NA ESCOLA | Conexão Educação Física. Link: [clique aqui](#)

### **Olhar Sensível e Problematicador**

Num mundo de verdades vendadas,  
Onde a pedagogia reina com mãos pesadas,  
Paulo, o mestre, entra de mansinho,  
Trazendo um olhar sensível, como de passarinho.

Na escola, o saber se fazia muralha,  
Em linhas retas, sem espaço para falha.  
Mas a alma humana, oh, ela é curva,  
E Freire com sabedoria, em nossos corações, escorva.

Educar, dizia, não é encher um vaso,  
Mas acender um fogo, ao brilho do acaso.  
Aprender a questionar, a sentir, a pensar,  
Esse é o caminho que o educando pode trilhar.

Problematicador, oh palavra que desafia!  
Faz da educação, um campo em poesia.  
Não mais aula de memorização,  
Mas encontro, diálogo, libertação.

A sensibilidade, antes adormecida,  
Desperta, aguçada, pela vida.  
E o professor, antes opressor,  
Torna-se um companheiro, um confessor.

No teatro da vida, Freire deixou o seu papel,  
E eu, como poeta, trago um quase cordel.  
Educar é tarefa de amor, não de desespero,  
Olhar sensível e problematicador, esse é o caminho alvissareiro.

**- CAPÍTULO 5 -**

# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**essa jornada termina aqui?**



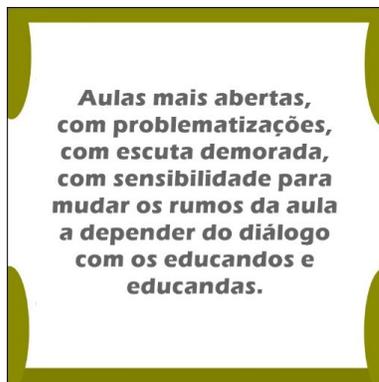
**"Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé no ser humano e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar"**

**Paulo Freire**



Ao longo destas páginas, desenrolamos o fio de uma pesquisa cuja viagem, esperamos, tenha sido capaz de acender lamparinas de reflexão em cantos até então obscuros da nossa compreensão, especialmente no que tange ao ensino das práticas corporais na Educação Física escolar, sob a luz brilhante e desafiadora da pedagogia de Paulo Freire. É com esse espírito de inquirição que **os(as) convidamos a se aventurar pelas entrelinhas deste estudo, a se unir a nós nesta conversa final, imaginando-nos todos e todas reunidos numa roda, tal qual aquelas que se formam ao término de uma vibrante aula de Educação Física**, onde o suor ainda brilha em nossas testas e os corações ainda batem acelerados pela prática. É nesse círculo, real ou metafórico, que encerramos nossa jornada juntos, não com um ponto final, mas com um convite aberto ao diálogo, à troca, ao encontro de mentes e almas que buscam, incessantemente, a liberdade através da construção de saberes.

Algo que gostaríamos de destacar é em respeito a certos desafios, uma percepção que construímos foi a dificuldade dos(as) participantes em relação ao desconhecimento profundo sobre a pedagogia freireana. Tais desconhecimentos e angústias geraram o capítulo sobre a **Pedagogia do Caos**. Refletimos sobre a dificuldade em compreender que uma aula problematizadora e aberta não é uma questão de aula desorganizada e sem disciplina,



como era a compreensão de muitos dos professores e professoras. Nessa direção, foi perceptível também a dificuldade dos professores e professoras expressarem como trabalhariam o ensino de Lutas/Artes Marciais como uma prática de educação libertadora, em aulas mais abertas, com problematizações, com escuta demorada, com sensibilidade para mudar os rumos da aula a depender do diálogo com os educandos e educandas.

No vasto universo da educação, uma questão nos saltou aos olhos, quase como uma finta sutil, refere-se à intrincada tarefa dos professores e professoras em (não) ensinar Lutas/Artes Marciais nas escolas. **E, veja bem, não é apenas sobre o ato de ensinar, mas sobre a resistência, quase como uma couraça, em trazer essas práticas para o fecundo solo do ambiente escolar.** Essas inquietações, esses labirintos de pensamentos e sentimentos, desencadearam um profundo debate. **E o que estava em jogo?** A negação do ensino das Lutas/Artes Marciais, mas também a sua tematização, não como meros confrontos físicos, nem como descontextualizados jogos de oposição, mas sim, como manifestações em que cada movimento, cada gesto, carrega em si história, cultura, estética e possibilidades. E aqui, nos deparamos

**Mas ensinar sob uma perspectiva aberta é, na verdade, mergulhar nas profundezas da disciplina, mas uma disciplina que dialoga, que escuta, que transforma e se transforma.**

com um paradoxo: muitos educadores e educadoras, talvez prisioneiros de concepções estabelecidas, acreditam ou acreditavam que **ensinar Lutas/ Artes Marciais com um olhar crítico e libertador seria sinônimo de anarquia, de falta de estrutura.** Mas ensinar sob essa perspectiva é, na verdade, mergulhar nas profundezas da disciplina, mas uma disciplina que dialoga, que escuta, que transforma e se transforma.

E nesse cenário, o que mais nos fascina é perceber **o quão desafiador é para os professores e professoras se expressarem nessa dança das Lutas/Artes Marciais.** Não como meras sequências de movimentos, mas como uma verdadeira prática educativa que tem o poder de transformar.

**Uma prática que se desenrola em aulas repletas de diálogo, de problematizações, em que a escuta não é apenas rápida, mas atenta, sensível, demorada, e a flexibilidade não é uma opção, mas uma necessidade, para que o conteúdo lute harmoniosamente com a experiência lúdica trazida pelos educandos e educandas em suas subjetividades. E assim, buscamos uma educação que não apenas ensina, mas que inspira, que liberta, que transforma.**

Nessa esteira de reflexão, fomos confrontados pelas falas dos e das participantes com a rica tapeçaria das linguagens das Lutas/Artes Marciais. Elas carregam em si marcas de violência, traços de machismo, ecos de racismo, mas também trilhas de transformação, tracejos de resistência, **travessias das mais diferentes formas de ler, interpretar, praticar e produzir essas manifestações da cultura corporal.** Mas, veja bem, essas linguagens, impregnadas de tradições e formadas nas mais diferentes culturas, não são meras expressões de ataque ou defesa. Elas são, na verdade, manifestações que têm a característica de reconfigurar nosso tempo. Agora, imagine a profundidade desse oceano de linguagens das Lutas/Artes Marciais, que nos convida a mergulhar e refletir em seus **rizomas lutantes** (Pereira, 2018).

Muitos e muitas, ao se depararem com essa imensidão, podem se **sentir perdidos, incapazes de discernir** que, por trás dessas características aparentemente brutais, há uma necessidade premente de problematização. **E é aí que reside a “magia”!** Ao problematizarmos, abrimos portas para reflexões que nos levam a novas danças de lutar, a novos ritmos de interpretar e vivenciar as Lutas/Artes Marciais. E, nesse bailar, percebemos o quão desafiador é para os educadores e

educadoras construir e produzir as Lutas/Artes Marciais não como meros passos coreografados de técnicas físicas, **mas como uma dança da alma, uma prática educativa que transforma.** Ensinar Lutas/Artes Marciais com olhos críticos e coração libertador é como compor uma sinfonia, em que cada nota, cada pausa, é pensada para dialogar, problematizar e adaptar-se à melodia que os educandos e educandas trazem consigo. E assim,

caros e caras, buscamos uma educação que não se limita, mas que aspira formar seres humanos que dançam, lutam e jogam com consciência e paixão pelo mundo.

Paralela a dificuldade de compreender a pedagogia Freireana e o ensino das Lutas/Artes Marciais de forma problematizadora, foi perceptível também a situação limite em integrar teoria e prática, **dificuldade de desenvolver suas práticas pedagógicas em práxis.** Isso nos fez refletir sobre a necessidade de cursos de formação permanente pautarem-se no diálogo com os professores e professoras para que as realidades vividas por eles e elas possam ser realmente discutidas, problematizadas e experienciadas. Porque se a práxis não acontecer na formação, se durante a formação for discutido sobre práxis apenas de forma teórica e sem conexão com a prática pedagógica dos professores e professoras, **dificilmente as aulas nas escolas se materializarão em práxis educativas.** Ou seja, os cursos de formação permanente precisam ser constituídos em diálogos com os professores e professoras. Cursos que vem prontos e acabados, com “receitas” a serem seguidas ou mesmo com possibilidades de caminhos, mas que não ouvem os professores(as) antes e durante o curso, cairão em uma prática bancária, sem sentido e sem criar possibilidades de construir conhecimentos que realmente façam diferença na prática pedagógica dos professores e professoras.

Os educadores e educadoras durante o curso e nas entrevistas ansiavam por caminhos que os(as) ajudassem a trabalhar com um processo de educação mais aberto. O “como fazer” foi muito discutido e muito problematizado durante os encontros, mas para que um curso de formação seja realmente significativo para essa perspectiva libertadora de aprendizado é importante e necessário que seja **construído com os professores e professoras e não para eles e elas.** É necessário conhecer suas realidades, é preciso conhecer os professores e professoras, é imprescindível construir um ambiente de aprendizado em que eles e elas se sintam seguros na experiência de expor suas

**Ensinar Lutas/Artes Marciais com olhos críticos e coração libertador é como compor uma sinfonia, onde cada nota, cada pausa, é pensada para dialogar, problematizar e adaptar-se à melodia que os educandos e educandas trazem consigo**

**O cerne da experiência reside na 'exposição', na forma como nos 'ex-pomos' ao mundo, com toda a fragilidade e os desafios que isso implica.**

**A experiência autêntica é para aqueles que se permitem ser tocados pela vida, que se deixam afetar, que se abrem para o novo e o inesperado.**

**E a própria educação não é assim?**

dificuldades. Segundo Larrosa (2002), quando falamos de experiência, é fundamental entender que **não se trata apenas** de nossa postura diante das situações (**como nos posicionamos**), nem de nossa resistência (**como nos opomos**), nem de nossa determinação em impor algo (**como impomos**), e nem mesmo de nossas sugestões (**como propomos**). O cerne da experiência reside na ‘exposição’, na forma como nos ‘ex-pomos’ ao mundo, com toda a fragilidade e os desafios que isso implica.

É preciso coragem para se expor, para se mostrar vulnerável, para correr riscos. Aquele que apenas se posiciona, se opõe, impõe ou propõe, mas não se permite estar exposto, não vive a plenitude da experiência (LAROSSA, 2002). **A verdadeira experiência não acontece para quem se mantém à margem**, para quem nada impacta, para quem nada surpreende ou desafia. **A experiência autêntica é para aqueles que se permitem ser tocados pela vida**, que se deixam afetar, que se abrem para o novo e o inesperado. Portanto, é essencial em cursos de formação construirmos um ambiente em que os professores e professoras se sintam seguros, apoiados e não julgados. Precisamos de formações em que nos permitamos viver plenamente, que possamos sentir vontade de expor nossas diversas situações de vida, **pois é nesse movimento que a alvissareira aprendizagem e transformação acontecem**.

Os conhecimentos sobre o ensino de Lutas/Artes Marciais, a pedagogia freireana e a Educação Física escolar não se esgotam aqui e jamais se esgotarão. Se necessitamos de uma formação permanente é porque também precisaremos de permanentes pesquisas sobre tais temáticas. Logo compreendemos que caminhos ainda precisam ser muito percorridos sobre esses assuntos. Sugerimos que novas pesquisas sejam feitas sobre a conexão entre as linguagens das Lutas/Artes Marciais e o jogo em uma pedagogia crítica, problematizadora e libertadora. **Acredito que inauguramos certas reflexões nesse trabalho, mas elas merecem ampliações e muito mais discussões**.

Vamos lhes dizer, finalmente, ao final desse percurso, recordando e parafraseando Paulo Freire (1996) quando afirma que não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, **professor(a) pesquisador(a) é pleonasmos!** E vemos que, tal qual em um grande diálogo, esse livro e nossas experiências se nutriram uma da outra. Ao chegar no final dessa jornada, sentimos que demos alguns passos adiante, mas nos vemos ainda como entusiastas apaixonados pelo mundo da Educação e das Lutas/Artes Marciais. Entusiastas tão fervorosos(as) que defendem estas linguagens com todo o vigor de suas almas, pois acreditamos piamente que elas têm um lugar de destaque na instituição que consideramos ser o coração pulsante da sociedade, nossa estimada escola.

### Arte de sonhar

Em Minas/Campinas onde a sabedoria floresceu,  
Onde a luta e a arte se entrelaçou e cresceu,  
Freire e sua pedagogia, luz a nos guiar,  
Nas entrelinhas da pesquisa, um novo olhar.

Em roda de conversa, sob a sombra da mangueira,  
Educação Libertadora, uma prática alvissareira.  
Angústias, dúvidas, ideias a brotar,  
No diálogo, a essência do ensinar.

A Pedagogia do Caos, um capítulo a se revelar,  
Desvendando o mistério do ensinar e do pensar.  
Mas na dança das lutas, na ginga e na canção,  
A educação libertadora encontrou sua missão.

Coragem para se expor, para um novo se abrir,  
Na experiência, a essência do sentir.  
Em diálogo, construímos pontes, não muros,  
E nas Lutas/Artes Marciais, encontramos futuros.

O livro, forjado em paixão e em luta,  
Nasceu de um olhar de criança astuta.

A prática e a teoria, de mãos dadas devem andar,  
Para que a práxis, em sua plenitude, possa se concretizar.

Nas entrelinhas da pesquisa, um convite a trilhar,  
Montanhas conquistadas, e tantas a escalar.

E nesse bailar, entre a luta e a paixão,  
A Educação e as Artes Marciais se tornam canção.

E assim, com coração pulsante e alma de guerreiro,  
Defendo a educação, meu eterno parceiro.  
Pois nas lutas da vida, no cerrado a brilhar,  
A verdadeira arte é nunca cessar o sonhar.





## REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco Cordeiro. Diário- um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo de seus dilemas. **Revista Millenium**. n.29, p. 222-239, junho 2004. Disponível em: <[www.ipv.pt/millenium 29/30. pdf](http://www.ipv.pt/millenium/29/30.pdf)> Acesso em 19 de julho de 2017.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. A revisão da bibliografia em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis: o retorno. A Bússola do escrever- desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. São Paulo: **Cortez**, 25-44. 2012.

BASTOS, Fábio Purificação. Pronunciar o Mundo. (in) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. (Ed.). **Dicionário Paulo Freire**. Autêntica, 2019

BENTO, Jorge Olímpio. **Da coragem, do orgulho e da paixão de ser professor**: auto-retrato. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2002.

BRACHT, Valter. Aprendizagem social e Educação Física. Porto Alegre: **Magister**, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, 2017. Disponível em: <[http:// basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio)>. Acesso em: out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 1998. Disponível em: < [http:// basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio)>. Acesso em: out. 2018.

CORREIA, Mesaque Silva. et al. Cadê o viado que tava aqui? O preconceito e a discriminação excluíram da quadra de aula. **Motrivivência**, v. 32, n. 63, p. 01-20, 2020.

CORREIA, Mesaque Silva; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus; VELARDI, Marília. A prática da educação física para idosos ancorada na pedagogia freireana: reflexões sobre uma experiência dialógica-problematizadora. **Movimento**, p. 281-297, 2011.

FREITAS, Ana Lúcia C. **Curiosidade Epistemológica**. (in) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José J. (Ed.). Dicionário Paulo Freire. Autêntica, 2019.

FREITAS, Maria Teresa A. A pesquisa em educação: questões e desafios. **Vertentes**, n.29, p.28-37, jan./jun., 2007.

GALATTI, Larissa R. et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, p. 153-162, 2014.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Editora Autentica, 2007.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**. Journal of Physical Education. UNESP, p. 700-707, 2009.

GUATTARI, Felix; DELEUZE, Guiles. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Editora 34, 1980.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na Sociologia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, 75 (179-80-81), 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. Editora Perspectiva, 1938.

LEITÃO, Arnaldo Sifuentes P. **Ética e educação física escolar: uma proposta de intervenção no ensino fundamental**. 2019. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 3, n. 2, 2014.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa, et al. Círculo de cultura como componente qualitativo da pesquisa em Educação Física: reflexões teórico-metodológicas. **Pensar a prática** 22. 2019.

NÓVOA, António. **História da educação: perspectivas atuais. qualidade**. (Tese de doutorado em Administração de Empresas – FEA/USP), Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil. 1994.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy; OLIVEIRA, Miguel Darcy. **Pesquisa social e ação educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la**. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense. p. 17-33, 1985.

REDIN, Euclides. **Humildade**. (in) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (Ed.). Dicionário Paulo Freire. Autêntica, 2019

ROMÃO, José Eustáquio. **Educação**. (in) STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (Ed.). Dicionário Paulo Freire. Autêntica, 2019

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Brazilian Journal of Physical Therapy**, v. 11, p. 83-89, 2007.

SEVERINO, Roque Enrique. **O espírito das artes marciais**. Roque Enrique Severino, 1988.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. Cortez editora, 2022.

TOLEDO, Eliana. Estudos e Experiências sobre a Ginástica para todos e Paulo

Freire. **Corpoconsciência**, p. 47-62, 2020.

ANDRÉ, Marli. Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em Educação. **Revista Eletrônica de Educação**, 1(1), 119-131. 2007.

ANTUNES, Marcelo M.; RODRIGUES, Alba I. C.; KIRK, Daivid. Teaching martial arts in schools: a proposal for contents organization. **Revista Valore**, v. 5, p. 1-20, 2020.

ARAUJO, S. N. D., ROCHA, L. O., COELHO, M. C., BOSSLE, BOSSLE, F. A pedagogia crítica da educação física escolar: relatos de uma experiência docente com o badminton. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, PR,. Vol. 18, no. 2. 2020, p. 93-99.

BALBINO, Solange Izabel. **Brincar na Escola de Tempo Integral**: reflexões acerca dos espaços e tempos das brincadeiras infantis. Tese de Doutorado pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas (FEF-Unicamp). 2023.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: **Edições 70**, 2002.

BOSSLE, Fabiano; MOLINA NETO, Vicente. Leituras para (re)pensar o trabalho coletivo dos professores de Educação Física. **Movimento**, v. 15, n. 3, p. 89-107, 2009.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Texto, gêneros do discurso e ensino. Gêneros do discurso na escola. São Paulo: **Cortez**, 5, 17-45. 2000.

BREDA, Mauro. et al. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

CARLOMAGNO, Maximiliano; BRHUM, Paulo R. L. Estratégia em ambientes complexos e imprevisíveis. Anais do Encontro de Estudos em Estratégia – 3E's. Rio de Janeiro: **Anpad**, 2. 2005.

DARIDO, Suraya C. **Educação Física escolar**: compartilhando experiências. São Paulo: Phorte, 2011.

DARIDO, Suraya C.; **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

EISENHARDT, K.; BROWN, S. Competing on the Edge. Boston: **Harvard Business School Press**. 1998.

FABIANI, Debora J. F.; SCAGLIA, Alcides J. O inventário da cultura lúdica: os espaços, os materiais e os jogos desenvolvidos pelas crianças no horário livre. **Ludicamente**, v. 7, n. 14, 2016.

FERNANDES, Cleoni. Amorosidade. (in) STRECK, Danilo. R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. J. (Ed.). **Dicionário Paulo Freire**. Autêntica, 2019

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes Escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. Teoria e Educação, Porto Alegre: **Pannonica**, n.5, p. 28-54, 1992.

FRANÇOSO, Saulo; NEIRA, Marcos G. Contribuições do legado freireano para o currículo da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, p. 531-546, 2014.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 2. ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1977;

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992;

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 2005.

GIOVANNINI, Fabrizio. As organizações e a complexidade: um estudo dos sistemas de gestão da qualidade. Diss. **Universidade de São Paulo**, 2002.

GLEICK, J. **A criação de uma nova ciência**. (9.ed.) Rio de Janeiro: Campus. 1999.

GOMES, Mariana S. P. **Procedimentos Pedagógicos para o ensino de lutas**: contextos e possibilidades. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Gomes (2010)

KUNZ, Elenor. **Educação Física**: ensino e mudanças. Ijuí:UNIJUÍ, 1991.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí. 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. **Ludicidade**: o que é mesmo isso, p. 22-60, 2002.

MARIETTO, Marcio Luiz.; SANCHES, Cida; MEIRELES, Manuel. Teoria do caos: uma contribuição para a formação de estratégias. **Revista Ibero Americana de Estratégia**, v. 10, n. 3, p. 66-93, 2011.

NAKAYAMA, Massatoshi. **O Melhor do Karate**: visão abrangente-praticas. Cultrix, São Paulo, 1996.

NASCIMENTO, Paulo Rogério Barbosa.; ALMEIDA Luciano. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. **Movimento**, Porto Alegre, 2007.

NEIRA, Marcos Garcia. Círculo de cultura e Educação Física: a tematização do funk na escola. **Kinesis**, v. 36, n. 1, 2018.

NOGUEIRA, Valdilene Aline. et al. Inspirações Freirianas e Educação Física escolar: a organização do currículo em uma comunidade de aprendizagem brasileira. **Motrivivência**, v. 31, n. 59, 2019.

NOGUEIRA, Valdilene Aline. et al. Práticas corporais e Paulo Freire: uma análise sobre a produção do conhecimento. **Movimento**, v. 24, p. 1265-1280, 2018.

OLIVEIRA, Cláudio Marcio. **(Des)construindo e (re)construindo o esporte na escola**: a história como parceira dessa viagem. In T. P. Nóbrega (Ed.), A educação física no ensino fundamental (6o ao 9o ano) (pp. 25-43). UFRN/PAIDEIA/MEC. 2007.

PAES, Roberto Rodrigues. **A pedagogia do esporte e os jogos coletivos**. In: ROSE Jr, D. (Org.). Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PEREIRA Alex Sousa, OLIVEIRA Marcelo, SANTOS Diego Ramires, SILVA Alysson dos Anjos. Lutas corporais e artes marciais na Educação Física Escolar: transcendendo limites. **Lect Educ Física y Deport** 2023;28:178-99. <https://doi.org/10.46642/efd.v28i303.3594>.

PEREIRA Alex Sousa, REIS Fábio Pinto Gonçalves, CARNEIRO Kleber Tuxen, SCAGLIA Alcides José. **Pedagogia das Lutas/Artes Marciais**: do ambiente de jogo a sistematização do ensino. 1st ed. Curitiba: Publishing Brazil; 2021.

PEREIRA, Alex Sousa. **Livro-Experiência para o ensino-aprendizagem das Lutas nas aulas de Educação Física do Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Educação), Departamento de Educação, Universidade Federal de Lavras. 2018.

PEREIRA, Marcos Paulo. et al. Lutas na escola. **Conexões**, v. 15, n. 3, p. 338-348, jul./ set., 2017.

PRODOCIMO, Elaine; SPOLAOR, Gabriel C.; SO, Marcos R.; **O Pensamento de Paulo Freire e ações pedagógicas no cotidiano da Educação Física escolar no Brasil**. In SOUSA, C. A., NOGUEIRA, Valdirene A., MALDONADO, Daniel T. Educação Física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo. Curitiba: CRV. (2019)

REVERDITO, Riller Silva.; SCAGLIA, Alcides José.; PAES, Roberto. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**. Journal of Physical Education. UNESP, p. 600-610, 2009.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. **A pedagogia das lutas**: caminhos e possibilidades. Paco Editorial, 2012.

SCAGLIA, Alcides J.; GOMES, Mariana S. P. Projeto de Extensão - **Crescendo com as Lutas**. Limeira: FCA/UNICAMP, 2011

SILVA, Angélica Silva. Uma proposição de ensino para o Ultimate Frisbee: do jogo às categorias pedagógicas freirianas. Dissertação de Mestrado. (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Lavras. 2021.

SILVA, Petronilha Beatriz. **Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania**. In: ABRAMOWICZ, Anete; SILVÉRIO, Valter R. (orgs.). Afirmando diferenças: montando o quebra cabeça da diversidade na escola. Campinas: Papirus, 2005, p.27-53.

SIQUEIRA, Bruno Nascimento. Sobre a ideia de ensino do movimento dialógico-problematizador: para pensar o” se movimentar”. **Kinesis**, v. 39, 2021.

SOARES, Carmem Lúcia. et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Cláudio A., NOGUEIRA, Valdirene A., MALDONADO, Daniel T. **Educação Física escolar e Paulo Freire**: ações e reflexões em tempos de chumbo. Curitiba: CRV. (2019)

SOUSA, Cláudio A.; MALDONADO, Daniel T.; FARIAS, Uirá S. A tematização do sertanejo nas aulas de Educação Física: o círculo de cultura como inspiração para a prática pedagógica. **Motrivivência**, v. 32, n. 62, 2020.

STACEY, R. D. D. Strategy as order emerging from chaos. *Long Range Planning*, 26(1). 1993.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. J. (Ed.). **Dicionário Paulo Freire. Autêntica**, 2019

TETENBAUM, T. J. Shifting paradigms: from newton to chaos. **Organizational Dynamics**, 26 (Issue 4). 1998.

VAGO, Tarcísio Mauro. Esporte na escola e esporte da escola: da negação radical a uma relação de tenção permanente. **Movimento** – Ano III - Nº 5 – 1996.

## AUTOR E AUTORA DESSA OBRA

### **Prof. Dr. Álex Sousa Pereira**



Licenciado em Educação Física e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras, UFLA, doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. É docente do Departamento de Corpo e Movimento Humano da Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG-Passos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Física Escolar e ensino de Lutas/Artes Marciais. Participa do EscolaR, Grupo de estudos e pesquisa sobre

Educação Física escolar, que tem como referencial teórico básico a Pedagogia da Libertação de Paulo Freire.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1508922895469646>

### **Profa. Dra. Elaine Prodocimo**

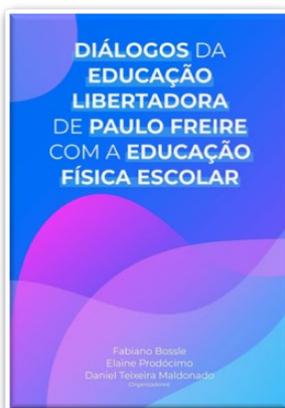


Licenciada e bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, com mestrado em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos, UFScar, doutorado em Educação Física pela Unicamp e pós doutorado pela Universidade de Murcia, Espanha. É docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Física Escolar. Coordena

o EscolaR, Grupo de estudos e pesquisa sobre Educação Física escolar, que tem como referencial teórico básico a Pedagogia da Libertação de Paulo Freire.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0911069054007202>

## OUTRAS OBRAS DO AUTOR E DA AUTORA



1. **Educação Física Escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo** - [clique aqui](#)
2. **Diálogos da Educação Libertadora de Paulo Freire com a Educação Física Escolar** - [clique aqui](#)
3. **Freireando a 100 anos: o encontro com a Educação Física escolar** - [clique aqui](#)
4. **Lutas/Artes Marciais da Educação Física escolar: entremeando jogo, rizoma e educação-experiência** - [clique aqui](#)
5. **Pedagogia das Lutas/Artes Marciais: do ambiente de jogo a sistematização do ensino** - [clique aqui](#)

